Baseado na obra de:
L.J. SMITH

E na série de TV produzida por:
KEVIN WILLIAMSON & JULIE PLEC

DIÁRIOS do VAMPIRO

Livro inspirado na série de TV
Vampire Diaries

DIÁRIOS DE STEFAN

1

Origens

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by convertEPub

DIÁRIOS do VAMPIRO

DIÁRIOS DE STEFAN

Sinopse

Stefan Salvatore, braço direito do pai em Veritas, se prepara para administrar a propriedade da família até ver seus sonhos interrompidos pela expectativa de um casamento arranjado. Rosalyn é de boa estirpe, muito recatada... mas Stefan não vê um futuro feliz ao seu lado. Já seu irmão, Damon, recém-chegado da guerra, é indomável e comprometido apenas com seus desejos.

Apesar das personalidades conflitantes, Stefan e Damon são inseparáveis até conhecerem Katherine, uma jovem misteriosa e deslumbrante que, depois de perder os pais num incêndio, encontra abrigo na residência de Giuseppe Salvatore e seus filhos. Katherine e Emily, sua criada, passam a viver na casa de hóspedes e atraem a atenção de todos enquanto a cidade parece a ponto de sucumbir a estranhos ataques a animais.

Logo os irmãos estão disputando a atenção de Katherine sem saber que, por trás de seus suntuosos vestidos de seda, jóias e sorriso inocente, ela esconde um terrível segredo que marcará as vidas dos três para sempre.

Esse livro foi escrito por um ghost-writer americano, baseado nos livros da autora L.J. Smith e no roteiro da série de TV, The Vampire Diaries.

série **Diários do Vampiro**

O Despertar
O Confronto
A Fúria
Reunião Sombria

série **Diários do Vampiro: O Retorno**

Anoitecer
Almas Sombrias
Meia-Noite

série **Diários de Stefan**

Origens
Sede de Sangue
The Craving
The Ripper
The Asylum
The Compelled

série **Diários do Vampiro: Caçadores**

Espectro
Moonsong
Destiny Rising

série **Diários do Vampiro: A Salvação**

Unseen
Unspoken
TBA

Contos de Diários do Vampiro

Matt & Elena: Primeiro Encontro (se passa antes da série original)
Bonnie & Damon: Depois do Expediente (se passa durante a série original)
O Sangue Dirá (final alternativo de *Reunião Sombria*)
As Árvores (se passa após *Reunião Sombria*)
Matt & Elena: Décimo Encontro no Lago Wickery (se passa antes da série original)

L.J.Smith

Diários do Vampiro

Diários de Stefan

Origens

Prólogo

Eles a chamam de momento mágico, o momento no meio da noite quando nenhum humano está acordado,quando as criaturas da noite podem ouvir as suas respirações,cheirar o sangue deles, observar os seus sonhos se desenrolarem. É o momento quando o mundo é nosso,quando nós podemos caçar,matar, proteger.

É à hora em que estou mais ansioso para me alimentar. Mas eu tenho que me conter. Por que me contendo, apenas caçando animais cujo sangue não me desperta desejo, cujos corações não são esmagados por júbilo, cujos anseios não se tornam sonhos, eu posso controlar o meu destino. Eu posso me afastar do lado sombrio. Eu posso controlar o meu poder.

Épor isso que, numa noite em que posso sentir o cheiro de sangue ao meu redor,quando eu sei que em um instante poderia me conectar ao poder que venho resistindo por tanto tempo, e que resistirei por toda eternidade, eu preciso escrever. Escrevendo a minha história, observando várias cenas e anos se conectando entre si, como anéis de uma interminável corrente, eu posso permanecer conectado a quem eu era,quando eu era humano,quando o único sangue que eu sentia borbulhando em minhas orelhas, e sentia circulando por meu coração, era o meu...

1

O dia em que minha vida mudou começou como qualquer outro. Era uma tarde quente em agosto de 1864, o clima tão opressivo que até mesmo as moscas pararam de fervilhar em volta do estábulo. Os filhos dos serventes, que normalmente brincavam de jogos violentos e gritavam enquanto corriam de um lado para o outro, estavam em silêncio. O ar estava parado, como se estivesse segurando uma tempestade muito esperada. Eu tinha planejado passar algumas horas montando a minha égua, Mezzanotte, na floresta gélida dos limites da Fazenda Veritas — o lar de minha família. Coloquei em minha mochila um livro, e pretendia simplesmente fugir.

Era isso o que eu estive fazendo na maioria dos dias deste verão. Dezessete anos e inquieto, pronto para me juntar na guerra com meu irmão, não para o meu pai me ensinar a comandar a fazenda. Toda a tarde eu esperava a mesma coisa: que as várias horas de isolamento me ajudariam a descobrir quem eu era e o que eu quero ser. Meus estudos na Academia para Garotos acabaram na última primavera, e meu pai me fez adiar a matrícula na faculdade da Virgínia até a guerra terminar. Desde então, eu estive curiosamente preso em um meio termo. Eu não era mais um garoto, nem um homem, e totalmente inseguro sobre o que fazer comigo mesmo.

A pior parte era que eu não tinha ninguém para conversar.

Damon, meu irmão, estava sendo cavalariço do general do exército em Atlanta, a maioria dos meus amigos de infância estavam noivos, ou estavam em distantes campos de batalhas, e meu pai estava constantemente estudando.

— Vai ser espetacular! — nosso superintendente, Robert, gritou dos limites do estábulo, onde ele estava assistindo dois garotos cavalariços tentando refrear um dos cavalos que meu pai tinha comprado em um leilão semana passada.

— Sim —, eu resmunguei. Esse era outro problema: Enquanto eu ansiava para conversar com alguém,quando presenteado com um

companheiro de conversa,eu nunca tinha assunto. O que eu queria desesperadamente era alguém que pudesse me entender, quem pudesse discutir coisas reais como livros e a vida, e não apenas o clima. Robert era muito agradável, e um dos conselheiros de maior confiança de meu pai, mas ele era tão barulhento e impetuoso que dez minutos de conversa com ele poderia me deixar exausto.

— Sabe da última? — Robert perguntou, abandonando o cavalo e andando em minha direção. Eu grunhi novamente. Eu balancei a minha cabeça.

— Não tenho lido os jornais. O que a cavalaria do General fez agora?

— Eu perguntei, embora conversar sobre a guerra me deixasse inquieto.

Robert protegeu seus olhos do sol enquanto balançava a cabeça.

— Não, não a guerra. Os ataques de animais. O povo lá no Griffin perdeu cinco galinhas. Todas com cortes em seus pescoços.

Eu parei na metade de um passo, cabelos atrás de meu pescoço se arrepiando. Durante todo o verão, relatos de estranhos ataques de animais surgiram nas plantações vizinhas. Normalmente os animais eram pequenos, principalmente galinhas e gansos, mas algumas semanas atrás alguém — Robert provavelmente, depois de quatro ou cinco doses de uísque — tinha começado um rumor de que os ataques eram obra de demônios. Eu não acreditei nisso, mas era um lembrete de que o mundo já não era mais o mesmo no qual eu cresci. Tudo estava se transformando, eu querendo, ou não.

— Pode ter sido um cachorro vira-lata que as matou —, eu disse a Robert, movimentando as minhas mãos com impaciência, repetindo as palavras que ouvi meu pai dizer a Robert semana passada. Uma brisa passou, fazendo os cavalos baterem suas patas nervosamente.

— Bem, então, eu espero que um desses cães vira-latas não encontre você enquanto estiver cavalgando sozinho, como você tem feito todo dia. Com isso, Robert se afastou em direção ao pasto.

Eu caminhei em direção ao gélido, e sombrio estábulo. O constante ritmo da respiração e resfolegar dos cavalos imediatamente me tranquilizaram. Eu arranquei a escova de Mezzanotte da parede,

e comecei a passar por seu macio pêlo cor de carvão. Ela relinchou em apreciação.

Então, a porta do estábulo se abriu, e meu pai entrou. Um homem alto, ele tinha tanta força e presença que facilmente, intimidava aqueles que cruzavam o seu caminho. Seu rosto estava marcado por rugas, o que só aumentava a sua autoridade, e ele usava um paletó formal, apesar do calor.

— Stefan? —, meu pai chamou,olhando pelo estábulo. Mesmo que ele vivesse no Veritas por anos, provavelmente ele esteve no estábulo algumas vezes, preferindo ter seus cavalos preparados e trazidos diretamente até a porta.

Eu saí da cocheira de Mezzanotte.

Meu pai começou a voltar até a saída do estábulo. Seus olhos caíram sobre mim, e eu me senti subitamente envergonhado por ele me ver suado e sujo.

— Nós temos cavalariços por um motivo, filho.

— Eu sei —, eu disse sentindo que tinha o desapontado.

— Há hora e lugar para se divertir com cavalos. Mas então chega à hora de um garoto parar de brincar e se tornar um homem. Ele bateu nos flancos de Mezzanotte, forte. Ela bufou e recuou.

Eu trinquei o maxilar, esperando que ele me dissesse como, em minha idade, ele se mudou para a Virgínia apenas com roupas em suas costas. Como ele lutou e negociou a construir uma parcela minúscula, um acre de terra em que agora eram duzentos hectares formando a Fazenda Veritas. Ele a chamava assim por que *veritas* é uma palavra em latim que significa *verdade*, por que ele aprendeu que enquanto um homem procurava pela verdade e encontrava a decepção, ele não precisava de mais nada na vida.

Meu pai se encostou à porta do estábulo.

— Rosalyn Cartwright acaba de comemorar seu aniversário de dezesseis anos. Ela está à procura de um marido.

— Rosalyn Cartwright? Eu repeti. Quando nós tínhamos doze anos, tinha ido terminar a escola fora, em Richmond, e eu há anos não a via. Ela era uma garota indescritível, com cabelos loiros e olhos castanhos. Em toda memória que eu tinha dela ela usava um vestido marrom. Ela nunca tinha sido bronzeada e alegre como Clementine Haverford, ou delicada e resoluta como Amelia Hawke, ou esperta e

travessa como Sarah Brennan. Ela era apenas uma sombra no fundo, participante de todas as nossas aventuras de infância, mas nunca idealizadora delas.

— Sim, Rosalyn Cartwright. Ele me deu um dos seus raros sorrisos, e com os cantos dos lábios arqueados, qualquer um pensaria que ele estaria sendo sarcástico se não o conhecesse tão bem.

— O pai dela e eu estivemos conversando, e isso parece ser uma união ideal. Ela sempre esteve apaixonada por você, Stefan.

— Eu não sei se Rosalyn Cartwright e eu combinamos —, eu murmurei, sentindo que o frio das paredes do estábulo tomava conta de mim. É *claro* que meu pai e o Sr. Cartwright estiveram conversando. O Sr. Cartwright era proprietário do banco na cidade; se ele e meu pai tivessem uma aliança, seria fácil expandir ainda mais a Veritas. E se tivessem falado sobre isso, era tão bom quanto certo que Rosalyn e eu fôssemos marido e mulher.

— É claro que você não sabe garoto! — Ele gargalhou, dando um tapa em minhas costas. Ele notavelmente estava em bom estado de espírito. Meu estado de espírito, no entanto, afundava cada vez mais com cada palavra. Eu apertei meus olhos, fechando-os, esperando que isso tudo fosse um pesadelo.

— Nenhum garoto na sua idade sabe o que é bom para si. É por isso que você precisa confiar em mim. Eu estou organizando um jantar para semana que vem para celebrar a união de vocês dois. Enquanto isso faça a ela uma visita. Conheça-a. Cumprimente-a. Deixe-a se apaixonar por você. Ele finalizou, pegando minha mão e colocando uma caixa em minha palma.

E quanto a mim? E se eu não quiser que ela se apaixone por mim? Eu queria dizer. Mas eu não disse. Ao invés disso, eu coloquei a caixa em meu bolso sem olhar para o seu conteúdo, então voltei para Mezzanotte, a escovando com força.

Ela bufou e se afastou com indignação.

— Estou feliz por termos tido essa conversa, filho — Meu pai disse. Eu esperei ele notar que eu mal disse uma palavra, para perceber que era um absurdo me pedir para casar com uma garota que não vejo há anos.

— Pai? — Eu disse, esperando ele dizer algo que me libertasse do destino que ele tinha definido para mim.

— Eu acho que outubro seria adorável para um casamento—, meu pai disse a porta se fechando em um estrondo atrás dele.

Cerrei a mandíbula em frustração. Pensei em nossa infância,quando Rosalyn e eu nos encontrávamos forçados a sentarmos juntos nos churrascos de sábado, e em eventos da igreja. Mas a socialização forçada simplesmente não funcionou, e logo quando tivemos idade suficiente para escolher nossos próprios companheiros, Rosalyn e eu seguimos caminhos separados. A nossa relação era para ser como era quando éramos dez anos mais novos — ignorando cada um, enquanto obedientemente fazíamos nossos pais felizes. Exceto que agora, eu percebi amargamente, seriamos obrigados a nos unir para sempre.

2

Na tarde seguinte, me encontrei sentado em uma cadeira baixa e dura de veludo na sala de estar dos Cartwright's. Em todo tempo que eu mudava, tentando encontrar uma posição de conforto no assento desconfortável, eu sentia o olhar da Sra. Cartwright, Rosalyn e sua empregada em mim. Parecia que eu era o tema de um retrato em um museu, ou um personagem de um drama. A sala da frente me lembrou algo pronto para brincar — dificilmente um lugar para se relaxar. Ou conversar, que seja.Durante os quinze minutos de minha chegada,tínhamos hesitantemente discutido sobre o clima, a nova loja na cidade e a guerra.

Depois disso,longas pausas reinaram, o único som era o estalido oco de agulhas de tricô da empregada. Eu olhei novamente para Rosalyn,tentando encontrar algo sobre sua pessoa para elogiar.Ela tinha um rosto petulante com uma covinha no queixo,e suas orelhas eram pequenas e simétricas. De alguns centímetros da metade do tornozelo eu podia ver abaixo da orla do vestido que ela tinha uma delicada estrutura óssea.

Então uma dor aguda subiu pela minha perna. Deixei escapar um grito,então olhei para o chão onde um pequeno cão acobreado do tamanho de um rato tinha incorporado seus dentes pontiagudos na pelo do meu tornozelo.

— Oh,essa é a Penny. Penny só estava dizendo 'oi', não é? Rosalyn arrulhou,pegando o pequeno animal em seu colo.O cão olhou para mim,continuando a mostrar os seus dentes.Eu me encostei mais na cadeira.

—Ela é,uh, uma gracinha—, eu disse, embora não pudesse entender o por que de um cão tão pequeno.Os cães supostamente deveriam ser companheiros que poderiam te acompanhar em uma caçada,não ornamentos para combinar com os móveis.

— Sim, não é mesmo? — Rosalyn parecia encantada. — Ela é a minha melhor amiga, e devo dizer, eu estou apavorada em deixá-la

sair com todos esses relatos de morte de animais!

— Eu estou te dizendo, Stefan, estamos com tanto medo! — Sra. Cartwright pulou, alisando com as mãos o seu vestido azul-marinho.—Eu não entendo esse mundo. Isso simplesmente não encoraja nós mulheres a saírem.

— Seja o que for,espero que não nos ataque.As vezes eu fico com medo de colocar os pés para fora de casa,mesmo quando está de dia—, Rosalyn disse,agarrando Penny firmemente contra seu peito.O cão ganiu e pulou para o seu colo.

—Eu morreria se algo acontecesse com Penny.

— Tenho certeza de que ela vai ficar bem. Apesar do que os ataques tem acontecido nas fazendas, não na cidade—, eu disse tentando sem entusiasmo confortá-la.

— Stefan?— Sra. Cartwright perguntou em sua voz estridente, a mesma que ela usou para repreender Damon e eu por sussurrar na igreja. Seu rosto estava comprimido, e sua expressão parecia a de quem tinha acabado de chupar um limão.

— Você não acha que Rosalyn parece especialmente linda hoje?—

— Oh, sim — menti. Rosalyn estava vestindo um monótono vestido marrom que combinava com seu cabelo loiro acastanhado.Cachos soltos caiam por seus ombros magros. Sua roupa era um contraste direto com a sala que foi decorada com mobília de carvalho,cadeiras de brocado,e tapetes orientais de cor escura sobreposto ao reluzente piso de madeira.Num canto mais afastado,ao longo da cornija de mármore, um retrato do Sr. Cartwright me encarava,com uma expressão séria no rosto. Eu olhei para ele com curiosidade. Em contraste com sua esposa,que estava acima do peso e com rosto avermelhado,o Sr. Cartwright era fantasmagoricamente pálido e magro — e parecia ligeiramente perigoso,como os abutres que vimos circulando o campo de batalha no verão passado.Considerando como os seus pais eram,Rosalyn tinha ficado admiravelmente bem.

Rosalyn corou. Eu fiquei na borda da cadeira,sentindo a caixa de jóias no bolso de trás.Eu tinha olhado o anel na noite passada,enquanto o sono não vinha.Eu reconheci instantaneamente. Era uma esmeralda rodeada por diamantes,feito pelos melhores

artesãos em Veneza,e usado pela minha mãe até o dia em que ela morreu.

— Então Stefan, o que você acha de rosa? Rosalyn perguntou, me tirando de meu devaneio.

— Me perdoe, como? Eu perguntei,distraído.

A Sra. Cartwright me lançou um olhar irritado.

— Rosa? Para o jantar semana que vem? É tão a cara de seu pai planejar isso —, Rosalyn disse,seu rosto corando enquanto olhava para o chão.

— Eu acho que rosa ficará maravilhoso em você. Você ficará linda, não importa o que você vestir—, eu disse rigidamente, como se fosse um ator lendo linhas de um script.Sra. Cartwright sorriu em aprovação.O cachorro correu até ela.Ela começou a acariciar o seu pêlo.

De repente, a sala parecia quente e úmida. Os enjoativos perfumes da Sra. Cartwright e de Rosalyn fizeram minha cabeça girar.Eu dei um olhar para um relógio de pêndulo antigo em um canto.Eu estou aqui faz apenas cinquenta e cinco minutos,mas bem que pareceu cinquenta e cinco anos.

Eu levantei, as pernas tremendo embaixo de mim.

— Foi adorável visitar vocês, Sra. E Srta. Cartwright,mas eu relutantemente não quero privá-las do restante de sua tarde.

— Obrigada— Sra. Cartwright assentiu,sem se levantar de seu sofá.—Maisy vai te mostrar a saída—,ela disse,inclinando o seu queixo em direção a empregada,que agora cochilava sobre o seu tricô.

Eu soltei um suspiro de alívio quando saí da casa.O ar estava gélido contra minha pele fria e úmida,e eu estava feliz por não ter um cocheiro esperando por mim,eu seria capaz de limpar a minha mente enquanto andava as duas milhas até a minha casa.O sol estava começando a sumir no horizonte,e o cheiro de madressilva e jasmim pesavam no ar.

Eu olhei para a Veritas enquanto caminhava até a colina. Lírios florescendo tomavam conta de vasos no caminho até a porta da frente de casa.As colunas brancas do alpendre brilhavam em laranja sob o sol, a superfície da lagoa brilhava como um espelho a distância, e eu podia ouvir o som distante de crianças brincando perto do quarto de empregados.

Esta era a minha casa, e eu a amava.

Mas eu não podia me imaginar compartilhando-a com Rosalyn. Eu enfiei as mãos nos bolsos,e com raiva chutei uma pedra na curva da estrada.

Eu parei quando alcancei a entrada,onde uma carruagem desconhecida estava estacionada.Eu olhei com curiosidade — raramente tínhamos visitas— um cocheiro de cabelos brancos pulou da cadeira de condutor e abriu a cabine. Uma linda, e pálida mulher com uma cascata de cachos escuros saiu.Ela usava um vestido branco esvoaçante,amarrado em sua cintura uma fita cor de pêssego.Um chapéu cor de pêssego combinando com a fita estava sobre a sua cabeça,ocultando os seus olhos.

Como se ela soubesse que eu estava olhando,ela se virou. A despeito de mim mesmo,eu engasguei.Ela era mais do que linda,ela era sublime.

Mesmo em uma distância de vinte passos,eu podia ver os seus olhos escuros cintilando, seus lábios rosados curvados em um pequeno sorriso. Seus dedos finos tocaram um colar de *cameo* azul em sua garganta, e eu me encontrei espelhando o gesto, imaginando como seria o toque de sua pequena mão em minha pele.

Então, ela se virou novamente,e uma mulher, que deveria ser sua criada,saiu da cabine, causando agitação com a sua saia agitando ao vento.

— Olá ! —, ela chamou.

— Olá ... eu murmurei. Enquanto eu respirava, senti uma mistura explosiva de gengibre e limão.

— Eu sou Katherine Pierce, e você ? —, ela perguntou, sua voz brincalhona. Era como se ela soubesse que a sua beleza tinha me deixado de língua presa. Eu não tinha certeza se deveria me sentir agradecido ou mortificado por ela assumir a dianteira.

— Katherine —, repeti lentamente, lembrando da história que meu pai contou de um amigo de um amigo em Atlanta. Seus vizinhos haviam perecido em um incêndio durante o cerco do General Sherman,e a única sobrevivente foi uma garota de dezesseis anos. Imediatamente, meu pai havia oferecido uma carruagem até a nossa casa para a garota. Isso tinha soado muito misterioso e romântico,e quando ele me disse isso,eu percebi o quanto ele gostava da idéia de

ser o salvador dessa pobre jovem órfã.

— Sim, ela disse, seus olhos dançando. — E você é ...

— Stefan ! —, eu disse rapidamente. — Stefan Salvatore. Filho de Giuseppe. E eu sinto muito pela tragédia de sua família.

— Obrigada —, ela disse. E em um instante seus olhos se tornaram sombrios e escuros. — E eu agradeço a você e seu pai por hospedarem a mim e a minha criada, Emily. Eu não sei o que teríamos feito sem vocês.

— Sim, claro —, me senti subitamente protetor.

— Você estará no estacionamento da carruagem. Gostaria de que eu te mostrasse?

— Encontraremos, por nossa própria conta. Obrigada, Stefan Salvatore —, Katherine disse,seguindo o cocheiro,que carregava um grande tronco de arvore em direção a casa de hóspedes, localizada em frente a casa principal. Ela se virou e olhou para mim.

— Ou eu devo chamá-lo de Stefan Salvador? —, ela perguntou, dando uma piscadela antes de girar nos calcanhares. Eu a observei caminhar ao pôr-do-sol,sua criada ao seu lado, e imediatamente eu soube que minha vida nunca mais ia ser a mesma.

3

21 de Agosto, 1864

Eu não consigo parar de pensar nela. Nem mesmo escrevo o seu nome; eu não ouso. Ela é linda, extasiante, singular. Quando estou com Rosalyn, eu sou o filho de Giuseppe, o garoto Salvatore, essencialmente trocável por Damon. Eu sei que não importaria nada para os CartwrightS se Damon pegasse o meu lugar. Eu só fui o escolhido porque meu pai sabia que Damon não iria tolerar isso, sabia que eu diria sim, do mesmo modo de sempre.

Mas quando a vi, seu corpo leve, seus lábios vermelhos, seus olhos que eram tremulantes, tristes e eletrizantes, tudo ao mesmo tempo... Como se fosse finalmente eu, Stefan Salvatore. Eu devo ser forte. Devo tratá-la como uma irmã.

Devo me apaixonar pela mulher que será minha esposa.

Mas temo que seja tarde demais...

Rosalyn Salvatore, falei para mim mesmo no dia seguinte, sentindo o sabor das palavras enquanto saía pela porta, pronto para cumprir meu dever fazendo uma segunda visita á minha futura-noiva. Imaginei viver com Rosalyn na cocheira — ou talvez em alguma mansão menor que o meu pai construiria como nosso presente de casamento —, eu trabalhando o dia inteiro, examinando livros com meu pai no seu estudo desinteressante, enquanto ela cuidava dos nossos filhos. Tentei me sentir animado. Mas tudo que sentia era um medo gelado vazando pelas minhas veias.

Andei pela grande trilha da Veritas e fitei ansiosamente a cocheira. Fiquei a tarde olhando da janela na direção da casa, mas

não consegui ver nenhum tremeluzir de luz de velas. Se eu não soubesse que ela e Emily haviam se mudado, teria assumido que a casa permanecera vazia. Finalmente fui dormir, imaginando o tempo todo o que Katherine estava fazendo e se ela precisava de conforto.

Arranquei os meus olhos das sombras monótonas de lá de cima e marchei pela estrada para carros. A estrada de sujeira sob os meus pés era dura e rachada; precisávamos de uma boa tempestade. Mas nenhuma brisa soprava e o ar parecia morto. Até onde pude ver, não havia ninguém do lado de fora e, enquanto andava, os cabelos na parte de trás do meu pescoço se eriçaram, e tive a sensação inquieta de que não estava sozinho. Espontaneamente, os alertas de Robert sobre sair sozinho vagaram pela minha mente.

— Olá? — falei enquanto me virava.

Me assustei. Parada a apenas alguns metros atrás de mim, encostada em uma das estátuas de anjo que ladeavam a estrada, estava Katherine. Ela usava um chapéu de sol branco que protegia a sua pele de marfim e um vestido branco pontilhado com minúsculos botões de rosas. Apesar do calor, sua bela pele parecia tão fria quanto a lagoa numa manhã de dezembro.

Ela sorriu para mim, exibindo dentes brancos e perfeitamente retos.

— Eu esperava por um *tour* pelos terrenos, mas parece que você já está comprometido de outro jeito.

Meu coração martelou com a palavra "comprometido", a caixa do anel no meu bolso traseiro mais pesada que marcação a ferro.

— Eu não estou... Não. Quero dizer — gaguejei —, eu posso ficar.

— Tolice. — Katherine sacudiu a cabeça. — Já estou tomando o alojamento de você e do seu pai. Não tomarei o seu tempo também. — Ela ergueu uma sobrancelha escura para mim.

Nunca antes eu falei com uma garota que parecia tão à vontade e segura de si. Eu senti o impulso súbito e esmagador de puxar rapidamente o anel do meu bolso e oferecê-lo para Katherine ajoelhado. Mas então pensei no meu pai e forcei a minha mão a ficar parada.

— Posso pelo menos andar com você um pouco? — perguntou Katherine, balançando a sombrinha para frente e para trás.

Sociavelmente, nós andamos pela estrada.Continuei olhando para a minha esquerda e direita, me perguntando por que ela não parecia nervosa em andar, desacompanhada, com um homem.Talvez fosse porque ela era órfã e tão inteiramente sozinha no mundo. Qualquer que fosse o motivo, eu estava grato por isso.

Uma brisa leve soprou em volta de nós, e eu inalei o perfume cítrico de gengibre, me sentindo como se pudesse morrer de felicidade bem ali, ao lado de Katherine. Estar simplesmente perto dela era um lembrete de que beleza e amor existiam no mundo, mesmo se eu não pudesse possuí-los.

— Acho que vou chamar você de Stefan Silencioso — Katherine falou enquanto andávamos pelo grupo de carvalhos que marcava a fronteira entre a aldeia de Mystic Falls e as plantações e as propriedades rurais externas.

— Desculpe... — comecei, receando que fosse tão estúpido para ela quanto Rosalyn era para mim. — É só que nós não recebemos muitos visitantes em Mystic Falls. É difícil falar com alguém que conhece toda a minha história. Acho que não quero te entediar. Depois de Atlanta, tenho certeza que você acha Mystic Falls um pouco quieta. — Senti-me mortificado assim que a frase deixou meus lábios. Os pais dela *morreram* em Atlanta, e cá estava eu, fazendo isso parecer como se ela tivesse deixado uma vida emocionante para viver aqui. Limpei a garganta. — Quero dizer, não que você ache Atlanta animadora, ou que você não goste de ficar longe de tudo.

Katherine sorriu.

— Obrigada, Stefan. Isso é encantador. — Seu tom deixou claro que ela não queria se aprofundar mais no assunto.

Andamos em silêncio por mais algum tempo. Manti meus passos deliberadamente curtos para que Katherine pudesse me acompanhar. Então, por acidente ou por um arranjamento que eu não sabia, os dedos de Katherine correram pelo meu braço. Eles eram frios como gelo, mesmo no ar úmido.

— Apenas para que você saiba — ela disse —, eu não acho *nada* em você entediante.

Meu corpo inteiro flamejou quente como um incêndio. Olhei para a estrada, como se tentasse determinar a melhor rota para

seguirmos, apesar de na verdade estar escondendo o meu rubor de Katherine. Senti de novo o peso do anel no meu bolso, mais pesado que nunca.

Virei para encarar Katherine, para dizer o quê, não tinha nem ideia. Mas ela não estava mais ao meu lado.

— Katherine? — chamei, cobrindo os olhos do sol, esperando o alegre riso dela vir da vegetação rasteira ao longo da estrada. Mas tudo o que ouvi foi o eco da minha própria voz. Ela desaparecera.

4

Eu não fui visitar os Cartwright naquele dia. Em vez disso, depois de procurar pela trilha, corri os três quilômetros de volta à propriedade, aterrorizado com a ideia de que Katherine tinha sido de algum jeito arrastada à floresta por uma mão invisível; talvez pela mesma criatura que estivera aterrorizando as plantações próximas.

Porém, quando cheguei em casa, encontrei-a no balanço da varanda conversando com a criada, um copo molhado de limonada ao seu lado. Sua pele estava pálida, os olhos lânguidos como se ela não tivesse corrido um dia sequer na vida. Como voltara à cocheira tão rápido? Eu queria correr até lá e perguntar, mas me impedi. Eu iria parecer um tolo, recontando os pensamentos rodopiantes na minha cabeça.

Naquele momento, Katherine olhou para frente e cobriu os olhos.

— Já voltou? — gritou como se estivesse surpresa em me ver. Assenti estupidamente enquanto ela deslizava para fora do balanço e entrava em silêncio na cocheira.

A imagem de seu rosto sorridente continuou flutuando até mim no dia seguinte, quando me forcei a visitar Rosalyn. Foi ainda pior do que a primeira visita. A sra. Cartwright se sentou bem ao meu lado no sofá e, sempre que eu mudava de posição, seus olhos cintilavam, como se esperasse que eu tirasse o anel do bolso a qualquer segundo. Sufoquei algumas perguntas sobre Penny, sobre os cachorrinhos que ela tinha desde junho e sobre o progresso que Honoria Fells, a costureira da cidade, tinha feito no vestido cor de rosa de Rosalyn. Mas independente de quanto eu tentasse, tudo que queria era uma desculpa para ir embora e visitar Katherine.

Finalmente, murmurei algo sobre querer chegar em casa antes de anoitecer. Segundo Robert, mais três animais foram mortos, incluindo o cavalo de George Brower bem ao lado da farmácia. Quase me senti culpado quando a sra. Cartwright conduziu-me até a minha

carruagem como se eu estivesse saindo para uma batalha ao invés de ir para casa, a três quilômetros de distância.

Quando cheguei à propriedade, o meu coração afundou quando não vi sinal de Katherine. Eu estava prestes a dar meia-volta até o estábulo para escovar Mezzanotte quando ouvi vozes zangadas emanando das janelas abertas da cozinha da casa principal.

— *Jamais* um filho meu desobedece minhas ordens! Você precisa voltar e tomar o seu lugar no mundo.

Era a voz do meu pai, tingida com o pesado acento italiano que se tornava aparente apenas quando ele estava extremamente chateado.

— Meu *lugar* é aqui. O exército não é para mim. Qual é o grande problema em seguir as minhas próprias vontades? — outra voz gritou, confiante, orgulhosa e zangada, tudo ao mesmo tempo.

Damon.

Meu batimento cardíaco acelerou quando entrei na cozinha e vi o meu irmão. Damon era o meu amigo mais próximo, a pessoa que mais respeitava no mundo — ainda mais que o meu pai, apesar de nunca admitir isso em voz alta. Eu não o via desde o ano passando, quando se juntou ao exército do general Groom. Ele parecia mais alto, o cabelo de alguma forma parecia mais escuro e a pele do pescoço estava bronzeada e coberta de sardas.

Joguei meus braços em torno dele, agradecido por ter chegado em casa quando o fiz. Ele e meu pai nunca se deram bem, e as brigas deles ocasionalmente eram seguidas por socos.

— Irmão! — Ele deu um tapinha nas minhas costas enquanto eu saía do abraço.

— Ainda não terminamos, Damon — meu pai alertou, voltando ao escritório dele. Damon virou para mim.

— Estou vendo que o nosso pai não mudou nada.

— Ele não é tão mal. — Sempre me senti embaraçado por falar mal do meu pai, mesmo quando ficava irritado pelo noivado forçado com Rosalyn.

— Você acabou de voltar? — perguntei, trocando de assunto. Damon sorriu. Leves linhas se formaram em volta dos olhos dele que ninguém notaria a não ser que conhecesse ele bem.

— Uma hora atrás. Eu não poderia perder o anúncio de

noivado do meu irmão mais novo, poderia? — ele perguntou, um leve traço de sarcasmo na voz. — Meu pai contou tudo a respeito. Parece que ele está contando com você para passar o nome Salvatore à frente. E pense só, na hora do Baile dos Fundadores, você estará casado!

Enrijeci. Esqueci completamente do baile. Era o evento do ano, e meu pai, xerife Forbes e o prefeito Lockwood estiveram planejando-o há meses. Em parte um benefício da guerra, em parte uma oportunidade para a cidade curtir o último suspiro de verão, e na maior parte uma chance para líderes da cidade darem palmadinhas um nas costas do outro, o Baile dos Fundadores sempre tinha sido uma das minhas tradição preferidas de Mystic Falls. Agora eu o temia.

Damon deve ter percebido o meu desconforto porque ele começou a remexer na mochila de campismo de lona. Estava imunda e tinha o que parecia ser uma mancha de sangue na ponta. Finalmente, ele tirou de lá de dentro uma grande bola disforme de couro, muito maior e mais alongada que uma bola de beisebol.

— Quer jogar? — ele perguntou, passando a bola de uma mão a outra.

— O que é isso? — eu perguntei.

— Uma bola de futebol americano. Eu e os garotos jogamos quando temos uma folguinha do campo. Será bom para você. Conseguir um pouco de cor para essas suas bochechas. Não queremos você amolecendo — ele disse, imitando a voz do meu pai com tanta perfeição que eu tive que rir.

Damon saiu pela porta e eu o segui, despindo meu casaco de linho. De repente, a luz do sol pareceu mais quente, a grama pareceu mais macia, tudo pareceu *melhor* do que estava a poucos minutos atrás.

— Pega! — gritou Damon, encontrando-me de guarda baixa. Levantei os braços e peguei a bola sobre o peito.

— Posso jogar? — uma voz feminina perguntou, interrompendo o momento.

Katherine. Ela estava usando um vestido de verão simples e lilás, o cabelo preso num coque na base do pescoço. Notei que seus olhos escuros complementavam perfeitamente o brilhante colar camafeu

azul que descansava no seu pescoço. Imaginei enlaçar meus dedos nas mãos delicadas dela, depois beijar o pescoço branco.

Forcei-me a parar de olhar para ela.

— Katherine, esse é o meu irmão, Damon. Damon, essa é Katherine Pierce. Ela está hospedada conosco — falei secamente, olhando de um lado ao outro entre eles para calcular a reação de Damon. Os olhos de Katherine dançaram, como se ela tivesse achado a minha formalidade incrivelmente engraçada. Assim como fez Damon.

— Damon, percebo que você tão encantador quanto seu irmão — ela disse num exagerado acento do sul. Mesmo que fosse uma frase que qualquer garota no país usaria quando falasse com um homem, ela pareceu vagamente zombeteira vindo dos lábios de Katherine.

— Veremos. — Damon sorriu. — Então, irmão, deixamos Katherine jogar?

— Eu não sei — falei, subitamente hesitante. — Quais são as regras?

— Quem precisa de regras? — perguntou Katherine, abrindo um sorriso que revelou os seus dentes brancos e perfeitamente retos. Revirei a bola na minha mão.

— Meu irmão joga duro — alertei.

— De algum jeito acho que jogo mais duro. — Numa rápida arremetida, Katherine pegou a bola do meu aperto. Da mesma forma que no dia anterior, as mãos dela eram frias como gelo apesar do calor da tarde. O toque dela mandou uma onda de energia pelo meu corpo até o cérebro.

— O perdedor terá que cuidar dos meus cavalos! — citou, o vento açoitando seu cabelo.

Damon observou ela correr, depois arqueou uma sobrancelha para mim.

— Essa é uma garota que quer ser caçada.

Com isso, Damon enterrou os calcanhares na terra e correu, o poderoso corpo descendo o morro ruidosamente na direção do lago.

Depois de um segundo, eu também corri. Senti o vento açoitar nas minhas orelhas.

— Vou pegar vocês! — gritei. Era uma frase que eu teria

gritado aos oito anos enquanto brincava com garotas da minha idade, mas senti que as apostas deste jogo eram maiores do que qualquer coisa que já joguei na vida.

5

Na manhã seguinte, os criados de Rosalyn acordaram-me com a notícia afobada de que sua amada cadela Penny, fora atacada. A Sra. Cartwright convocou-me aos aposentos da filha, afirmando que nada acalmava o choro de Rosalyn. Tentei reconfortá-la, mas seu desespero não diminuía.

O tempo todo a Sra. Cartwright lançava-me olhares de reprovação, como se eu devesse ser mais competente na tarefa de acalmar Rosalyn.

— Você tem a mim — tentei, sem jeito, a certa altura, ao me nos para aplacá-la. Rosalyn então atirou os braços à minha volta, chorando tanto no meu ombro que as lágrimas deixaram uma marca molhada no meu colete. Procurei ser solidário, mas senti uma pontada de irritação por tal comportamento. Afinal, eu não me comportei assim quando minha mãe morreu. Meu pai não me permitiu.

"Precisa ser forte, um guerreiro" disse ele no funeral. E assim agi. Não chorei quando nossa babá, Cordélia, apenas uma semana depois da morte da minha mãe, começou a cantarolar distraidamente a cantiga de ninar francesa que mamãe sempre cantava. Nem quando meu pai tirou o retrato dela que ficava pendurado na sala da frente; nem mesmo quando Artemis, o cavalo preferido da minha mãe, teve de ser sacrificado.

— Você viu o cachorro? — perguntou Damon, enquanto entrávamos na cidade naquela noite, para bebermos na taberna. Como o jantar no qual eu teria de propor casamento publicamente a Rosalyn aconteceria dali a dias, beberíamos um uísque para comemorar minhas núpcias iminentes. Ao menos foi como Damon chamou, prolongando seu sotaque bem típico de Charleston e mexendo as sobrancelhas ao falar. Tentei sorrir, como se achasse que era uma ótima piada, mas se eu começasse a falar, sabia que não conseguiria reprimir meu desânimo com o casamento. E não havia

nada de errado com ela. Era somente que... Era somente que ela não era Katherine.

Voltei meus pensamentos para Penny.

Vi... Seu pescoço tinha um corte, mas o animal que fez isso não mordeu suas entranhas. Não é estranho? — perguntei enquanto corria para acompanhá-lo. O exército o deixou mais forte e mais rápido.

—São tempos curiosos, irmãozinho — disse Damon. — Talvez sejam os ianques — brincou ele com um sorriso malicioso.

Ao chegarmos às ruas de pedra, percebi cartazes afixados em muitas portas, oferecendo uma recompensa de 100 dólares a qualquer um que encontrasse o animal selvagem responsável pelos ataques. Olhei o cartaz. Talvez *eu* pudesse encontrá-lo, depois pegaria o dinheiro e compraria uma passagem de trem para Boston ou Nova York, ou uma cidade onde ninguém me encontrasse e onde ninguém tivesse ouvido falar de Rosalyn Cartwright. Sorri comigo mesmo; seria algo que Damon faria — ele nunca se preocupava com as conseqüências ou com os sentimentos dos outros. Eu estava prestes a apontar o cartaz e perguntar o que ele feria com 100 dólares quando vi alguém acenando freneticamente para nós, na frente da botica.

— São os irmãos Salvatore? — chamou uma voz da rua. Semicerrei os olhos contra o crepúsculo e vi Pearl, a boticária, parada na frente da sua loja com a filha, Anna. Pearl e Anna eram também vítimas da guerra. O marido de Pearl morrera no cerco de Vicksburg, na primavera passada. Depois disso, Pearl encontrou um lar em Mystic Falls e administrava uma botica quase sempre movimentada. Jonathan Gilbert, em particular, quase sempre estava ali quando eu passava, queixando-se de alguma enfermidade ou comprando algum remédio. A fofoca da cidade era a de que ele a cortejava.

—Pearl, lembra-se do meu irmão, Damon? — falei enquanto atravessávamos a calçada para cumprimentá-las.

Pearl sorriu e assentiu. Seu rosto não tinha rugas e havia uma brincadeira entre as meninas para tentar descobrir a sua idade. Pearl tinha uma filha apenas alguns anos mais nova do que eu, então não poderia ser tão jovem.

— Os dois certamente são bonitos — disse ela com ternura. Anna era muito parecida com a mãe e, lado a lado, as duas eram como

irmãs.

— Anna, você está mais bonita a cada ano! Já tem idade para ir aos bailes?

— perguntou Damon, com um brilho no olhar. Eu sorri, a contragosto. É claro que Damon seria capaz de seduzir a mãe e a filha.

— Quase — disse Anna, os olhos cintilando de expectativa. Quinze anos era a idade em que as meninas poderiam ficar no jantar e ouvir a orquestra tocar uma valsa.

Pearl usou uma chave de ferro fundido para trancar a botica; depois se virou para nós.

— Damon, você me faria um favor? Pode acompanhar Katherine amanhã à noite? Ela é uma menina adorável e, bem, sabe como as pessoas comentam quando temos estranhos. Eu a conheci em Atlanta.

— Eu prometo — disse Damon, solene.

Fiquei tenso imediatamente. Damon acompanharia Katherine amanhã à noite? Eu não sabia que ela iria à festa e não imaginava fazer uma proposta de casamento na frente dela! Mas que alternativas eu tinha? Dizer ao meu pai que Katherine não foi convidada? Deixar de propor casamento a Rosalyn?

— Divirtam-se esta noite, rapazes — disse Pearl, arrancando-me dos meus devaneios.

— Espere! — chamei, o jantar momentaneamente esquecido Pearl se virou com uma expressão inquisitiva.

— Está escuro e ocorreram outros ataques. Gostariam que nós as acompanhássemos até em casa? — perguntei.

Pearl balançou a cabeça.

— Anna e eu somos mulheres fortes, ficaremos bem. Além disso... — ela corou e olhou em volta,como se temesse ser ouvida —,creio que Jonathan Gilbert quer fazer isso por nós. Mas agradeço por sua preocupação.

Damon arqueou uma sobrancelha e soltou um assovio baixo.

—Sabe o que sinto por mulheres fortes — sussurrou ele.

—Damon, comporte-se — pedi, dando-lhe um soco no ombro. Afinal, ele não estava mais no campo de batalha. Estava em Mystic Falls, uma cidade onde as pessoas gostavam de ouvir as conversas de

outros e adoravam fofocar. Será que ele se esqueceu tão rápido?

—Está bem, titio Stefan! — Damon caçoou, erguendo a voz de forma irônica. Eu ri, mesmo sem querer, e dei-lhe outro soco no braço. O soco foi leve, mas bom: uma maneira de descontar parte da irritação por ele poder acompanhar Katherine ao jantar.

Ele também me socou de brincadeira e iniciaríamos uma briga de irmãos se Damon não tivesse aberto a porta de madeira da taberna Mystic Falls. Imediatamente fomos recebidos por um sorriso entusiasmado da voluptuosa garçonete ruiva atrás do balcão, deixando claro que Damon já estivera à vontade ali em várias ocasiões.

Abrimos caminho a cotoveladas até o fundo da taberna. O salão cheirava a serragem e suor, e havia homens fardados por toda parte. Alguns tinham curativos na cabeça, outros usavam tipoías ou mancavam de muletas até o balcão. Reconheci Henry, um soldado moreno que praticamente morava na taberna, bebendo uísque sozinho num canto. Robert me contou histórias sobre ele: nunca se socializava e ninguém jamais o via à luz do dia. Dizia-se que talvez tivesse ligação com os ataques, mas como poderia, se sempre estava na taberna?

Tirei os olhos dele para ver o resto do ambiente. Havia homens mais velhos agrupados num canto, jogando cartas e bebendo uísque e, no canto oposto, algumas mulheres. Pelo ruge no seu rosto e as unhas pintadas, eu sabia que não eram do tipo que andava com nossas companheiras de infância, Clementine Haverford ou Amélia Hawke. Ao passarmos, uma delas roçou no meu braço com as unhas pintadas.

—Gosta daqui? — Damon puxou uma mesa de madeira da parede, com um sorriso divertido.

— Acho que sim. — Sentei-me no banco de.madeira duro e observei o ambiente mais uma vez. Na taberna, eu me sentia como se houvesse entrado numa sociedade secreta de homens, apenas mais uma coisa que eu sabia que teria poucas chances de descobrir quando fosse casado e esperassem que eu estivesse em casa todas as noites.

— Vou pegar umas bebidas — disse Damon, indo até o bar. Vi meu irmão pousar os cotovelos no balcão e falar tranqüilamente com

a garçonete, que tombou a cabeça para trás e riu, como se ele tivesse dito algo hilariante. O que ele provavelmente fez. Por isso todas as mulheres se apaixonavam por ele.

— E então, como se sente sendo um homem casado? Virei-me e vi o Dr. Janes atrás de mim. Bem além dos 70 anos, o Dr. Janes estava ligeiramente senil e em geral proclamava a altos brados, para qualquer um que quisesse ouvir, que sua longevidade se devia exclusivamente à sua prodigiosa indulgência com o uísque.

—Ainda não sou casado, doutor — disse e sorri, tenso, querendo que Damon voltasse com nossas bebidas.

—Ah, meu rapaz, você será! O Sr. Cartwright esteve discutindo isso por semanas. A jovem e bela Rosalyn... Que achado! — continuava o Dr. Janes em voz alta. Olhei em volta, na esperança de que ninguém tivesse ouvido.

Nesse momento, Damon apareceu e gentilmente colocou nossos uísques na mesa.

—Obrigado — falei, bebendo o meu em um único gole. O Dr. Janes afastou-se, trôpego.

—Que sede, hein? — perguntou Damon, simpático, tomando um pequeno gole da sua bebida.

Dei de ombros. No passado, jamais guardei segredos do meu irmão, mas falar de Rosalyn parecia perigoso. De algum modo, independentemente do que eu dissesse ou sentisse, ainda teria de me casar com ela. Se alguém ouvisse sequer uma insinuação de arrependimento, a conversa não teria fim.

Logo, uma nova dose de uísque apareceu na minha frente. Levantei a cabeça e vi, junto à nossa mesa, a bonita garçonete com quem Damon estivera conversando.

—Você parece precisar disso... Aparentemente teve um dia difícil. — A garçonete piscou um dos olhos verdes e baixou o copo suado na mesa de madeira à minha frente.

—Obrigado — disse eu, enquanto bebia um gole pequeno e agradecido.

—Quando quiser — disse a garçonete; a saia balançando pelos quadris. Olhei-a se afastar. Todas as mulheres da taberna, até aquelas com má reputação, eram mais interessantes do que Rosalyn. Mas não importava a quem eu olhasse, a única imagem que enchia minha

mente era o rosto de Katherine.

— Alice gosta de você — observou Damon. Balancei a cabeça com tristeza.

—Você sabe que não posso olhar. No final do verão, serei um homem casado. E você, enquanto isso, fica livre para fazer o que bem entender. — Eu pretendi que isso fosse uma observação, mas as palavras saíram como uma crítica.

— *É* verdade — disse Damon, pensativo. — Mas sabe que não *precisa* fazer algo apenas porque papai mandou, não sabe?

— Não é tão simples... — Trinquei os dentes. Damon não podia entender, ele era rebelde e indomável; e por esse motivo meu pai confiou a mim, o irmão mais novo, o futuro de Veritas, um papel que eu passei a julgar sufocante.

Uma ponta de traição me atravessou com o pensamento de que era culpa de Damon eu ter de carregar tamanha responsabilidade. Balancei a cabeça, como se tentasse me livrar da idéia, e bebi outro gole do uísque.

— É muito simples — disse Damon, sem perceber minha momentânea irritação. — Basta dizer a ele que não está apaixonado por Rosalyn, que precisa achar seu lugar no mundo e que não pode simplesmente seguir às cegas as ordens de alguém. Foi o que aprendi no exército: você precisa acreditar no que faz. Caso contrário, que sentido terá sua vida?

Balancei a cabeça.

— Não sou como você. Eu confio no papai e sei que ele quer o melhor. Mas eu queria... Queria ter mais tempo — disse finalmente. Era verdade. Talvez eu pudesse amar Rosalyn, mas a idéia de estar casado e ter um filho no período de um ano me apavorava. — Vai ficar tudo bem — finalizei, decidido. *Precisa* ficar. — O que acha da nossa nova hóspede? — perguntei, mudando de assunto.

Damon sorriu.

—Katherine... — disse ele, arrastando o nome em três sílabas, como se pudesse provar seu sabor na língua. — Bem, ela é uma moça difícil de entender, não é?

—Acho que sim — falei, satisfeito por Damon não saber que eu sonhava com Katherine todas as noites e que, durante os dias, parava à porta da casa de hóspedes para tentar ouvi-la rindo com a criada;

uma vez cheguei a parar perto do estábulo, para sentir se o seu cavalo, Clover, absorvera o aroma de limão e de gengibre. Ele não ficara, e, naquele momento, cercado pelos cavalos, percebi que eu estava exagerando.

—Não fazem meninas assim em Mystic Falls. Acha que ela tem um soldado em algum lugar? — perguntou Damon.

—Não! — falei, mais uma vez irritado. — Ela está de *luto* pelos *pais*. Não acho que esteja procurando admiradores...

—*É* claro. — Damon uniu as sobrancelhas, pesaroso. — E eu não estava presumindo nada. Mas se ela precisar de um ombro em que chorar, ficarei feliz em ceder o meu!

Dei de ombros mecanicamente. Embora eu tivesse iniciado o assunto, não tinha certeza de que gostaria de ouvir o que Damon pensava dela. Na verdade, apesar de Katherine ser linda, eu quase queria que parentes distantes a convidassem para morar com eles. Se ela saísse da minha vida, talvez eu pudesse me obrigar, de alguma maneira, a amar Rosalyn.

Damon me fitava, e eu sabia que naquele momento minha expressão devia ser extremamente infeliz.

— Anime-se, maninho! — disse ele. — A noite é uma criança, e o uísque é por minha conta!

Mas não haveria uísque suficiente, em toda a Virgínia, que me fizesse amar Rosalyn... Ou esquecer Katherine.

6

O clima era o mesmo no meu jantar de noivado alguns dias mais tarde, e mesmo às cinco da tarde o ar era quente e úmido. Na cozinha, ouvi os servos fofocando que o clima estranho e contínuo era o resultado dos demônios matando animais. Mas a discussão dos demônios não impediu o povo de todo o distrito a comparecer ao Grande Salão para celebrar a Confederação. As carruagens estavam atrás do estacionamento de pedra e não aparentavam querer diminuir a velocidade enquanto avançavam até a imponente estrutura de pedra.

— Stefan Salvatore! — ouvi, saindo da carruagem atrás do meu pai.

Quando meus pés atingiram a lama, vi Ellen Emerson e a filha, Daisy, andando de braços dados, seguidas por duas criadas. Centenas de lanternas iluminavam os degraus de pedra levando às portas brancas de madeira, e mais carruagens alinhavam o passeio curvado. Pude ouvir grupos de valsa dançando dentro do salão.

— Sra. Emerson. Daisy. — Curvei-me profundamente. Daisy me odiava desde que éramos crianças, quando Damon me desafiou a empurrá- la no Willow Creek.

— Ora, se não são as maravilhosas damas Emerson — meu pai disse, também se curvando. — Agradeço a vocês duas por vir a esse pequeno jantar. É tão bom ver todos na cidade. Precisamos nos unir, agora mais do que nunca — meu pai disse, captando os olhos de Ellen Emerson.

— Stefan — repetiu Daisy, assentindo enquanto pegava minha mão.

— Daisy. Você parece mais bonita a cada dia. Você poderia por favor perdoar um cavalheiro por uma juventude perversa?

Ela olhou para mim fixamente. Suspirei. Não havia mistério ou intriga em Mystic Falls. Todo mundo conhecia todo mundo. Se Rosalyn e eu fôssemos nos casar, os nossos filhos estariam dançando

com os filhos de Daisy. Eles teriam as mesmas conversas, as mesmas brincadeiras, as mesmas brigas. E o ciclo continuaria pela eternidade.

— Ellen, você me daria a honra de lhe mostrar o interior do salão? — meu pai perguntou, ansioso em certificar-se de que o lugar estava decorado segundo suas especificações. A mãe de Daisy concordou com a cabeça, e Daisy e eu fomos deixar sob o olhar observativo da criada dos Emerson.

— Ouvi dizer que Damon voltou. Como ele está? — perguntou Daisy, finalmente dignando-se em falar comigo.

— Srta. Emerson, seria melhor entrarmos para encontrar a sua mãe — a criada de Daisy interrompeu, puxando o braço de Daisy pelas imensas portas duplas do Grande Salão.

— Espero ver Damon. Dê essa mensagem a ele! — Daisy gritou sobre o ombro.

Suspirei e entrei no salão. Localizado entre a cidade e a propriedade, o Salão já fora um local de encontro de aristocratas do distrito mas agora se tornara um arsenal temporário. As paredes do salão eram cobertas com hera e glicínia e, mais acima, bandeiras confederadas. Uma banda no palco erguida num canto tocava uma capitulação alegre de "A Bandeira Azul de Bonnie", e pelo menos cinquenta casais circulavam o chão com copos de ponche nas mãos. Meu pai obviamente não poupara um único centavo, e estava claro que isso era mais do que um simples jantar de boas-vindas às tropas.

Com o coração pesado, me aproximei do ponche.

Não havia dado mais de cinco passos quando senti uma mão dar um tapinha nas minhas costas. Preparei-me para abrir um sorriso rijo e aceitar os parabéns desajeitados que já estavam pingando por toda parte. Qual era o sentido de organizar um jantar para anunciar um noivado que todo mundo parecia já saber? pensei acidamente.

Virei e me encontrei cara a cara com o sr. Cartwright. Instantaneamente formei na minha expressão algo que eu esperava que se assemelhasse a animação.

— Stefan, garoto! Se não é o homem do momento! — disse o sr. Cartwright, oferecendo-me um copo de uísque.

— Senhor. Obrigado por me permitir o prazer da companhia de sua filha — disse automaticamente, tomando o menor gole que pude reunir.

Na manhã seguinte à que eu e Damon passamos a noite na taverna, acordei com uma dor de cabeça terrível por causa do uísque que bebi. Fiquei de cama, uma compressa fria na testa, ao mesmo tempo em que Damon quase não pareceu ser afetado. Eu o ouvi perseguindo Katherine pelo labirinto no quintal. Cada risada que ouvia era como uma adaga minúscula no meu cérebro.

— O prazer é todo seu. Sei que essa é uma boa aliança. Prática e de baixo risco com uma abundância de oportunidades para o crescimento.

— Obrigado, senhor — falei. — E sinto muito pela cadela de Rosalyn.

O sr. Cartwright sacudiu a cabeça.

— Não conte para a minha esposa ou Rosalyn, mas eu sempre odiei aquela coisa maldita. Não estou dizendo que ela devia ter fugido e se matado, mas acho que todos estão se preparando para nada. Toda essa discussão de demônios que você ouve por todo esse lugar maldito. Pessoas sussurrando que a cidade está amaldiçoada. É esse tipo de conversa que faz o povo ter tanto medo do risco. Depositar o dinheiro deles no banco lhes deixa nervosos — ressoou o sr. Cartwright, fazendo com que várias pessoas olhassem. Sorri, nervoso.

Pelo canto do olho, vi meu pai agindo como hospedeiro e enviando pessoas para a longa mesa no centro da sala. Notei que em cada lugar havia a delicada porcelana flor-de-lis de minha mãe.

— Stefan — meu pai disse, batendo com a mão no meu ombro —, está pronto? Você tem tudo que precisa?

— Tenho.

Toquei o anel no bolso da minha camisa e o segui até a ponta da mesa. Rosalyn estava em pé ao lado da mãe e sorriu com firmeza para os pais. Os olhos dela, ainda vermelhos de chorar pela pobre Penny, não combinavam horrivelmente com o vestido de renda cor de rosa acima do número correto que ela estava vestindo.

Conforme nossos vizinhos se sentavam ao nosso redor, percebi que ainda havia dois lugares vazios na minha esquerda.

— Onde está seu irmão? — meu pai perguntou, abaixando a voz.

Olhei para a porta. A banda ainda estava tocando, e havia

antecipação no ar.

Finalmente, as portas se abriram com um ruído e Damon e Katherine entraram. Juntos.

Não era justo, pensei furiosamente. Damon podia agir como um garoto, podia continuar a beber e flertar como se nada tivesse nenhuma consequência. Eu sempre fiz o certo, o responsável, e agora parecia que eu estava sendo punido por isso sendo forçado a me tornar um homem.

Até eu fiquei surpreso pelo impulso de raiva que senti. Instantaneamente me sentindo culpado, tentei acabar com a emoção bebendo o copo inteiro de vinho à minha esquerda. Afinal de contas, seria esperado que Katherine viesse ao jantar sozinha? E Damon não estava simplesmente sendo galanteador, o bom irmão mais velho?

Além disso, eles não tinham futuro. Casamentos, pelo menos na nossa sociedade, eram aprovados apenas se mesclassem duas famílias. E, como órfã, o que Katherine tinha a oferecer além de beleza? Meu pai nunca teria deixado que eu me casasse com ela, mas isso também significava que ele também não deixaria Damon se casar com ela. E até Damon não iria tão longe a ponto de se casar com alguém que meu pai não aprovava. Certo?

Mesmo assim, não pude tirar meus olhos do braço de Damon em volta da minúscula cintura de Katherine. Ela vestia um vestido verde musselina, cujo tecido se estendia pela saia justa, e começou um murmúrio silencioso enquanto ela e Damon caminhavam até os dois assentos vazios no centro da mesa. O colar azul dela brilhava no pescoço e ela piscou para mim antes de se sentar ao lado do meu assento. Seu quadril passou pelo meu, e mudei de posição, inconfortável.

— Damon. — Meu pai assentiu tersamente enquanto Damon se sentava à sua esquerda.

— Então, você acha que o exército virá para a Georgia no inverno? — perguntei a Jonah Palmer em voz alta, simplesmente porque não confiava em mim mesmo para falar com Katherine. Se eu ouvisse sua voz musical, eu poderia perder minha coragem de propor casamento a Rosalyn.

— Não estou preocupado com a Georgia. O que estou preocupado mesmo é reunir a milícia para resolver os problemas aqui

em Mystic Falls.

Esses ataques não serão tolerados — Jonah, o veterinário da cidade que também treinara a milícia de Mystic Falls, disse em voz alta, batendo o punho na mesa com tanta força que a porcelana oscilou.

Só então um exército de servos adentrou o salão, segurando pratos de faisão silvestre. Peguei meu garfo de prata e desci um pedaço de carne no prato; eu estava sem apetite. Ao meu redor, ouvi as discussões normais: sobre a guerra, sobre o que faríamos pelos nossos garotos de cinza, sobre futuros jantares, churrascos, sociais de igreja.

Katherine assentia concentrada para Honoria Fells do outro lado da mesa. Subitamente senti inveja da Honoria de cabelos grisalhos e crespos. Ela era capaz de ter a conversa em particular com Katherine que eu tão desesperadamente queria.

— Pronto, filho?

Meu pai me acotovelou nas costelas, e notei que as pessoas já haviam terminado de comer. Mais vinho estava sendo servido e a banda, que parara durante o evento principal, estava tocando no canto. Era esse o momento que todos estavam esperando: eles sabiam que um anúncio estava prestes a ser feito, e sabiam que, depois deste anúncio, haveria celebração e dança. Eram sempre assim os jantares em Mystic Falls. Mas eu nunca fui antes o centro de um anúncio. Como se já soubessem, Honoria se inclinou na minha direção e Damon sorriu encorajadoramente.

Sentindo o estômago embrulhar, respirei fundo e dei um toquinho no meu copo de cristal com minha faca, provocando um tinido. Imediatamente, um silêncio caiu por todo o salão, e até os servos pararam onde estavam para me fitar.

Levantei-me, dei um grande gole no vinho vermelho por coragem e dei uma tossidela.

— Eu... hum — comecei numa voz baixa e cansado que não reconheci como a minha própria. — Eu tenho algo a anunciar. — Pelo canto do olho, vi meu pai apertando a taça de champanhe dele, pronto para saltar com um brinde. Olhei para Katherine. Ela estava olhando para mim, os olhos escuros perfurando os meus. Tirei meu olhar de cima dela e apertei meu copo com tanta força que tinha

certeza que ele iria quebrar. — Rosalyn, eu gostaria de pedir a sua mão em casamento. Me daria essa honra? — falei rapidamente, remexendo no bolso do meu terno para pegar o anel.

Tirei a caixinha e me ajoelhei na frente de Rosalyn, olhando na direção dos seus olhos castanhos e molhados.

— Para você — falei sem hesitar, abrindo a tampa e estendendo a ela.

Rosalyn emitiu um som agudo, e a sala explodiu numa salva de palmas. Senti uma mão dar um tapinha nas minhas costas, e vi Damon sorrindo para mim. Katherine bateu palmas cortesmente, uma expressão impossível de interpretar no rosto.

— Aqui.

Peguei a minúscula mão pálida de Rosalyn e introduzi o anel no seu dedo. Era grande demais, e a esmeralda rolou inclinada até o dedo mínimo. Ela parecia uma criança brincando de se arrumar com as jóias da mãe. Mas Rosalyn não pareceu se importar pelo anel não caber. Em vez disso, ela estendeu a mão na frente de si, observando os diamantes capturando a luz das velas na mesa. Imediatamente, uma aglomeração de mulheres nos cercou, elogiando o anel.

— Isso merece uma celebração! — meu pai gritou. — Cigarros para todo mundo. Venha aqui, Stefan, filho! Você me deixou um pai orgulhoso.

Assenti e aturdidamente me aproximei dele. Era era irônico que, enquanto eu gastava minha vida inteira tentando conseguir a aprovação do meu pai, o que lhe deixava mais feliz era um ato que me deixava morto por dentro.

— Katherine, dançaria comigo? — ouvi a voz de Damon sobre os altos ruídos de cadeiras sendo arrastadas e objetos de vidro tinindo. Parei onde estava, esperando a resposta.

Katherine olhou para cima, lançando um olhar furtivo na minha direção. Os olhos dela pregaram os meus por um longo tempo. Um desejo selvagem de arrancar o anel do dedo de Rosalyn e colocá-lo no pálido de Katherine quase tomou conta de mim. Mas então meu pai me cutucou por trás e, antes que eu pudesse reagir, Damon pegou Katherine pela mão e a levou para a pista de dança.

7

A semana seguinte passou como um borrão. Corri de ajustes na loja de roupas da Sra. Fells, visitas com Rosalyn à sala de estar dos Cartwright, até a taverna com Damon. Tentei esquecer Katherine, deixando minhas janelas fechadas para que eu não ficasse tentado a olhar o outro lado do relvado na direção da cocheira e forçando-me a sorrir e acenar para Damon e Katherine quando eles iam explorar os jardins.

Uma vez, subi até o porão para observar o retrato de minha mãe. Imaginei que conselho ela me daria. *O amor é paciente*, lembrei-me dela dizendo naquele seu alegre sotaque francês durante o estudo da Bíblia. A ideia me confortou. Talvez algum amor *poderia* aparecer entre eu e Rosalyn.

Depois disso, tentei amar Rosalyn, ou pelo menos reunir algum tipo de afeição a ela. Eu sabia, apesar da quietude e cabelo loiro lavado dela, que ela era simplesmente uma garota meiga que serviria como uma esposa e mãe amorosa. Nossas visitas mais recentes não haviam sido estranhas. Na verdade, Rosalyn estivera com um espírito notavelmente bom. Ela ganhou uma nova cadela, um animal de pelo liso e preto chamado Sadie, que ela carregava para todo lugar que ia, a fim de que o novo filhote não sofresse o mesmo destino de Penny. Em um ponto, quando Rosalyn olhou para mim com olhos encantados, perguntando se eu preferia lilases ou gardênias no casamento, eu quase me senti afeiçoado a ela. Talvez isso seja o suficiente.

Meu pai não gastou tempo em planejar outra festa para celebrar. Desta vez, era um churrasco na propriedade, e meu pai convidara todos que viviam a um raio de trinta quilômetros. Reconheci só um punhado de homens jovens, garotas bonitas e soldados confederados que se amontoavam em volta do labirinto, agindo como se a propriedade fosse deles. Quando era mais novo, eu gostava adorar as festas na Veritas: elas eram sempre uma chance

correr para a lagoa congelada com os nossos amigos, brincar de esconde-esconde no pântano, montar em cavalos até a Wickery Bridge, então um desafiar o outro a mergulhar nas profundezas congelantes do riacho Willow. Agora só queria que aquilo terminasse, para que eu ficasse novamente sozinho no meu quarto.

— Stefan, que tal compartilhar um uísque comigo? — Robert gritou para mim do balcão improvisado montado no pórtico. A julgar pelo sorriso inclinado, ele já estava bêbado.

Passou-me um copo de vidro molhado e bateu o dele no meu.

— Em breve, esse lugar estará cheio de garotinhos Salvatore. Dá pra imaginar isso?

Ele balançou as mãos largamente indicando o terreno, como se estivesse me mostrando quanto espaço minha família imaginária teria onde crescer.

Balancei meu uísque miseravelmente, incapaz de imaginar isso.

— Bem, você fez do seu pai um homem sortudo. E Rosalyn uma garota sortuda — disse Robert. Ele ergueu o copo para mim uma última vez, depois foi conversar com o superintendente dos Lockwood.

Suspirei e sentei no balanço da varanda, observando a folia acontecendo por todo o meu redor. Eu sabia que devia me sentir feliz. Sabia que meu pai só queria o que era melhor para mim. Eu sabia que não havia nada *errado* em Rosalyn.

Então por que esse noivado parecia uma sentença de morte?

No relvado, as pessoas comiam e riam e dançavam, e uma banda provisória formada pelos meus amigos de infância Ethan Giffin, Brian Walsh e Matthew Hartnett estava tocando uma versão de "A Bandeira Azul de Bonnie". O céu estava limpo de nuvens e o clima estava fragrante, com apenas um traço leve no ar para nos lembrar de que era, de fato, outono. À distância, crianças que frequentavam a escola estavam se balançando e rindo no portão. Estar no meio de tanta comemoração — tudo direcionado a mim — e não estar feliz fez meu coração bater pesado no peito.

Levantando, entrei na direção do escritório do meu pai. Fechei a porta ao escritório e soltei um suspiro de alívio. Só um feixe fraco de luz do sol passava pelas pesadas cortinas de damasco. A sala estava fria e tinha cheiro de livros mofados de couro e álcool. Peguei

um livreto pequeno dos sonetos de Shakespeare e abri no meu poema favorito. Shakespeare me acalmava, as palavras confortando meu cérebro e me fazendo lembrar que havia amor e beleza no mundo. Quem sabe experimentar isso através da arte fosse suficiente para me sustentar.

Sentei na poltrona de braços de couro do meu pai no canto e distraidamente passei os olhos pelas páginas de papel fino. Não tenho certeza de quanto tempo fiquei sentado ali, deixando a linguagem me lavar, mas quanto mais eu lia, mais calmo me sentia.

— O que você está lendo?

A voz me assustou, fazendo o livreto deslizar do meu colo com um estrépito.

Katherine estava parada na porta do escritório, vestindo um simples vestido branco de seda que apertava cada curva de seu corpo. Todas as outras mulheres na festa usavam camadas de crinolina e musselina, a pele delas coberto sob tecido grosso. Mas Katherine não parecia de forma alguma embaraçada por causa de seus ombros pálidos expostos. Por causa da falta de decência, desviei o olhar.

— Por que você está na festa? — perguntei, inclinando para pegar o livro. Katherine se aproximou de mim.

— Por que *você* não está na festa? Você não é o convidado de honra?

— Ela se sentou no braço de minha poltrona.

— Você já leu Shakespeare? — perguntei, gesticulando para o livreto aberto no meu colo. Era uma tentativa ridícula de tentar trocar de assunto; eu ainda estava para conhecer uma garota que gostasse dos trabalhos dele. Só ontem, Rosalyn admitiu que não leu nem um livro nos últimos três anos, desde que se formara na Academia de Garotas. Mesmo com isso, o último livro que ela folheou foi meramente um livro elementar de como ser uma esposa confederada submissa.

— Shakespeare — ela repetiu, o sotaque transformando a palavra em três sílabas. Era um sotaque estranho, não um que eu já tenha ouvido de pessoas de Atlanta. Ela balançou as pernas pra frente e pra trás, e pude ver que ela não estava usando meias. Tirei meus olhos dela.

— *Devo igualar-te a um dia de verão*?— ela citou.

Olhei para cima, surpreso.

— *Mais afável e belo é o teu semblante* — eu disse, continuando a citação.

Meu coração galopou no peito e meu cérebro parecia mais lento que melaço, criando uma sensação anormal que me fazia sentir como se estivesse sonhando. Katherine puxou o livro do meu colo, fechando-o com um barulho agudo e ressonante.

— Não — ela disse com firmeza.

— Mas é assim que a linha segue — falei, aborrecido por ela trocar as regras de um jogo que eu achava que entendia.

— É assim que a linha segue para o sr. Shakespeare. Eu estava simplesmente lhe fazendo uma pergunta. Devo igualar-te a um dia de verão? Você é digno desta comparação, sr. Salvatore? Ou precisa de um livro para decidir? — perguntou Katherine, sorrindo enquanto segurava o livreto fora do meu alcance.

Limpei a garganta, minha mente correndo. Damon teria dito algo gracioso em resposta, sem nem pensar a respeito. Mas quando eu estava com Katherine, parecia um garotinho que tenta impressionar uma garota com um sapo pego do lago.

— Bem, você poderia comparar o meu irmão a um dia de verão. Você tem passado bastante tempo com ele.

Meu rosto corou e eu instantaneamente desejei que pudesse pegar aquela fala de volta. Soei ciumento e mesquinho demais.

— Talvez um dia de verão com algumas nuvens de tempestade á distância — disse Katherine, arqueando a sobrancelha. — Mas você, Stefan Estudioso, você é diferente do Damon Obscuro. Ou... — Katherine desviou o olhar, um tremeluzir de sorriso cruzando seu rosto — ... Damon Elegante.

— Eu também posso ser elegante — falei com petulância, antes de ao menos perceber o que estava dizendo. Sacudi a cabeça, frustrado. Era como se Katherine de algum jeito me compelisse a falar sem pensar. Ela era tão alegre e viva; falando com ela, parecia que eu estava num sonho, onde nada que dizia tinha consequências, mas tudo que eu dizia era importante.

— Bem, então, eu devo ver isso, Stefan — disse Katherine. Ela colocou a mão gelada no meu antebraço. — Consegui conhecer Damon, mas eu mal conheço você. É uma vergonha, não acha?

À distância, a banda tocava "Eu Sou um Bom e Velho Rebelde". Eu sabia que devia voltar para fora, fumar um cigarro com o sr. Cartwright, rodopiar com Rosalyn numa primeira valsa, brindar o meu lugar como um homem de Mystic Falls. Mas, ao contrário disso, permaneci na poltrona de braço de couro, querendo ficar na biblioteca, sentindo o cheiro de Katherine, para sempre.

— Posso fazer uma observação? — perguntou Katherine, inclinando- se na minha direção. Um cacho escuro errante caiu na sua testa pálida. Eu tive que usar toda a minha força de vontade para não tirá-lo do rosto dela.

— Eu não acho que você gosta do que está acontecendo agora. O churrasco, o noivado...

Meu coração martelou. Procurei os olhos castanhos de Katherine. Na semana passada, estive tentando desesperadamente esconder minhas emoções. Mas será que ela me viu parando na frente da cocheira? Será que ela me viu correr com Mezzanotte para a floresta quando ela e Damon passearam o jardim, desesperado para me afastar da risada deles? Será que ela de alguma forma lia meus pensamentos?

Katherine sorriu tristemente.

— Pobre, doce, imperturbável Stefan. Você não aprendeu ainda que as regras servem para serem quebradas? Você não pode fazer ninguém feliz... seu pai, Rosalyn, os Cartwright... se *você* não está feliz.

Limpei a garganta, doendo com a compreensão de que essa mulher que eu conhecia numa questão de semanas me entendia mais do que meu pai — e minha futura esposa — jamais entenderiam.

Katherine deslizou da cadeira e olhou para os livros nas prateleiras do meu pai. Ela tirou o livro *Os Mistérios de Mystic Falls*, um livro grosso e de encadernação de couro. Era um livro que eu nunca vi antes. Um sorriso iluminou os lábios de cor-de-rosa dela e Katherine gesticulou para eu me sentar ao lado dela no sofá do meu pai. Sabia que não deveria mas, como se estivesse num transe, levantei e cruzei a sala. Afundei na almofada fria e rasgada de couro ao seu lado e simplesmente deixei passar.

Afinal, quem sabia? Quem sabe alguns instantes na presença dele seriam o balde de água fria que eu precisava para quebrar a

melancolia.

8

Não tenho certeza de quanto tempo ficamos na sala juntos. Os minutos passavam tiquetaqueando no relógio do meu avô no canto, mas tudo que eu estava ciente era o som rítmico da respiração de Katherine, o jeito que a luz captava seu maxilar angular, o rápido adejar da página enquanto olhávamos o livro. Eu estava pouco consciente do fato que precisava partir, cedo, mas só de pensar na música, na dança e nos pratos de frango frito e Rosalyn, eu me encontrava literalmente incapaz de me mover.

— Você não está lendo! — zombou Katherine em um ponto, tirando os olhos de *Os Mistérios de Mystic Falls.*

— Não, não estou.

— Por quê? Você está distraído?

Katherine levantou, os ombros esbeltos se esticando enquanto ela estirava a mão para colocar o livro de volta na prateleira. Ela colocou-o no lugar errado, ao lado dos livros de geografia do meu pai.

— Aqui — murmurei, chegando atrás dela para pegar o livro colocá- lo na prateleira alta onde era o seu lugar.

O cheiro de limão e gengibre me cercou, me fazendo sentir oscilante e tonto. Ela virou para mim. Nossos lábios estavam a poucos centímetros separados, e subitamente o cheiro dela se tornou quase insuportável. Mesmo que minha cabeça soubesse que isso é errado, meu coração gritava que eu nunca seria completo se não beijasse Katherine. Fechei meus olhos e me inclinou até meus lábios roçarem nos dela.

Por um momento, pareceu que a minha vida inteira passasse pelos meus olhos. Eu vi Katherine correndo descalça nos campos atrás da casa de visitas, eu correndo atrás dela, nosso filho mais novo jogado no meu ombro.

Mas então, inteiramente espontâneo, uma imagem de Penny, a garganta cortada, flutuou pela minha cabeça. Recuei instantaneamente, como se fosse acertado por um raio.

— Desculpe! — eu disse, inclinando-me para trás e, tropeçando na ponta de uma mesa, bati forte nos livros do meu pai. Eles caíram no chão, o som amortecido pelos tapetes orientais. Minha boca tinha gosto de ferro. O que eu acabara de fazer? E se meu pai entrasse, ansioso para abrir a caixa de cigarros com o sr. Cartwright? Meu cérebro rodopiou em terror.

— Eu preciso... eu preciso ir. Tenho que encontrar minha noiva.

Sem dar uma última olhada em Katherine e a expressão aturdida que certamente estava no seu rosto, saí do escritório e correu pela casa vazia na direção do jardim.

O crepúsculo estava começando a cair. Carruagens estavam indo embora com mães e filhos jovens, assim como farristas cautelosos que estavam com medo dos ataques de animais. Agora era quando a bebida alcoólica iria fluir, a banda tocaria mais alto e garotas iriam se exceder valsando, concentradas em chamar atenção de um soldado confederado do acampamento próximo. Senti minha respiração voltando ao normal. Ninguém sabia onde eu estivera, muito menos o que eu fizera.

Andei propositalmente até o centro da festa, como se estivesse simplesmente reenchendo meu copo no bar. Vi Damon sentado com outros soldados, jogando uma rodada de pôquer no canto da varanda. Cinco garotas estavam apertadas no balanço da varanda, rindo e conversando alto. Meu pai e o sr. Cartwright estavam andando na direção do labirinto, cada um segurando um copo de uísque e gesticulando de um jeito animado, sem dúvida falando sobre os benefícios da fusão Cartwright-Salvatore.

— Stefan! — Senti uma mão dar um tapinha nas minhas costas. — Estávamos pensando onde os convidados de honra estavam. Nenhum respeito pelos mais velhos — Robert disse jovialmente.

— Rosalyn ainda não chegou? — perguntei.

— Você sabe como as garotas são. Elas têm que parecer perfeitas, especialmente se estão celebrando o casamento iminente delas — disse Robert.

As palavras deles eram verdade, mas mesmo assim um estremecer inexplicável de medo correu minha espinha.

Era impressão minha ou o sol se pôs com rapidez notável? Os

farristas no relvado haviam mudado para figuras obscuras nos cinco minutos desde que eu saíra, e não pude distinguir Damon entre o grupo no canto.

Deixando Robert para trás, abri caminho a cotovelas pelos visitantes da festa. Era estranho para uma garota não aparecer na própria festa. E se, de algum jeito, ela entrara na casa e vira...

Mas aquilo era impossível. A porta ficou fechada, as sombras reunidas. Andei alegremente para os alojamentos dos servos perto do lago, onde eles estavam tendo a própria festa deles, para ver se o motorista da carruagem de Rosalyn havia chegado.

A lua refletia na água, projetando um misterioso brilho esverdeado nas rochas e salgueiros em torno do lago. A grama estava molhada com orvalho e ainda pisada quando Damon, Katherine e eu jogamos futebol americano ali. A névoa na altura do joelho me fez desejar que estivesse usando minhas botas ao invés de meus tênis de gala.

Semicerrei os olhos. Na base do salgueiro, onde Damon e eu passamos horas escalando quando crianças, havia uma figura obscura no chão, como uma grande raiz nodosa. Só que eu não lembrava de uma raiz naquele lugar. Semicerrei os olhos novamente. Por um momento, imaginei se poderia ser um par de amantes entrelaçados, tentando escapar de olhos á espreita. Sorri sem querer. Pelo menos alguém encontrou amor nessa festa.

Mas então as nuvens no céu trocaram de lugar e um feixe de luz da lua iluminou a árvore e a forma debaixo dela. Percebi com um choque enjoativo que a forma não era dois amantes num meio abraço. Era Rosalyn, minha noiva, com a garganta cortada e os olhos meio abertos, olhando para os ramos de árvore como se eles guardassem o segredo para um universo que ela não mais habitava.

9

É difícil para mim descrever o que se seguiu.

Lembro de som de passos, gritos e os servos rezaram do lado de fora de seus alojamentos. Lembro de ficar de joelhos, gritando em terror, pena e medo. Lembro do sr. Cartwright me puxando para trás enquanto a sra. Cartwright caía de joelhos e chorava alto como um animal ferido.

Lembro de ver a carruagem da polícia. Lembro do meu pai e Damon apertando as mãos e sussurrando sobre mim, aliados tentando desenvolver o melhor curso ao meu cuidado. Tentei falar, contar a eles que eu estava bem; eu estava, afinal de contas, vivo. Mas não pude formar as palavras.

Em um ponto, o dr. Janes colocou as mãos debaixo dos meus braços e me levantou arrastado. Lentamente, homens que eu não conhecia me cercaram e me arrastaram para a varanda dos alojamentos dos servos. Ali, palavras foram murmuradas e Cordelia foi chamada.

— Estou... estou bem — eu disse finalmente, constrangido de que tanta atenção estava sendo prestada a mim ao mesmo tempo que Rosalyn que havia sido morta.

— Shhh, Stefan — disse Cordelia, seu rosto duro enrugado com preocupação. Ela pressionou as mãos no meu peito e murmurou uma reza em voz baixa, depois tirou um minúsculo frasco das volumosas dobras de sua saia. Ela tirou a tampa dele e pressionou o frasco nos meus lábios. — Beba — pediu enquanto um líquido com gosto de alcaçuz descia pela minha garganta.

— Katherine! — lamuriei. Então bati a mão na minha própria boca, mas não antes de uma expressão assustada cruzar o rosto de Cordelia. Rapidamente, ela me encheu com mais do líquido com gosto de alcaçuz.

Caí de novo nos degraus duros da varanda, muito cansado para pensar mais.

— O irmão dele está aqui em algum lugar — disse Cordelia, parecendo que estava falando debaixo d'água. — Tragam-no.

Ouvi o barulho de passos e abri meus olhos num instante mais tarde, vendo Damon de pé sobre mim. O rosto dele estava pálido de choque.

— Ele vai ficar bem? — perguntou Damon, virando para Cordelia.

— Eu acho... — começou o dr. Janes.

— Ele precisa de descanso. Silêncio. Um quarto escuro — disse Cordelia, autoritária.

Damon assentiu.

— Eu estou... Rosalyn... eu devia ter... — comecei, mesmo que não soubesse como terminar a frase. Devia ter o quê? Devia ter ido procurar por ela muito mais cedo, ao invés de gastar meu tempo beijando Katherine? Devia ter insistido em escoltá-la até a festa?

— Shhh — sussurrou Damon, me levantando.

Consegui ficar de pé, abalado, ao seu lado. Do nada, meu pai apareceu e segurou meu outro braço, e eu consegui, vacilante, sair da varanda e ir aos fundos da casa. Farristas estavam na grama, segurando um ao outro, e o xerife Forbes chamou a milícia para fazer uma investigação na floresta. Senti Damon me guiando pela porta dos fundos da casa e subindo as escadas antes de me abaixar na minha cama. Caí nos lençóis de algodão e então não lembro de mais nada a não ser escuridão.

Na manhã seguinte, acordei com raios de sol iluminando as tábuas de madeira de cerejeira do meu quarto.

— Bom dia, irmão. — Damon estava sentado no canto na cadeira de balanço, a cadeira que pertencias ao meu bisavô. Nossa mãe nos balançara nela quando éramos crianças, cantando canções para a gente quando íamos dormir. Os olhos de Damon estavam vermelhos e injetados de sangue, e imaginei se ele ficara sentado assim, me observando, a noite inteira.

— Rosalyn está morta? — verbalizei como uma pergunta, mesmo que a resposta fosse óbvia.

— Está.

Damon se levantou, virando para o jarro de cristal na cômoda feita de madeira de nogueira. Ele derramou água num copo e

estendeu-o na minha direção. Lutei para sentar ereto.

— Não, fique — ordenou Damon com a autoridade de um oficial do exército. Eu nunca o ouvi falar assim antes.

Caí de volta nos travesseiros de pena de ganso e permiti que Damon trouxesse o copo aos meus lábios como se eu fosse uma criança. O líquido frio e limpo deslizou pela minha garganta e, mais uma vez, pensei na noite passada.

— Ela sofreu? — perguntei.

Uma série dolorosa de imagens marchou pela minha cabeça. Enquanto eu estivera recitando Shakespare, Rosalyn devia ter estado planejando sua entrada triunfal. Ela devia ter estado tão animada para exibir o vestido, para deixar as garotas mais novas embasbacadas com o seu anel, para deixar as mulheres mais velhas lhe levarem para um canto e discutir as particularidades da noite do casamento. Imaginei a arremetida dela pelo relvado, então passos atrás dela, apenas para virar e ver dentes brancos ofuscantes resplandecendo na luz da lua. Estremeci.

Damon atravessou a cama e colocou uma mão no meu ombro. De repente a chuva de imagens aterrorizantes parou.

— Morte costuma acontecer em menos de um segundo. Era esse o caso na guerra, e tenho certeza que aconteceu o mesmo com a sua Rosalyn.

— Ele voltou à sua cadeira e esfregou a têmpora. — Eles acham que foi um coiote. A guerra está trazendo pessoas do leste para batalha, e eles acham que os animais estão seguindo a trilha de sangue.

— Coiotes — falei, minha voz tropeçando na segunda sílaba. Eu nunca ouvira a palavra antes. Era só mais um exemplo de novas palavras como *morta* e *viúvo* que seriam agora acrescentadas ao meu vocabulário.

— É claro, tem algumas pessoas, incluindo o nosso pai, que acham que foi trabalho de demônios. — Damon revirou os olhos negros. — É exatamente isso que a nossa cidade precisa. Uma epidemia de histeria em massa. E o que me mata sobre *esse* pequeno rumor é que, quando as pessoas se convencem de que a cidade deles está sob cerco por alguma força demoníaca, eles não estão focando no fato de que a guerra está dividindo o nosso país. É essa mentalidade

cabeça-na-areia que eu simplesmente não consigo entender.

Assenti, não realmente ouvindo, incapaz de visualizar a morte de Rosalyn como parte de algum tipo de argumento contra a guerra. Conforme Damon continuava a falar, deitei outra vez e fechei os olhos. Visualizei o rosto de Rosalyn no momento em que a encontrei. Ali, na escuridão, ela parecia diferente. Seus olhos estavam arregalados e luminescentes. Como se ela tivesse visto algo terrível. Como se ela tivesse sofrido horrivelmente.

10

4 de Setembro, 1864

Meia-noite, muito tarde para cair no sono, muito cedo para estar acordado. Uma vela queima no meu criado-mudo, as sombras tremeluzentes agourando.

Já estou assombrado. Algum dia eu me perdoarei por não encontrar Rosalyn até que fosse tarde demais? E por que ela — aquela que jurei esquecer — ainda está na minha cabeça?

Minha cabeça está martelando. Cordelia está sempre na porta, oferecendo bebidas, pastilhas, ervas em pó. Eu aceito, como uma criança em recuperação. Meu pai e Damon ficam me olhando quando acham que eu estou dormindo. Eles têm ciência dos meus pesadelos?

Achei que casamento era um destino pior que a morte. Eu estava errado. Eu estava errado por tantas coisas, tantas coisas, e tudo que posso fazer é rezar por perdão e esperar que, de alguma maneira, de algum lugar, eu possa convocar força de vontade direto das profundezas de minha existência para voltar firmemente ao caminho do certo novamente.

Farei isso. Eu devo fazer isso. Por Rosalyn.

E por ela.

Agora vou apagar a vela e esperar que o sono — como aquele dos mortos — me engolfe rapidamente...

— Stefan! Hora de levantar! — meu pai chamou, batendo na porta de meu quarto.

— Quê?

Lutei para sentar, incerto de horas eram, ou que dia era, ou quanto tempo se passara desde a morte de Rosalyn. O dia

enfraquecia, tornando-se noite, e eu nunca pude realmente dormir, apenas mergulhar em sonhos aterrorizantes. Não tenho comido nada, exceto que Cordelia continuava a entrar no meu quarto com suas misturas, dando-as na minha boca para garantir que fossem comidas. Ela fizera frango frito, quiabo e um mingau grosso do que ela chamava de *carne do sofredor*, que dizia que faria com que eu me sentisse melhor.

Ela deixou outra, uma bebida dessa vez, no meu criado-mudo. Bebi rapidamente.

— Arrume-se. Alfred lhe ajudará — meu pai disse.

— Me arrumar para quê? — perguntei, levando as pernas para o chão.

Manquei até o espelho. Barba crescera no meu queixo, e meu cabelo fulvo estava bagunçado em todos os lados. Meus olhos estavam vermelhos e meu camisão de dormir estava se pendurando dos ombros. Eu parecia terrível.

Meu pai ficou ao meu lado, avaliando meu reflexo.

— Você irá se recompor. Hoje é o funeral de Rosalyn, e é importante para mim e para os Cartwright que estejamos lá. Queremos mostrar a todos que devemos nos unir contra o mal afligindo nossa cidade.

Enquanto meu pai dizia coisas ridículas sobre demônios, pensei em encarar os Cartwright pela primeira vez. Eu ainda me sentia terrivelmente culpado. Não pude deixar de pensar que o ataque não teria acontecido se eu estivesse esperando por Rosalyn na varanda, ao invés de tardar no escritório com Katherine. Se eu estivesse do lado de fora, esperando por Rosalyn, eu teria lhe visto andando no campo com o vestido cor de rosa. Talvez eu pudesse ter encarado a morte com ela também, e Rosalyn não teria que confrontar aquele animal apavorante sozinha. Eu posso não ter amado Rosalyn, mas não podia me perdoar por não estar lá para salvá-la.

— Bem, vamos lá — meu pai disse impaciente enquanto Alfred entrava, segurando uma camisa branca de linho e um terno preto com duas fileiras de botões. Era o terno que eu teria vestido no casamento; e a igreja onde estaríamos de luto por Rosalyn era para ser o lugar da cerimônia estabelecendo nossa união. Mesmo assim,

consegui vestir o terno, deixei que Alfred me ajudasse a me barbear, uma vez que minhas mãos estavam muito trêmulas, e saí uma hora mais tarde pronto para fazer o que eu tinha de fazer.

Fiquei com os olhos abaixados enquanto seguia meu pai e Damon até a carruagem. Meu pai se sentou na frente, ao lado de Alfred, enquanto Damon se sentava atrás comigo.

— Como está, irmão? — perguntou Damon por cima do barulho familiar dos cascos de Duke e Jake golpeando a estrada do riacho Willow.

— Não muito bem — falei formalmente, um nó firme na garganta.

Damon colocou uma mão no meu ombro. As pegas chilravam, as abelhas zuniam e o sol lançava um brilho dourado sobre as árvores. A carruagem inteira tinha gosto de gengibre, e senti meu estômago revirar. Era o cheiro de culpa por cobiçar uma mulher que nunca seria — nunca *poderia* ser — minha esposa.

— Sua primeira morte, a primeira que você presencia, muda você — Damon disse por fim, enquanto a carruagem se aproximava da branca igreja revestida de tábuas. Os sinos da igreja estavam tocando, e todas as lojas da cidade estavam fechadas neste dia. — Mas pode ser que isso mude você para melhor.

— Quem sabe — falei, descendo da carruagem. Mas eu não via como.

Chegamos á porta quando o dr. Janes mancou para dentro da igreja, a bengala em uma mão e um cantil de uísque na outra. Pearl e Anna estavam sentadas juntas, e Jonathan Gilbert se sentava atrás delas, os cotovelos pousados na beira do banco de Pearl, a centímetros de seu ombro.

O xerife Forbes estava onde costuma ficar no segundo banco, olhando para o grupo de mulheres coradas da taverna que vieram para expressar seus respeitos. Na borda do círculo estava Alice, a atendente de bar, refrescando-se com um silk fan.

Calvin Bailey, o organista, estava tocando uma adaptação de *Requiém*, de Mozart, mas ele parecia tocar uma nota acre a cada poucos acordes. No banco da frente, o sr. Cartwright olhava direto para a frente, enquanto a sra. Cartwright soluçava e ocasionavam soprava o nariz num lencinho de renda. Na frente de todos os bancos,

um esquife fechado de carvalho estava coberto com flores. Sem palavras, andei até o esquife e me ajoelhei na frente dele.

— Sinto muito — sussurrei, tocando o esquife, que era frio e duro. Espontaneamente, imagens de minha noiva explodiram na minha mente: Rosalyn sorrindo sobre o novo filhote, vertiginosamente discutindo combinações de flores para o nosso casamento, arriscando a fúria da criada dando um beijo escondido na minha bochecha no fim de uma visita. Tirei minhas mãos do esquife e as uni como se rezasse. — Espero que você e Penny tenham se encontrado no Céu. — Me inclinei, deixando meus lábios tocarem o esquife. Eu queria que ela soubesse, onde quer que estivesse, que eu aprenderia a amá-la. — Adeus.

Virei para me sentar e parei onde estava. Logo atrás de mim estava Katherine. Ela estava vestindo um vestido azul escuro de algodão que se sobressaltava no mar de crepe preto que enchia os bancos.

— Sinto muito pela sua perda — ela disse, tocando meu braço. Recuei e puxei meu braço de volta. Como ela ousava me tocar com tanta familiaridade em público? Ela não *percebia* que, se não estivéssemos juntos no churrasco em primeiro lugar, a tragédia podia nunca ter acontecido?

Preocupação se registrou nos olhos escuros dela.

— Eu sei como isso deve ser difícil para você — ela disse. — Por favor, me avise se você precisar de algo.

Imediatamente senti uma onda de culpa ao perceber que a única coisa que ela estava fazendo era demonstrar simpatia. Afinal, os pais delas estavam mortos. Ela era só uma garota jovem oferecendo seu auxílio. Ela pareceu tão triste que, por um louco segundo, fiquei tentado a atravessar o corredor e confortá-la.

— Obrigado — falei em vez disso, sugando a respiração insulsa e andando de volta ao banco.

Sentei ao lado de Damon, que estava com as mãos cruzadas devotamente sobre uma Bíblia. Notei os olhos dele se abrirem enquanto Katherine brevemente se ajoelhava ao lado do esquife. Segui seu olhar, notando o jeito que vários cachos escaparam de baixo de seu chapéu e estava se enrolando no fecho adornado de seu colar azul.

Alguns minutos mais tarde, o *Requiém* terminou, e o pastor Collins andou em passos largos até o púlpito.

— Estamos aqui para celebrar uma vida interrompida muito cedo. O mal está entre nós, e iremos estar de luto por essa morte, mas também iremos extrair força desta morte... — entoou.

Discretamente, olhei para o outro lado do corredor na direção de Katherine. Sua serva, Emily, estava sentada perto dela em um lado e Pearl no outro.

As mãos de Katherine estavam ligadas como se rezasse. Ela virou levemente, como se olhasse para mim. Forcei-me a desviar o olhar antes que os nossos olhos se encontrassem. Eu não desonraria Rosalyn pensando em Katherine.

Ergui o olhar na direção das vigas ainda não terminadas na igreja. *Sinto muito*, pensei, mandando a mensagem para cima e esperando que Rosalyn, onde quer que estivesse, ouvisse.

11

A névoa envolvia meus pés, que caminhavam até o salgueiro. O sol se punha rapidamente, mas eu ainda podia distinguir uma figura escura aninhada entre as raízes.

Olhei novamente: era Rosalyn, com seu vestido de festa tremeluzindo sob a luz fraca. A bile subiu à minha garganta. Como ela poderia estar aqui? Ela estava sepultada sob metros de terra, no cemitério de Fell.

Enquanto eu me aproximava, riando coragem e buscando meu canivete no bolso, percebi seus olhos sem vida refletirem as folhas verdes. Os cachos dos cabelos grudavam na testa úmida e seu pescoço não estava cortado. Exibia apenas duas pequenas perfurações homogêneas, do tamanho de buracos de pregos. Como se guiado por um braço invisível, ajoelhei-me ao lado do seu corpo.

— Eu sinto muito — sussurrei, olhando a terra seca. Depois levantei os olhos e fui paralisado pelo pavor ao ver que não era o corpo de Rosalyn.

Era o de Katherine.

Um pequeno sorriso curvou seus lábios rosados, como se ela estivesse simplesmente sonhando.

Reprimi o impulso de gritar. Eu não deixaria Katherine morrer! Enquanto eu estendia a mão para seus ferimentos, porém, ela sentou. Seu semblante se transformou: os cachos esmaeceram até um louro desbotado e os olhos cintilaram, vermelhos.

Comecei a recuar.

— A culpa é sua! — As palavras cortaram a noite silenciosa, num som oco e sinistro. A voz não pertencia a Katherine ou a Rosalyn, mas a um demônio.

Gritei, cortando o ar noturno com meu canivete. O demônio avançou, segurou meu pescoço, cravou os caninos afiados na minha pele e tudo escureceu...

Acordei com um suor frio, sentando-me. Um corvo grasnava lá

fora; ao longe, eu podia ouvir crianças brincando. Raios de sol caíam na minha colcha branca e uma bandeja de jantar estava sobre a mesa. Já era dia; eu estava em minha cama.

Um sonho. Lembrei-me dos funerais, da ida à igreja, da minha exaustão enquanto subia a escada até meu quarto. Foi um sonho, fruto das demasiadas emoções e dos estímulos do dia. *Um sonho*, lembrei-me novamente, desejando que meu coração parasse de martelar. Tomei um longo gole de água, direto do jarro sobre a mesa de cabeceira. Meu cérebro aos poucos se aquietou, mas o coração continuava disparado, as mãos ainda úmidas. Não fora um sonho, ao menos não como qualquer outro que eu tivera na vida. Era como se os demônios estivessem invadindo minha mente e eu não soubesse o que era real ou em quais pensamentos confiar.

Levantei-me, tentando livrar-me do pesadelo, e fui ao andar de baixo. Segui pela escada dos fundos, para não cruzar com Cordélia na cozinha. Ela cuidava de mim, exatamente como fazia quando eu era uma criança em luto pela minha mãe, mas algo no seu olhar vigilante me deixava nervoso. Eu sabia que ela me ouvira chamar por Katherine e esperava fervorosamente que não estivesse contando histórias aos criados.

Fui até o escritório do meu pai e olhei suas estantes, vendo-me novamente atraído pelas obras de Shakespeare. O sábado anterior parecia pertencer a uma vida passada, mas a vela no castiçal de rata estava exatamente onde Katherine e eu a havíamos deixado *Os mistérios de Mystic Falls*, ainda na poltrona. Se eu fechasse os olhos, quase sentiria o cheiro de limão.

Afugentei esse pensamento e apressadamente peguei um volume de *Macbeth*, uma peça sobre o ciúme, o amor, a traição e a morte, que combinava perfeitamente com meu estado de espírito.

Obriguei-me a me sentar na poltrona de couro e a olhar as palavras, obriguei-me a virar as páginas. Talvez fosse o necessário para tocar o resto da minha vida, Se eu continuasse me obrigando a agir, talvez finalmente superasse a culpa, a tristeza e o medo que carregava desde a morte de Rosalyn.

Nesse momento, ouvi uma batida na porta.

—Meu pai não está aqui — disse eu, na esperança de que a pessoa desistisse.

—Senhor Stefan? — chamou a voz de Alfred. — O senhor tem uma visita.

—Não, obrigado — respondi. Devia ser o xerife Forbes novamente; ele já viera quatro ou cinco vezes falar com Damon e com meu pai. Até então eu conseguira declinar as visitas, e não suportaria a ideia de dizer — a qualquer pessoa — onde eu estava durante o ataque.

—A visita é muito insistente — chamou Alfred.

—E você também — murmurei, ao andar até a porta e abri-la.

—Ela está na sala de estar — disse Alfred, virando-se.

—Espere! — *Ela*, Seria... Katherine? Meu coração se acelerou involuntariamente.

— Senhor? — perguntou Alfred, parando.

— Já irei até lá.

Agitado, joguei um pouco de água no rosto e usei as mãos para remover os cabelos da testa. Meus olhos ainda estavam inchados e vasos mínimos haviam se rompido, deixando-os avermelhados, mas não havia nada mais que eu pudesse fazer para parecer eu mesmo, quanto mais me sentir assim.

Andei, decidido, até a sala. Por um instante, meu coração desabou de decepção. Em vez de Katherine, sua criada Emily estava sentada na poltrona de veludo vermelho no canto. Tinha um cesto de flores no colo e levava uma margarida ao nariz, como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo.

—Olá — cumprimentei-a formalmente, pensando numa desculpa educada para me retirar.

—Sr. Salvatore. — Emily se levantou e me cumprimentou. Usava um simples vestido branco e uma touca; sua pele morena era lisa e sem rugas. — Minha senhora e eu partilhamos da sua tristeza. Ela me pediu que lhe desse isso — disse ela, estendendo o cesto para mim.

—Obrigado — falei, pegando o cesto. Distraidamente, coloquei um ramo de lilases no nariz e inspirei.

—Eu usaria isso na sua cura, no lugar dos alimentos de Cordélia — disse Emily.

—Como sabe disso? — perguntei.

—Os criados comentam... Mas receio que qualquer alimento

que Cordélia esteja lhe dando faça mais mal do que bem. — Ela pegou alguns botões do cesto, unindo-os num buquê. — Margaridas, magnólias e coração-magoado ajudarão na sua cura.

—E amor-perfeito para os pensamentos? — perguntei, lembrando-me de uma citação de *Hamlet*, de Shakespeare. Logo percebi que fora uma declaração tola. Como uma criada sem instrução saberia do que estou falando?

Emily simplesmente sorriu.

— Amor-perfeito não, embora minha senhora tenha falado do seu amor por Shakespeare. — Ela estendeu a mão até o cesto e pegou um ramo de lilás, que colocou delicadamente na minha pela.

Levantei o cesto e respirei. Tinha cheiro de flores, mas havia algo mais: um aroma inebriante que eu somente experimentava quando estava perto de Katherine. Respirei novamente, sentindo desaparecerem lentamente a confusão e a escuridão dos últimos dias.

—Sei que tudo parece muito estranho — disse Emily, interrompendo meus devaneios —, mas minha senhora deseja apenas o melhor para o senhor. — Ela assentiu para o sofá, como se me convidasse a sentar-me. Obediente, sentei-me e fitei-a. Emily era extraordinariamente bonita e se comportava com uma graça que eu nunca vira antes. Seus movimentos e maneiras eram tão estudados que olhá-la era como observar uma pintura ganhando vida.

—Ela gostaria de ver o senhor — disse Emily depois de um instante.

No segundo em que as palavras saíram dos seus lábios, percebi que aquilo jamais poderia acontecer. Sentado na sala de visitas, à luz do dia, com outra pessoa, em vez de ficar perdido nos meus pensamentos, fez tudo entrar em foco. Eu era um viúvo e meu dever era prantear Rosalyn, e não alimentar uma fantasia pueril de amor por Katherine. Além disso, Katherine era uma linda órfã, sem amigos ou parentes. Jamais daria certo... Não poderia dar.

—Eu a vi. Nos funerais de... Rosalyn — comentei, sério.

—Não seria exatamente uma visita social — observou Emily. — Ela gostaria de ver o senhor, em algum lugar reservado. Quando o senhor estiver pronto — acrescentou rapidamente.

Eu sabia o que precisava dizer, a única coisa *adequada* a se dizer, mas as palavras custaram a se formar.

—Verei se será possível, mas, no meu estado atual, receio não estar no melhor espírito para uma caminhada. Por favor, diga à sua senhora que lamento, porém não lhe faltará companhia. Sei que meu irmão irá aonde ela quiser — disse eu, as palavras pesadas na minha língua.

—Sim, ela tem grande afeto por Damon. — Emily segurou as saias e levantou- se. Levantei-me também e senti, embora eu fosse mais alto, que ela era de algum modo mais poderosa do que eu. Era uma sensação estranha, embora não inteiramente desagradável. — Mas não se pode discutir com um amor verdadeiro.

Então ela saiu pela porta e atravessou o jardim, com a margarida nos seus cabelos espalhando pétalas ao vento.

12

Não sei se foi o ar fresco ou as flores que Emily me trouxe, mas naquela noite dormi profundamente. Na manhã seguinte, acordei com o sol forte nos meus aposentos e, pela primeira vez desde a morte de Rosalyn, não me dei ao trabalho de beber o que Cordélia deixara na mesa de cabeceira. O cheiro de canela e de ovos chegava da cozinha, e ouvi o bufar de cavalos enquanto Alfred os atrelava. Por um segundo, senti o arrepio de novas possibilidades e um botão nascente de felicidade.

— Stefan! — meu pai trovejou do outro lado da porta, batendo três vezes com a bengala ou com o chicote. Inesperadamente, lembrei-me de tudo o que acontecera na semana anterior e meu mal-estar voltou.

Continuei em silêncio, na esperança de que ele simplesmente fosse embora, mas ele abriu a porta. Vestia as calças de montaria e trazia seu chicote preto, com um sorriso no rosto e um ramo de violeta na lapela. A flor não era bonita ou cheirosa; na verdade, parecia uma das ervas que Cordélia cultivava perto das dependências dos criados.

Vamos cavalgar — anunciou ele ao abrir as cortinas. Protegi os olhos contra a claridade. O mundo era sempre tão luminoso? — Este quarto precisa de uma limpeza e você, meu rapaz, de um pouco de sol.

Mas eu deveria cuidar dos meus estudos — falei, gesticulando espontaneamente para o volume de Macbeth aberto na minha mesa.

Meu pai pegou o livro e fechou-o com um movimento decidido.

— Preciso falar com você e com Damon, longe de ouvidos curiosos. — Ele olhou com desconfiança para o quarto. Segui seu olhar, mas nada vi a não ser alguns pratos sujos que Cordélia ain da não lavara.

Como se recebesse uma deixa, Damon entrou no quarto, com calças cor de mostarda e seu casaco cinza do exército confederado.

Pai! — Damon revirou os olhos. — Não me diga que veio falar naquele absurdo de demônios mais uma vez!

—Não é um absurdo! — rugiu meu pai. — Stefan, verei você e seu irmão no estábulo — disse ele, dando meia-volta e saindo. Damon balançou a cabeça e seguiu-o, deixando-me sozinho para trocar de roupa.

Vesti meu traje de montaria — um colete cinza e calças marrons — e suspirei, sem saber se tinha forças para cavalgar ou para suportar outra maratona de discussões entre nosso pai e meu irmão. Quando abri a porta, encontrei Damon parado ao final da escada sinuosa, esperando. , — Sente- se melhor, maninho? — perguntou, enquanto seguíamos até a porta e atravessávamos o gramado.

Assenti, mesmo enquanto observava o local sob o salgueiro onde eu encontrara Rosalyn. A relva era alta e de um verde vivo, e esquilos corriam pelo tronco desenhado da árvore. Pardais cantavam e os galhos caídos do salgueiro pareciam viçosos e cheios de promessas. Não havia sinal de algo estranho.

Soltei um suspiro de alívio quando chegamos ao estábulo, respirando o cheiro familiar e adorado do couro bem oleado e da serragem.

— Olá, menina — sussurrei na orelha aveludada de Mezzanotte. Ela relinchou, feliz. Sua pelagem estava sedosa, até mais do que da ultima vez em que a escovei. — Desculpe não ter vindo visitá-la, parece que meu irmão cuidou bem de você.

—Na verdade, Katherine cuidou dela. O que foi ruim para os cavalos dela... — Damon sorriu ternamente ao empinar o queixo para dois machos pretos em um canto. Eles batiam os cascos e olhavam deprimidos para o chão, como que para expressar o quanto eram ignorados e solitários.

—Você tem passado muito tempo com Katherine — disse eu finalmente. Era uma afirmação, não uma pergunta. Damon sempre teve facilidade com as mulheres, e eu sabia que ele *conhecia* as mulheres, especialmente depois do seu ano no exército confederado. Ele me contou histórias, que me fizeram corar, de algumas mulheres que conhecera em cidades como Atlanta e Lexington. Será que ele *conhecia* Katherine?

—É verdade — disse Damon, passando a perna pelo dorso do

seu cavalo, Jake. O assunto não se estendeu.

— Prontos, meninos?— chamou meu pai, com o cavalo impacientemente batendo os cascos. Assenti e parti em passos largos atrás de Damon e de papai, em direção à ponte Wickery, do outro lado da propriedade.

Atravessamos e entramos no bosque. Suspirei aliviado; o sol estava forte demais e eu preferia as sombras escuras das árvores. O bosque era fresco, com folhas molhadas cobrindo o chão, embora não tivéssemos uma tempestade recentemente. As folhagens eram tão fartas que podíamos ver apenas pequenos pedaços do céu azul e, ocasionalmente, ouvir o farfalhar de um guaxinim ou de um esquilo nos arbustos. Procurei não pensar nos ruídos dos animais como vindos da besta que atacara Rosalyn.

Continuamos a cavalgar até chegarmos à clareira. Meu pai subitamente parou e amarrou o cavalo a uma árvore. Obediente, amarrei Mezzanotte à outra e olhei em volta. A clareira era marcada por um conjunto de pedras dispostas num círculo rudimentar, acima do qual as árvores se dividiam, proporcionando uma janela natural para o céu. Eu não ia até lá havia séculos, desde antes da partida de Damon. Quando éramos crianças, costumávamos brincar ali, de jogos de cartas proibidos, com outros colegas da cidade. Todos sabiam que a clareira era onde os meninos realizavam jogos de azar e as meninas fofocavam, e aonde todos vinham para contar seus segredos. Se meu pai realmente quisesse que nossa conversa fosse discreta, teria sido melhor nos levar à taberna.

— Temos problemas — disse meu pai sem preâmbulos, olhando o céu. Segui seu olhar, esperando ver uma tempestade de verão se aproximando rapidamente. Mas o céu era imaculado e azul, lembrando- me, como tudo, dos olhos mortos de Rosalyn.

— *Não* temos, pai — disse Damon com aspereza. — Sabe quem tem problemas? Todos os soldados nessa guerra desolada por uma causa na qual o senhor me obrigou a acreditar. O problema é a guerra e sua necessidade incessante de encontrar conflitos onde quer que chegue. — Damon batia os pés, com raiva, lembrando-me tanto Mezzanotte que tive de reprimir o riso.

— *Não* permitirei que você fale assim comigo! — disse papai, agitando seu punho no ar em direção a Damon. Olhei de um para o

outro, como se assistisse a uma partida de tênis. Damon parecia mais alto sobre os ombros arriados de papai e, pela primeira vez, percebi que ele estava envelhecendo. Damon pôs as mãos nos quadris.

— Então fale; vamos ouvir o que tem a dizer!

Eu esperava que meu pai gritasse, mas ele foi até uma das pedras e os joelhos estalaram quando ele se curvou para se sentar.

— Quer saber por que deixei a Itália? Deixei-a por vocês, pelos meus futuros filhos. Eu queria que meus filhos crescessem, se casassem e tivessem filhos numa terra que fosse minha e que eu amasse. Eu *amo* esta terra, e não a verei ser destruída por demônios — disse papai, agitando loucamente as mãos. Eu recuei. Mezzanotte soltou um relincho longo e queixoso. — Demônios — repetiu ele, como que para provar seu argumento.

— Demônios? — Damon bufou. — Mais parecem cachorros grandes. Não entende que essa conversa é o que o fará perder tudo? O senhor diz que deseja uma boa vida para nós, mas sempre decide como devemos vivê-la. O senhor me obrigou a ir para a guerra, forçou Stefan a noivar, e agora quer que acreditemos nas suas fantasias — gritou Damon, frustrado.

Virei-me para meu pai, sentindo-me culpado — não queria que ele soubesse que eu não amara Rosalyn —, mas ele não me olhou. Estava ocupado demais fuzilando Damon com o olhar.

— Eu apenas queria que meus filhos tivessem o melhor. Sei o que estamos enfrentando e não tenho tempo para seus argumentos infantis. Não estou contando histórias. — Meu pai olhou-me e obriguei-me a fitar seus olhos escuros. — Entendam, por favor... Existem demônios que andam entre nós; eles também existiam no velho país. Andavam pela mesma terra, falavam como humanos. Mas não bebiam como humanos.

—Bem, se eles não bebem vinho, seriam uma bênção, não acha? — perguntou Damon com sarcasmo. Eu fiquei tenso. Lembrei-me de todas as vezes, depois da morte da minha mãe, em que meu pai bebera vinho ou uísque demais, trancara-se no escritório e murmurara, tarde da noite, sobre fantasmas ou demônios.

—Damon! — disse papai com uma voz ainda mais incisiva do que a do meu irmão. — Vou ignorar seu atrevimento, mas *não* permitirei que ignore a mim. Escute-me, Stefan. — Papai se virou

para mim. — O que você viu acontecer com sua jovem Rosalyn não foi algo natural, não foi um dos *coiotes* de Damon — disse papai, praticamente cuspindo a palavra. — Foi um *vampiro*. Eles estavam no velho país e chegaram até aqui — disse papai, retorcendo o rosto ruborizado.

— E estão fazendo o mal; eles se alimentam de nós. E precisamos impedi-los. —O que quer dizer? — perguntei, nervoso, perdendo todo o vestígio de exaustão ou de vertigem: o que senti naquele momento foi medo. Pensei em Rosalyn, mas, em vez de me lembrar dos seus olhos, lembrei-me do sangue no seu pescoço, escorrido de dois círculos exatos. Toquei meu pescoço, sentindo a pulsação do sangue sob a pele. O movimento abaixo dos dedos se acelerou enquanto eu sentia meu coração saltar. Estaria meu pai... certo?

— Papai quer dizer que ele ficou tempo demais ouvindo as histórias das senhoras da igreja. Pai, essa história poderia assustar uma criança! E não é muito inteligente. Tudo o que o senhor diz é absurdo. — Damon balançou a cabeça e levantou-se com raiva do seu posto no toco de uma árvore. — Não ficarei sentado ouvindo contos sobre fantasmas. — E virou-se nas botas de fechos dourados, passando uma das pernas por cima de Jake e olhando meu pai de cima, como se o desafiasse a dizer algo mais.

— Guarde minhas palavras — disse meu pai, aproximando-se. — Há vampiros entre nós. Parecem-se conosco e podem viver entre nós, mas não são como nós. Eles bebem sangue; é seu elixir da vida. Não têm alma e são imortais.

A palavra "imortais" me fez prender a respiração. O vento mudou e as folhas começaram a farfalhar. Eu tremi.

—Vampiros — repeti, devagar. Eu ouvira a palavra certa vez, quando Damon e eu éramos estudantes e costumávamos nos reunir na ponte Wickery, tentando assustar nossos amigos. Um menino nos contou ter visto uma figura ajoelhando-se no bosque, banqueteando-se no pescoço de um cervo. O menino nos contou que gritou e que a figura se virou para ele, seus olhos eram vermelhos e diabólicos, e o sangue pingava dos dentes longos e afiados. Um *vampiro*, dissera o menino com convicção, olhando a roda para ver se impressionara algum de nós. Mas como ele era pálido e franzino, e caçava muito

mal, nós rimos e zombamos impiedosamente dele. Ele e sua família se mudaram para Richmond no ano seguinte.

—Bem, prefiro vampiros a um pai insano — disse Damon, batendo nos quadris de Jake e cavalgando em direção ao poente.

Virei-me para meu pai, esperando uma resposta furiosa, mas ele simplesmente balançou a cabeça.

— Acredita em mim, filho? — perguntou ele.

Assenti, embora não soubesse *no* que acreditar. Eu sabia apenas que, de algum modo, na semana passada, todo o mundo mudara e eu não sabia se ainda cabia nele.

— Que bom — assentiu papai enquanto voltávamos pela floresta, para a ponte. — Precisamos ter cuidado. Parece que a guerra despertou os vampiros... É como se eles sentissem o cheiro de sangue.

Sangue... A palavra ecoou na minha mente ao guiarmos nossos cavalos para longe do cemitério, pegando o atalho pelos campos que nos levaria ao lago. Ao longe, eu via o sol refletido na superfície da água. Ninguém jamais imaginaria que essa paisagem verde e ondulante era um lugar onde os demônios caminhavam. Os demônios, se existissem realmente, pertenciam ao antigo país, às igrejas decrépitas e aos castelos onde meu pai fora criado. Todas as palavras que ele dizia eram familiares, mas pareciam tão estranhas aqui, onde ele as pronunciava.

Meu pai olhou em volta, como que para se certificar de que ninguém estava escondido nos arbustos perto da ponte. Os cavalos já andavam junto ao cemitério, as lápides brilhavam, imponentes, no sol quente de verão.

— É de sangue que eles se alimentam, é o que lhes dá poder.

— Mas então... — falei, enquanto a informação girava no meu cérebro. — Se são imortais, como vamos...

— Matá-los? — perguntou papai, concluindo meu pensamento. Ele puxou as rédeas. — Existem alguns métodos, andei aprendendo. Soube que há um sacerdote em Richmond que pode tentar exorcizá-los, mas as pessoas na cidade sabem de... algumas coisas — concluiu ele. — Jonathan Gilbert, o xerife Forbes e eu discutimos algumas medidas preliminares.

—Se houver algo que eu possa fazer... — propus eventualmente, sem saber o que dizer.

—Mas é claro! — disse meu pai bruscamente. — Espero que faça parte do nosso conselho. Para começar, estive conversando com Cordélia. Ela conhece as ervas e disse que há uma planta chamada verbena. — A mão do meu pai foi até a flor na sua lapela. — Prepararemos um plano e venceremos! Porque embora eles tenham a imortalidade, nós temos Deus ao nosso lado! Ê matar ou ser morto. Você me compreende, rapaz? Essa é a guerra que você está sendo levado a travar.

Assenti, sentindo todo o peso da responsabilidade nos meus ombros. Talvez fosse *isto* o que eu deveria fazer: não me casar nem ir para a guerra, mas combater um mal sobrenatural. Pitei meu pai.

— Farei tudo o que quiser — disse eu. — Tudo.

A última coisa que vi antes de galopar até o estábulo foi um sorriso imenso no rosto dele.

— Eu sabia que você faria, filho. Você é um verdadeiro Salvatore.

13

Voltei para o meu quarto sem saber o que pensar. Vampiri. Vampiros. Não parecia uma palavra certa, independentemente do idioma. Coiotes. Essa era uma palavra que fazia sentido. Afinal, um coiote era como um lobo, um animal selvagem atraído pelo emaranhado confuso das florestas da Virgínia. Se Rosalyn tivesse sido morta por um coiote, ainda seria uma tragédia, porém compreensível. Mas ser morta por um demônio?

Eu ri e o som saiu como um latido baixo enquanto eu entrava no meu quarto e me sentava, com a cabeça apoiada nas mãos. Minha dor de cabeça voltara com um vigor renovado e me lembrei do pedido de Emily sobre a comida de Cordélia. Além de tudo, parecia que os criados se voltaram uns contra os outros.

De repente, ouvi três batidas suaves na porta. O som era tão leve que poderia ser o vento, que não dera sinais de cessar desde que voltamos do bosque.

— Sim? — chamei, hesitante.

As batidas recomeçaram, dessa vez mais insistentes. Do outro lado do quarto, as cortinas de algodão sopraram violentamente no vento.

— Alfred? — perguntei, com os pelos da nuca se arrepiando. A história do meu pai definitivamente me afetara. — Não vou jantar — avisei em voz alta.

Peguei um abridor de cartas na minha mesa e escondi-o às costas enquanto seguia, com cautela, até a porta. Assim que toquei a maçaneta, a porta começou a se abrir.

— Isso não é engraçado! — disse eu, um pouco histérico,quando uma figura de branco entrou deslizando no quarto.

Katherine.

Ótimo, porque o humor nunca foi meu forte — disse Katherine, com um sorriso que revelava dentes brancos e perfeitos.

Desculpe. — Eu corei e larguei apressadamente o abridor de

cartas na mesa. — Eu...

Você ainda está se recuperando. — Os olhos castanhos de Katherine se fixaram nos meus. — Desculpe por tê-lo assustado. — Ela se sentou no centro da minha cama, levando os joelhos até o peito. — Seu irmão está preocupado com você.

Ah... — gaguejei. Eu nem acreditava que Katherine Pierce entrara no meu quarto e estava sentada na minha cama, como se fosse algo perfeitamente normal. Nenhuma mulher, a não ser minha mãe e Cordélia, jamais entrara nos meus aposentos. Subitamente fiquei constrangido com minhas botas enlameadas num canto, a pilha de pratos de porcelana em outro e o volume de Shakespeare ainda aberto sobre a mesa.

—Quer ouvir um segredo? — perguntou Katherine. Mantive-me à porta, agarrado à maçaneta.

—Talvez? — perguntei, hesitante novamente.

— Chegue mais perto e vou lhe contar... — Ela fez um gesto com o dedo, me chamando. As pessoas da cidade ficariam escandalizadas se um casal fosse até a ponte Wickery sem um acompanhante, mas ali estava Katherine, sozinha (e sem meias, a propósito), empoleirada na minha cama e pedindo-me para me juntar a ela.

Não havia como resistir.

Sentei-me com cautela na beira da cama. Imediatamente ela se colocou sobre as mãos e os joelhos, e engatinhou até mim. Empurrando os cabelos para cima de um dos ombros, ela pôs a mão em concha no meu ouvido.

— Eu também estive preocupada com você — cochichou ela.

Seu hálito era estranhamente frio no meu rosto. Os músculos da minha perna se retorceram. Eu sabia que deveria exigir que ela fosse embora imediatamente, porém, em vez disso, aproximei-me dela.

— É mesmo? — cochichei.

— Sim — murmurou Katherine, encarando meus olhos. — Você precisa esquecer Rosalyn.

Tremi e me desviei dos olhos castanho-escuros de Katherine para a janela, vendo a tempestade de verão que se aproximava rapidamente.

Katherine pegou meu queixo com aquelas mãos gélidas e virou meu rosto para o dela.

— Rosalyn está morta — continuou ela, o rosto cheio de tristeza e de gentileza —, mas você não está. Rosalyn não gostaria que se trancafiasse como um criminoso. Ninguém desejaria isso para seu noivo, não concorda?

Assenti devagar. Embora Damon me dissesse o mesmo, as palavras faziam infinitamente mais sentido quando vinham da boca de Katherine.

Seus lábios se curvaram num pequeno sorriso.

— Você encontrará a felicidade novamente — disse ela. — Eu quero ajudar. Mas terá de me deixar fazer isso, meu doce Stefan. — Katherine colocou a mão gelada na minha testa. Senti uma onda de calor e de frio convergir para as minha têmporas. Encolhi-me com a força desse gesto, com a decepção se acumulando no meu peito enquanto a mão de Katherine descia de volta para seu colo.

— São as flores que colhi para você? — perguntou Katherine, olhando para o outro lado do quarto. — Você as colocou num canto sem luz alguma!

—Desculpe — falei.

Ela girou imperiosamente as pernas para fora da cama e curvou-se para pegar o cesto embaixo da minha mesa. Abriu a cortina e me olhou, com braços cruzados. Minha respiração ficou presa na garganta. Seu vestido de crepe azul- claro destacava a cintura mínima e o colar se assentava no seu colo. Ela era inegavelmente linda.

Então pegou uma margarida do ramalhete, retirando as pétalas uma por uma.

— Ontem vi a filha de uma criada brincando de um jogo bobo... *Bem me quer, mal me quer.* — Ela riu, mas seu sorriso ficou repentinamente solene.

— Qual acha que seria a resposta?

E, subitamente, ela estava na minha frente, com as mãos nos meus ombros. Inspirei profundamente, sentindo o cheiro de gengibre e de limão, sem saber o que dizer, querendo apenas sentir suas mãos nos meus ombros para sempre.

— A resposta seria bem me quer... Ou mal me quer? —

perguntou Katherine, curvando-se para mim. Meu corpo começou a tremer por um desejo que eu não sabia possuir; meus lábios estavam a centímetros dos dela.

— Qual é a resposta? — perguntou Katherine, mordendo o lábio, fingindo ser uma donzela tímida. Eu ri involuntariamente. Sentia-me vendo a cena se desenrolar, totalmente incapaz de conter o que estava prestes a fazer. Sabia que era um erro, algo pecaminoso. Mas como poderia ser um pecado se cada fibra do meu ser queria isso mais do que tudo? Rosalyn estava morta, Katherine estava viva. E eu também estava vivo, e precisava começar a agir como tal.

Se o que meu pai dissera era verdade, e eu estava prestes a travar a batalha da minha vida, entre o bem e o mal, eu precisaria aprender a ter confiança em mim e nas minhas decisões. Precisaria parar de pensar e começar a acreditar nas minhas convicções, nos meus desejos.

— Precisa que eu responda? — perguntei, pegando-a pela cintura. Segurei-a e puxei-a para a cama com uma força que não sabia ter. Ela soltou um gritinho de alegria e tombou na cama, ao meu lado. Seu hálito era doce e seus braços eram frios contra os meus, e de repente, nada mais — Rosalyn, os demônios do meu pai ou Damon — tinha qualquer importância.

14

Acordei na manhã seguinte e estiquei os braços, triste quando não toquei nada além nos meus travesseiros de penas de ganso. Uma leve marca no colchão, ao meu lado, era a única prova de que tudo fora real, e não um dos sonhos ardentes que eu tinha desde a morte de Rosalyn.

É claro que eu não poderia esperar que Katherine passasse a noite comigo, não com sua criada esperando na casa de hóspedes e a tagarelice dos empregados. Ela mesma disse que esse teria de ser nosso segredo, que ela não poderia se arriscar a estragar sua reputação — não que ela precisasse se preocupar com isso. Eu queria que tivéssemos um mundo secreto, juntos.

Perguntei-me quando ela escapara, lembrando-me da sensação dela nos meus braços, um calor e uma leveza que nunca senti. Sentia-me completo, em paz, e a idéia de Rosalyn era apenas uma vaga lembrança, um personagem de uma história desagradável que eu simplesmente conseguia esquecer.

Minha mente era consumida por pensamentos sobre Katherine: ela fechando as cortinas enquanto a tempestade de verão batia nas janelas, como deixou que minhas mãos explorassem seu corpo perfeito. A certa atura, eu acariciava seu pescoço quando minhas mãos caíram no fecho do colar de camafeu azul que ela sempre usava. Tentei abrir o fecho, mas Katherine me empurrou rudemente.

— Não! — dissera de maneira incisiva, levando as mãos ao fecho, certificando-se de que nada fora alterado. Depois que tateou o pingente no seu colo, voltou a me beijar.

Corei ao me lembrar de tudo o que ela permitiu que eu tocasse.

Girei as pernas para fora da cama, andei até a bacia sobre a mesa e joguei um pouco de água no rosto. Olhei-me no espelho e sorri. As olheiras haviam desaparecido e não parecia um esforço atravessar o quarto. Vesti meu colete e as calças azul-escuras e saí do

quarto cantarolando.

— Senhor? — perguntou Alfred da escada, segurando um prato coberto: meu café da manhã. Meus lábios se retorceram de repulsa! Como pude ficar na cama por uma semana quando havia todo um *mundo* a descobrir com Katherine?

— Estou muito bem, obrigado, Alfred — avisei ao descer a escada, de dois em dois degraus. A tempestade da noite anterior desaparecera tão rápido quanto chegara. No solário, a luz do início da manhã cintilava pelas janelas, que iam do chão ao teto, e a mesa estava decorada com margaridas recém- colhidas. Damon estava ali, bebendo uma xícara de café e folheando o jornal matinal de Richmond.

— Olá, irmãozinho! — disse Damon, erguendo a xícara de café como se brindasse a mim. — Você parece bem! Afinal, nossa cavalgada à tarde lhe fez bem? — Assenti e sentei-me à frente dele, olhando as manchetes no jornal. A União tomara Fort Morgan. Perguntei-me onde ficava exatamente.

— Não sei por que recebemos esse jornal... Até parece que papai se importa com algo além das histórias que inventa — disse Damon, enojado.

— Se detesta tanto estar aqui, por que não vai embora? — perguntei, irritado com os resmungos constantes de Damon. Talvez *fosse* melhor que ele partisse, ao menos meu pai não ficaria tão frustrado. Uma voz odiosa no fundo de mim acrescentou em silêncio: "E eu não teria de pensar em você e Katherine, juntos no balanço da varanda."

Damon ergueu uma sobrancelha.

— Bem, eu mentiria se não dissesse que as coisas estavam *interessantes* por aqui. — Seus lábios se curvaram numa espécie de sorriso que me fez querer pegá-lo pelos ombros e sacudi-lo.

A intensidade das minhas emoções me surpreendeu tanto que precisei me sentar e encher a boca de muffin, tirando-o de um cesto transbordante sobre a mesa, Nunca tive ciúmes do meu irmão, mas de repente eu morria de vontade de saber: Katherine entrara furtivamente no quarto dele? *Ela não pode ter feito isso.* Na noite passada, parecia tão nervosa com a possibilidade de ser apanhada que me fez prometer repetidas vezes que eu nunca diria uma palavra

a ninguém sobre o que fizemos.

Betsy, a cozinheira, chegou com os braços carregados de pratos com aveia, bacon e ovos. Meu estômago roncou e percebi que estava faminto. Rapidamente ataquei a comida, degustando o sabor salgado dos ovos combinado com o amargor doce do café. Era como se eu nunca houvesse tomado um café da manhã e meus sentidos finalmente despertassem. Suspirei, satisfeito, e Damon me olhou, divertindo-se.

— Eu *sabia* que você só precisava de ar fresco e de boa comida — disse Damon.

EKatherine, pensei.

— Vamos sair e arrumar algumas confusões. — Damon sorriu maliciosamente. — Papai está no escritório, estudando demônios. Sabia que ele meteu até Robert nisso? — Damon balançou a cabeça, revoltado.

Suspirei. Embora não acreditasse necessariamente em toda a discussão sobre os demônios, respeitava meu pai o bastante para não rir das suas idéias. Ouvir o desprezo de Damon por ele fazia com que me sentisse vagamente desleal.

— Desculpe, maninho. — Damon balançou a cabeça e raspou a cadeira no piso de ardósia ao empurrá-la para trás. — Sei que não gosta quando papai e eu brigamos. — Ele se aproximou, puxando minha cadeira e quase me fazendo cair. Levantei-me com esforço e o empurrei, de bom humor.

—Assim está melhor! — exclamou Damon com alegria. — Vamos! — Ele correu até a porta dos fundos, deixando-a bater. Cordélia costumava gritar conosco por causa disso quando éramos crianças, e eu ri quando ouvi o grunhido familiar da cozinha. Corri até o meio do gramado, onde estava Damon com a bola alongada que usamos duas semanas antes.

— Tome, maninho! Pegue! — Damon ofegava e virei-me, saltando no ar, a tempo de pegar a bola de pele de porco nos braços. Apertei-a com força contra o peito e corri para o estábulo, o vento batendo no meu rosto.

— Ei, rapazes! — chamou uma voz, fazendo-me parar imediatamente. Katherine estava na varanda da casa de hóspedes, com um vestido creme, parecendo tão inocente e meiga que eu nem

acreditava que o que acontecera na noite passada não fora um sonho.
— Gastando o excesso de energia?

Virei-me timidamente e fui até a varanda.

— Jogando! — expliquei, atirando a bola apressadamente a Damon.

Katherine levou a mão para trás, ajeitando os cachos de cabelo na nuca.

Tive um medo súbito de que ela pensasse que a estávamos cansando com nosso jogo infantil e de que houvesse saído para nos repreender por acordá-la tão cedo, mas ela simplesmente sorriu ao se sentar no balanço da varanda.

— Está pronta para jogar? — Damon chamou-a da sua posição no gramado. Ele levou a bola atrás da cabeça, como se estivesse prestes a atirá-la para Katherine.

— É claro que *não* — Katherine torceu o nariz. — Uma vez já basta... Além disso, acho que as pessoas que precisam de apoios para seus jogos e esportes têm pouca imaginação.

— Stefan tem imaginação. — Damon forçou um sorriso. — Deveria ouvi-lo lendo poesias. Parece um trovador! — Ele largou a bola e correu até a varanda.

— Damon também tem imaginação! Deveria ver o modo imaginativo como joga cartas — brinquei ao chegar aos degraus da varanda.

Katherine assentiu para mim quando eu a cumprimentei, mas não fez qualquer esforço para retribuir o gesto. Recuei, momentaneamente magoado. Por que ela nem ao menos estendeu a mão para que eu beijasse? Será que a noite passada não significou nada para ela?

— Eu *tenho* imaginação, especialmente quando tenho uma musa. — Damon piscou para Katherine e parou na minha frente para pegar sua mão. Levou-a aos lábios e meu estômago se revirou.

— Obrigada — disse Katherine, levantando-se e descendo a escada, as saias simples roçando os degraus. Com os cabelos afastados dos olhos, ela me lembrava um anjo. Abriu-me um sorriso secreto e finalmente relaxei.

— Está lindo aqui fora — disse ela, abrindo os braços como se abençoasse toda a propriedade. — Vão me mostrar tudo? —

perguntou, virando-se e olhando primeiro para Damon, para mim e em seguida, para Damon novamente. — Moro aqui há mais de duas semanas e mal vi *algo* além dos meus aposentos e dos jardins. Quero algo novo! Algo secreto!

— Temos um labirinto — falei, como um idiota. Damon me deu uma cotovelada nas costelas, como se *ele* tivesse algo melhor a dizer.

—Eu sei — disse Katherine. — Damon me mostrou.

Meu estômago se revirou com a lembrança de quanto tempo os dois passaram juntos na semana em que estive mal. E se ele lhe mostrou o labirinto...

Afastei o pensamento o máximo que pude. Damon sempre me contou sobre todas as mulheres que beijou, desde que tínhamos 13 anos e ele e Amélia Hawke se beijaram na ponte Wickery. Se ele tivesse beijado Katherine, teria me dito.

—Mas adoraria vê-lo novamente — disse Katherine, batendo palmas como se eu tivesse acabado de lhe contar a notícia mais interessante do mundo. — Os dois me acompanharão? — perguntou ela cheia de esperança, olhando-nos.

—É claro — dissemos simultaneamente.

—Ah, maravilhoso! Preciso avisar a Emily. — Katherine correu para dentro da casa, deixando-nos na frente da escada.

—*Ê* uma mulher e tanto, não é? — disse Damon.

—Realmente *é* — respondi. Antes que pudesse falar algo mais, Katherine desceu a escada aos saltos, segurando uma sombrinha numa das mãos.

— Estou pronta para nossa aventura! — exclamou ela, entregando-me a sombrinha com uma expressão de expectativa. Eu a enganchei no braço enquanto Katherine dava o braço a Damon. Andei alguns passos atrás, vendo a tranqüilidade com que os quadris dos dois se chocavam, como se ela fosse simplesmente a irmã mais nova e implicante de Damon. Relaxei. Era apenas isso. Damon era protetor e estava simplesmente sendo um irmão mais velho para Katherine. E ela precisava disso.

Assobiei baixo enquanto os seguia. Tínhamos um pequeno labirinto no jardim, mas o labirinto que ficava mais distante da propriedade era caro, construído pelo meu pai em um terreno

pantanoso, pois ele estivera decidido a impressionar minha mãe. Ela adorava jardinagem e sempre lamentava que as flores da sua França natal simplesmente não suportariam o solo duro da Virgínia. O terreno sempre cheirava a rosas e a clímaces e era o primeiro lugar para onde os casais se retiravam quando queriam ficar a sós numa festa na Veritas. Os criados tinham superstições sobre o labirinto: que uma criança concebida ali seria abençoada por toda a vida; que beijando seu verdadeiro amor, no centro do labirinto, você ficaria ligado a ele para sempre; que contando uma mentira no interior das suas paredes, você seria eternamente amaldiçoado. Naquele dia, ele parecia quase mágico, pois os arbustos e trepadeiras proporcionavam sombras, dando a impressão de que estávamos juntos em um mundo encantado, longe da morte e da guerra.

— É ainda mais bonito do que eu me lembrava! — exclamou Katherine. — Parece saído de um livro de histórias. Como os Jardins de Luxemburgo ou do Palácio de Versalhes! — Ela pegou um lírio e inspirou profundamente.

Parei e olhei-a.

— Então esteve na Europa? — perguntei, sentindo-me tão provinciano quanto qualquer um dos caipiras que moravam nas roças do outro lado de Mystic Falls, aqueles que erravam os erres e que tinham quatro ou cinco filhos na nossa idade.

— Estive em toda parte — disse Katherine com simplicidade. Ela prendeu o lírio na orelha. — Então me digam, rapazes, como se divertem quando *não* há uma estranha misteriosa para impressionar com um passeio pelo seu território?

— Entretemos coisinhas bem jovens com a verdadeira hospitalidade do Sul.

— Damon sorriu maliciosamente, caindo em um sotaque exagerado que sempre me fazia rir.

Katherine o recompensou com uma gargalhada e eu sorri. Percebendo que a amizade sedutora entre Damon e Katherine era inocente como uma relação entre primos, eu era capaz de desfrutar das provocações.

— Damon tem razão. O baile dos Fundadores será em algumas semanas — informei, meu espírito se elevando ao entender que eu estava livre para ir ao baile com quem me agradasse. Eu estava louco

para girar Katherine nos meus braços!

— E você será a moça mais bonita. Até as moças de Richmond e de Charlottesville ficarão com inveja! — declarou Damon.

— É mesmo? Bem, acho que vou gostar disso. Será maldade minha? — perguntou Katherine, olhando de Damon para mim.

—Não — disse eu.

— Sim — disse Damon ao mesmo tempo. — E eu, por exemplo, acho que as moças deveriam admitir sua natureza maldosa. Afinal, todos sabemos que o sexo frágil tem um lado obscuro. Lembra-se de quando Clementine cortou os cabelos de Amélia? — Damon se virou para mim.

— Lembro. — Eu ri, feliz pelo papel de contador de histórias para divertir Katherine. — Clementine achou que Amélia se aproximava demais de Matthew Hartnett e, como Clementine flertava com ele, decidiu, com as próprias mãos, fazer de Amélia uma moça menos atraente.

Katherine pôs a mão na boca, mostrando-se exageradamente impressionada.

— Espero que a pobre Amélia tenha se recuperado.

— Ficou noiva de um soldado. Não se preocupe com ela — disse Damon.

— Na verdade, não deveria se preocupar com nada. Você é bonita demais para isso.

— Bem, estou preocupada com algo... — Katherine arregalou os olhos. — Quem me acompanhará ao baile? — Ela balançava a sombrinha de um lado a outro do braço, enquanto olhava o terreno, como se analisasse uma questão complicada. Meu coração se acelerou quando ela nos olhou. — Já sei! Vamos disputar uma corrida. O vencedor *talvez* me leve! — Ela atirou a sombrinha no chão e correu até o centro do labirinto.

—Maninho? — perguntou Damon, erguendo uma das sobrancelhas para mim.

—Pronto? — Eu sorri, como se fosse apenas uma corrida de crianças. Não queria que Damon soubesse o quanto meu coração batia acelerado e o quanto eu queria alcançar Katherine.

—Agora! — gritou Damon. Comecei a correr imediatamente. Minhas mãos e pernas se debatiam e me impeli para o labirinto.

Quando estávamos na escola, eu era o mais veloz da turma, rápido como um raio na hora de ir embora.

Então ouvi uma gargalhada e olhei para trás. Damon estava recurvado, batendo nos joelhos. Engoli mais ar, tentando não parecer sem fôlego.

—Com medo de competir? — perguntei, correndo até ele e dando um soco no seu ombro. Eu queria que fosse de brincadeira, mas acabou sendo forte.

—Ah, agora está perdido! — disse Damon, com a voz leve e cheia de riso. Ele me pegou pelos ombros e me derrubou com facilidade no chão. Lutei para me levantar e o ataquei, atirando-o de costas e prendendo-o pelos pulsos.

—Acha que pode derrotar seu irmão mais novo? — brinquei, desfrutando da minha vitória momentânea.

—Ninguém veio atrás de mim! — reclamou Katherine, saindo do labirinto. Sua reclamação rapidamente se transformou num sorriso quando nos viu no chão, ofegantes. — Que bom que estou aqui para salvá-los. — Ela se ajoelhou, encostando os lábios no rosto de Damon e depois no meu. Soltei os pulsos dele e levantei-me, limpando a sujeira das minhas calças.

—Está vendo? — perguntou ela enquanto oferecia um braço a Damon. — Vocês precisam apenas de um beijo para que tudo fique melhor... Mas vocês, rapazes, não deveriam ser brutos um com o outro.

— Estávamos brigando por você — disse Damon com indolência, sem se incomodar em levantar. Nesse momento, o som de cascos de cavalos nos interrompeu. Alfred desceu do cavalo e curvou-se para nós três. Deve ter sido uma imagem e tanto: Damon deitado no chão, com a cabeça pousada na mão como se estivesse simplesmente descansando, eu espanando freneticamente folhas de grama das minhas calças, e Katherine entre nós, parecendo se divertir.

— Sinto interromper — disse Alfred. — Mas o senhor Giuseppe precisa falar com o senhor Damon, É urgente.

— Mas claro que é! Tudo sempre é urgente para papai. Quer apostar como ele tem outra teoria ridícula a discutir? — disse Damon.

Katherine pegou a sombrinha no chão.

—Também devo ir. Estou toda desarrumada e tenho de visitar Pearl, na botica.

— Venha — disse Alfred, gesticulando para que Damon montasse no cavalo. Enquanto Alfred e Damon se afastavam, Katherine e eu voltamos lentamente para a casa de hóspedes. Eu queria falar novamente sobre o baile dos Fundadores, mas tive medo.

— Não precisa acompanhar meu ritmo lento. Talvez deva fazer companhia a seu irmão — sugeriu Katherine. — Parece que seu pai é um homem a ser enfrentado por dois — observou ela. Sua mão roçou na minha e ela segurou meu pulso. Depois ficou na ponta dos pés e deixou que os lábios tocassem meu rosto. — Venha me ver esta noite, doce Stefan. Meus aposentos estarão abertos.

— Então disparou numa corrida animada.

Ela corria livre e senti meu coração galopar com ela. Não havia dúvidas: ela sentia o mesmo que eu. E saber disso fez com que me sentisse mais vivo do que nunca.

15

Assim que o sol se pôs, desci furtivamente a escada, abri a porta dos fundos e segui, na ponta dos pés, para a grama, já molhada de orvalho. Fui mais cauteloso do que de costume, uma vez que havia tochas cercando a propriedade e eu sabia que meu pai ficaria insatisfeito por eu me aventurar depois de escurecer — mas a casa de hóspedes ficava perto da casa principal, cerca de vinte passos a partir da varanda.

Atravessei o jardim, pela sombra, sentindo o coração martelar dentro do peito. Não estava preocupado com ataques de animais ou com criaturas da noite, mas em encontrar Alfred ou, pior, meu pai. A idéia de não conseguir ver Katherine, porém, deixava-me histérico.

Mais uma vez, uma névoa densa cobria o chão e subia ao céu,uma reviravolta estranha da natureza, que provavelmente se devia a mudança das estações. Tremi e me certifiquei de não olhar o salgueiro enquanto atravessava o caminho e subia a escada da varanda da casa de hóspedes.

Parei à porta branca. As cortinas estavam fechadas e eu não conseguia ver nenhuma luz através das janelas. Por um segundo, temi r chegado tarde demais. E se Katherine e Emily já tivessem se relido? Ainda assim, bati os nós dos dedos na porta de madeira. Ela se abriu um pouco e algo agarrou meu pulso. — Entre! — Ouvi um sussurro rouco enquanto eu era puxado a casa. Atrás de mim, escutei o estalo da tranca e percebi que estava em frente à Emily.

— Senhor — disse ela, sorrindo ao me cumprimentar. Estava com um vestido azul-marinho simples e seus cabelos caíam em ondas escuras nos ombros.

— Boa noite — respondi, curvando-me gentilmente. Olhei a casa, deixando que meus olhos se adaptassem à luz fraca. Uma lamparina vermelha brilhava na mesa rústica da sala de estar, lançando sombras nas vigas de madeira do teto. A casa de hóspedes ficou abandonada por anos, desde que minha mãe morreu e seus

parentes pararam de nos visitar. Sendo habitada, porém, havia nela um calor humano que não existia na casa principal.

— O que posso fazer pelo senhor? — perguntou Emily; seus olhos escuros sequer piscavam.

— Hum... Vim ver Katherine — gaguejei, constrangido. O que Emily pensaria da sua senhora? Obviamente as criadas pessoais deveriam ser discretas, mas eu sabia como os serviçais falavam e certamente eu não queria que a virtude de Katherine ficasse comprometida caso Emily gostasse de se envolver nas fofocas dos criados.

—Katherine estava esperando pelo senhor — disse Emily, com um brilho malicioso nos olhos escuros.

Ela pegou a lamparina na mesa e levou-me pela escada de madeira, parando à porta branca no final do corredor. Eu me encolhi. Quando Damon e eu éramos pequenos, tínhamos um vago medo de subir ao segundo andar da casa de hóspedes. Talvez porque os criados diziam que era mal- assombrada ou porque cada tábua do piso rangesse, algo nos impedia de ficar muito tempo ali. Com Katherine, porém, não havia outro lugar onde eu quisesse estar.

Emily virou-se para mim, batendo três vezes com os nós dos dedos na porta. Depois a abriu.

Entrei cauteloso no quarto, o piso rangendo enquanto Emily desaparecia no corredor. O quarto tinha uma mobília simples: uma cama de ferro batido coberta por uma colcha verde quadriculada, um armário num canto, uma bacia d'água em outro e um espelho de moldura dourada num terceiro canto.

Katherine estava sentada na cama, olhando a janela, de costas para mim. As pernas estavam escondidas embaixo da curta camisola branca e os cachos longos dos cabelos soltos sobre os ombros.

Fiquei parado, olhando-a, depois finalmente tossi para chamar sua atenção.

Ela se virou com uma expressão divertida nos olhos escuros e felinos.

—Estou aqui — chamei, passando o peso do corpo de um pé para outro.

—Estou vendo — Katherine sorriu. — Vi você vir até aqui. Estava com medo de ficar no escuro?

—Não! — disse eu, defensivo, constrangido por ela ter me visto correr de uma árvore a outra como um esquilo demasiadamente cuidadoso.

Katherine arqueou uma das sobrancelhas escuras e estendeu os braços para mim.

— Precisa parar de se preocupar. Venha cá, vou lhe ajudar a esquecer de tudo — disse ela, erguendo a sobrancelha novamente. Aproximei-me dela como se estivesse num sonho, ajoelhei-me na cama e abracei-a com força. Assim que senti seu corpo nas minhas mãos, relaxei. Bastava senti-la para me lembrar de que ela era real, esta noite era real, e nada mais importava — meu pai, Rosalyn, os espíritos dos quais o povo estava convencido que vagavam no escuro.

Somente o que importava eram meus braços envolvendo meu amor. A mão de Katherine escorregava pelos meus ombros e nos imaginei entrando juntos no baile dos Fundadores. Enquanto sua mão parava perto do meu ombro e eu sentia seus dedos cravando-se no algodão fino da minha camisa, veio, por uma fração de segundo, uma imagem de nós, em dez anos, com muitos filhos que encheriam a propriedade de risos. Quis que essa vida fosse minha, para sempre. Gemi de desejo e inclinei-me, deixando que minha boca roçasse a dela, primeiro lentamente, como faríamos na frente de todos quando anunciássemos nosso amor no nosso casamento, depois com mais intensidade e urgência, deixando que meus lábios seguissem da sua boca para o pescoço, avançando aos poucos para o colo branco como a neve.

Ela segurou meu queixo e puxou meu rosto para o dela, beijando-me com força. Era como se eu estivesse faminto e finalmente encontrasse sustento na sua boca. Nós nos beijamos, então fechei os olhos e me esqueci do futuro.

Subitamente senti uma dor aguda no pescoço, como se fosse esfaqueado. Gritei, porém Katherine ainda me beijava. Mas não, não beijava, *mordia*, chupando o sangue sob minha pele. Meus olhos se abriram de susto e vi os olhos dela, selvagens e sedentos de sangue, o rosto pálido e fantasmagórico sob o luar. Empurrei a cabeça para trás, mas a dor era implacável e eu não conseguia gritar, não conseguia lutar; eu apenas via a lua cheia através da janela e sentia o sangue deixando meu corpo enquanto o desejo, o calor, a raiva e o

terror cresciam em mim. Se assim era a morte, então eu a queria. £u a quis, e então passei os braços em volta de Katherine, doando-me a ela. Em seguida, tudo escureceu.

16

Foi o pio solitário de uma coruja — um som prolongado e lamentoso — que levou meus olhos a se abrirem. Enquanto minha visão se adaptava à luz fraca, senti uma dor pulsando na lateral do pescoço, que parecia acompanhar o piar da coruja. E lembrei-me de tudo — Katherine, seus lábios repuxados, os dentes cintilando. Meu coração batia como se ao mesmo tempo eu morresse e ressuscitasse. A dor medonha, os olhos vermelhos, o negror do sono dos mortos. Olhei em volta, agitado.

Katherine, vestida apenas com um colar e uma simples camisola, estava sentada perto de mim, junto à bacia, lavando os braços com uma toalha de mão.

— Olá, Stefan Sonolento — disse ela em tom de deboche.

Tentei me levantar, mas vi-me preso aos lençóis.

— Seu rosto — balbuciei, sabendo que parecia insano e possuído, como um bêbado cambaleando para fora da taberna.

Katherine continuou a passar o tecido de algodão pelos braços. O rosto que eu vira na noite passada não era humano, era cheio de sede, de desejo e de emoções que eu sequer penso em nomear. Mas nessa luz Katherine parecia mais linda do que nunca, piscando sonolenta como uma gatinha depois de um longo cochilo.

— Katherine? — perguntei, obrigando-me a olhar nos seus olhos. — O que é você?

Katherine pegou lentamente a escova de cabelos na mesa de cabeceira, como se tivesse todo o tempo do mundo. Virou-se para mim e começou a escovar suas mechas exuberantes.

— Não está com medo, está? — perguntou ela.

Então ela era uma vampira. Meu sangue congelou.

Peguei o lençol e enrolei-o no corpo, depois peguei minhas calças ao lado da cama e as vesti. Rapidamente calcei minhas botas e vesti a camisa, sem me importar com a camiseta, ainda no chão. Rápida como um raio, Katherine estava a meu lado, segurando meu

ombro.

Ela era surpreendentemente forte e tive de me desvencilhar bruscamente da sua mão. Depois de libertado, Katherine recuou.

— Shh, shh — murmurou ela, como se fosse uma mãe aquietando seu filho.

Não! — gritei, erguendo a mão. Eu não deixaria que ela tentasse me encantar. — Você é uma vampira! Você matou Rosalyn, está matando a cidade. Você é cruel e precisa ser detida.

Então vi seus olhos, grandes, luminosos e aparentemente infinitos, e estaquei.

— Você não tem medo — repetiu Katherine.

As palavras ecoaram na minha mente, saltando de um lado a outro até finalmente achar ali seu lugar. Eu não sabia como nem por quê, mas no meu âmago, subitamente, não havia medo. Ainda assim...

Mas você é uma vampira! Como posso me conformar com isso?

Stefan, meu suave e sobressaltado Stefan. Tudo vai dar certo... Você verá. — Ela pôs o queixo nas minhas mãos e ficou na ponta dos pés para me dar um beijo. Na quase luz do sol, os dentes de Katherine pareciam brancos, perolados e mínimos, nada como as pequenas adagas que vi na noite anterior. — Sou eu, ainda sou Katherine — disse ela, sorrindo.

Obriguei-me a me afastar. Eu queria acreditar que tudo continuava o mesmo, porém...

— Está pensando em Rosalyn, não é? — perguntou Katherine. Ela percebeu minha expressão sobressaltada e balançou a cabeça.

— É natural que pense que eu poderia ter feito aquilo, mas eu lhe prometo, não a matei. E nunca teria matado.

— Mas... Mas... — comecei.

Katherine colocou o dedo em meus lábios.

— Shh... Eu estava com você naquela noite. Lembra-se? Gosto de você e me importo com as pessoas das quais gosto. Não sei como Rosalyn morreu, mas quem quer que tenha sido... — um lampejo de raiva apareceu nos seus olhos, os quais, percebi pela primeira vez, eram pontilhados de dourado — nos prejudicou. São eles que me assustam. Você pode ter medo de andar à noite, mas tenho medo de andar durante o dia, para não ser confundida com um desses monstros. Posso ser uma vampira, mas tenho um coração. Acredite

em mim, por favor, meu doce Stefan.

Recuei um passo e aninhei a cabeça nas mãos. Minha mente girava. O sol começava a nascer e era impossível saber se a névoa escondia um sói brilhante ou um dia nublado. Era o mesmo com Katherine. Seu belo exterior encobria seu verdadeiro espírito, impossibilitando saber se ela era boa ou má. Afundei na cama, sem querer partir e sem querer ficar.

— Precisa confiar em mim — disse Katherine, sentando-se ao meu lado e colocando a mão no meu peito para sentir meu coração bater. — Sou Katherine Pierce; nada mais, nada menos. Sou a moça que você passou horas a fio olhando desde que cheguei, há duas semanas. O que lhe confessei não é nada. Não muda meus sentimentos, nem os seus, o que podemos ser — disse ela, movendo a mão do meu peito para meu queixo.

— Não é? — perguntou com a voz cheia de urgência.

Olhei naqueles olhos castanhos e grandes e entendi que ela f estava certa. Precisava estar.

Meu coração ainda a desejava tanto que eu queria fazer qualquer coisa para a proteger. Porque ela não era uma vampira, ela era Katherine. Peguei suas mãos, colocando-as nas minhas. Eram pequenas e vulneráveis. Levei seus dedos frios e delicados à minha boca e os beijei, um a um. Katherine parecia tão assustada e insegura.

— Você não matou Rosalyn? — perguntei devagar. Enquanto a frase saía dos meus lábios, eu sabia que era verdade, pois meu coração seria dilacerado se não fosse.

Katherine balançou a cabeça e olhou pela janela.

Eu jamais mataria alguém, a não ser que fosse necessário. A não ser que precisasse me proteger ou a uma pessoa querida. E qualquer um mataria nessa situação, não é verdade? — perguntou ela, indignada, empinando o queixo e parecendo tão orgulhosa e vulnerável que mal consegui deixar de tomá-la nos braços naquele momento. — Promete que guardará meu segredo, Stefan? Promete? — perguntou ela, os olhos escuros investigando os meus.

Claro que sim — disse eu, fazendo a promessa a mim mesmo e a ela. Eu amava Katherine. E sim, ela era uma vampira. No entanto... O modo como a palavra saía da sua boca era tão diferente de como soava quando dita por meu pai. Não havia medo. Havia, no máximo,

romantismo e mistério. Talvez meu pai estivesse errado, talvez Katherine fosse simplesmente incompreendida.

Tem meu segredo, Stefan. E sabe o que isso significa? — disse Katherine, lançando os braços nos meus ombros e roçando o rosto no meu.

— Vous avez mon coeur. Você tem meu coração.

E você tem o meu — murmurei em resposta, sentindo cada palavra.

17

8 de setembro de 1864

Ela não é o que parece. Deveria eu me surpreender? Apavorar-me? Magoar-me?

É como se tudo o que eu sei, tudo o que aprendi, tudo em que acreditei nos meus 17 anos de vida estivesse errado.

Ainda sinto onde ela me beijou, onde seus dedos seguraram minhas mãos. Ainda anseio por ela e, no entanto, a voz da razão grita nos meus ouvidos: não pode amar uma vampira!

Se eu tivesse uma das suas margaridas, arrancaria as pétalas e deixaria que a flor escolhesse por mim. Bem me quer... Mal me quer... bem...

Eu a amo.

Amo. Independentemente das conseqüências.

É isso seguir seu coração? Queria ter um mapa ou uma bússola que me ajudasse a encontrar meu rumo. Mas ela tem meu coração, e esse, acima de tudo, é minha estrela Polar... E isso terá de bastar.

Depois de voltar furtivamente da casa de hóspedes, consegui, de alguma maneira, dormir por algumas horas. Quando despertei, perguntei-me se tudo não teria sido um sonho. Depois mexi a cabeça no travesseiro e vi uma poça de sangue seco e vermelho-escuro, e toquei o pescoço com os dedos. Senti uma ferida que, embora não doesse, trouxe de volta os incidentes bastante reais da noite anterior.

Eu estava exausto, confuso e exaltado. Meus braços e pernas estavam fracos, meu cérebro zumbia. Era como se eu tivesse febre, mas por dentro sentia uma espécie de calma que eu nunca tivera.

Vesti-me, com o cuidado de lavar a ferida com um pano

molhado, fazer um curativo e abotoar minha camisa de linho o mais alto que pude. Examinei meu reflexo no espelho. Tentei ver se havia algo diferente, se havia algum brilho nos meus olhos que entregasse a personalidade mundana que viera à tona, mas meu rosto era o mesmo do dia anterior.

Desci cuidadosamente a escada até o escritório. Meu pai era como um relógio, e sempre passava as manhãs inspecionando e visitando os campos com Robert.

Depois de me fechar na sala escura e fria, passei os dedos pelas lombadas de couro em cada prateleira, sentindo-me reconfortado com sua suavidade. Eu esperava que em algum lugar, nas pilhas e prateleiras de livros sobre todos os assuntos, houvesse um volume que respondesse a algumas perguntas minhas. Lembrei-me de Katherine lendo Os mistérios de Mystic Falls e percebi que o livro não estava mais no escritório, ao menos não à vista.

Andei sem rumo de uma estante a outra, pela primeira vez sentindo-me esmagado pela quantidade de livros no escritório do meu pai. Onde encontraria informações sobre vampiros? Meu pai tinha livros sobre teatro, ficção, atlas e duas prateleiras repletas de Bíblias — em inglês, em italiano e em latim. Finalmente a ponta dos meus dedos passou por um volume fino e esfarrapado, com o título Demônios escrito em prata na lombada. Demônio... Demônio... Era o que eu procurava. Abri o livro, mas estava escrito num dialeto italiano arcaico que eu não compreendia, apesar das minhas longas aulas de latim e italiano.

Ainda assim, levei o livro para a poltrona e me acomodei. Tentar decifrá-lo era um ato que eu podia entender, algo mais fácil do que tomar o café da manhã enquanto fingia normalidade. Passei os dedos pelas palavras, lendo em voz alta como se fosse um menino na escola, cuidando para não perder nenhuma menção à palavra vampiro. Finalmente encontrei-a, mas as frases em volta não passavam de enigmas para mim. Suspirei, frustrado.

Nesse instante, a porta do escritório se abriu.

Quem está aí? — chamei.

— Stefan! — O rosto avermelhado do meu pai estava surpreso. — Eu procurava por você.

— É? — perguntei, a mão indo ao pescoço como se ele pudesse

ver o curativo sob o tecido. Senti apenas o linho macio da minha camisa; meu segredo estava em segurança.

Meu pai olhou-me de um jeito estranho. Aproximou-se, pegando o livro no meu colo.

— Você e eu pensamos o mesmo — disse ele, com um estranho sorriso curvando-se no rosto.

— Pensamos? — Meu coração palpitou como as asas de um colibri e eu tive certeza de que meu pai ouvira minha respiração se encurtar e o arquejar raso na minha garganta. Tive certeza de que podia ler meus pensamentos, certeza de que ele sabia sobre Katherine e eu. E se ele soubesse sobre Katherine, ele a mataria e... Eu não suportava pensar no restante. .Meu pai sorriu novamente.

— Sim... Sei que considerou nossa conversa sobre os vampiros, que tenha levado esse problema a sério. É claro que sei você tem suas motivações para vingar a morte da sua jovem Rosaliyn — disse meu pai, fazendo o sinal da cruz.

Olhei o ponto mínimo no tapete oriental onde o tecido estava esgastado que era possível ver o piso de madeira manchado.

Não conseguia olhar para meu pai e deixar que minha expressão, meu segredo, traísse o segredo de Katherine.

— Esteja certo, filho, de que Rosalyn não morreu em vão. Morreu por Mystic Falls e será lembrada quando livrarmos nossa cidade dessa maldição. E você, naturalmente, fará parte do plano. — Meu pai gesticulou para o livro que eu ainda segurava. — Ao contrário do seu irmão imprestável... De que adianta todo o seu conhecimento militar se ele não pode usá-lo para defender sua família, suas terras? — perguntou meu pai retoricamente. — Hoje ele saiu para cavalgar com alguns amigos soldados, mesmo de pois de eu ter dito a ele que esperava que estivesse aqui para nos acompanhar à reunião na casa de Jonathan.

Eu não prestava mais atenção, somente me preocupava que ele não soubesse sobre Katherine. Minha respiração se acalmou.

Não há muito que eu consiga compreender nesse livro. Não acho que seja muito útil — falei, como se o que eu estivesse fazendo fosse apenas ceder a um interesse acadêmico pelos vampiros.

Mas isso não é problema — disse papai com desprezo, enquanto colocava despreocupadamente o livro na estante. — Sinto

que juntos somos uma boa fonte de conhecimento.

— Juntos? — repeti.

Meu pai agitou a mão, impaciente.

Você, os Fundadores e eu. Criamos um conselho para lidar com isso e temos uma reunião agora mesmo. Você virá comigo.

— Irei? — perguntei.

Meu pai olhou-me com irritação. Eu sabia que eu parecia um tolo, mas havia informações demais na minha cabeça para que eu sequer começasse a compreender algo.

— Sim, e também estou levando Cordélia. Ela tem um bom conhecimento sobre ervas e demônios. A reunião será na casa de Jonathan Gilbert. — Meu pai assentiu, como se o assunto estivesse encerrado.

Assenti também, embora estivesse surpreso. Jonathan Gilbert era um professor universitário e, às vezes, um inventor.

Quem meu pai chamava de louco sem muita discrição. Mas dessa vez papai dizia seu nome com reverência. Pela milésima vez naquele dia, percebi que aquele era um mundo verdadeiramente diferente.

— Alfred está preparando a carruagem, mas eu conduzirei. Não conte a ninguém aonde vamos. Cordélia já jurou segredo — disse meu pai enquanto saía da sala. Após um segundo, segui-o, mas não antes de colocar o exemplar de Demônios em meu bolso traseiro.

Sentei-me ao lado dele no banco da frente da carruagem, enquanto Cordélia sentava-se atrás, escondida, para não levantar suspeitas. Era estranho sair pela manhã, especialmente sem a condução de um empregado, e percebi os olhares curiosos do Sr. Vickery ao passarmos pela Blue Ridge, a propriedade vizinha. Acenei até sentir a mão do meu pai no meu braço, um alerta sutil para não chamar atenção.

Meu pai começou a falar depois que entramos no trecho árido de estrada de terra que separava a cidade da estrada das plantações.

— Não entendo seu irmão. Você o entende? Que homem não respeita o próprio pai? Se eu não o conhecesse, pensaria que ele estava ligado a um deles — disse papai, cuspindo na estrada de terra.

— Por que pensaria assim? — perguntei, pouco à vontade, com uma gota de suor escorrendo pelas costas. Passei o dedo sob ela,

recolhendo-o ao sentir o curativo de gaze no pescoço. Estava úmido, mas se de suor ou de sangue eu não saberia dizer.

Meus pensamentos estavam confusos. Estaria eu traindo Katherine ao comparecer a essa reunião? Estaria traindo meu pai por guardar o segredo de Katherine? Quem era mau ou bom?

Nada parecia claro.

— Creio que é porque eles têm esse tipo de poder — disse meu pai, usando o chicote em Blaze como que para provar seu argumento. Blaze relinchou antes de seguir num trote mais veloz.

Olhei para Cordélia, mas ela encarava à frente, impassível.

— Eles podem dominar a mente de um homem antes que ele perceba que há algo errado. Eles o impelem a se submeter plena mente aos seus encantos e caprichos. Basta um olhar para obrigar um homem a fazer o que desejarem. E quando o homem percebe que está sendo controlado, é tarde demais.

— É mesmo? — perguntei, cético. Pensei na noite anterior.Será que Katherine fez isso comigo? Não, mesmo quando eu estava com medo, eu era eu mesmo. E todos os meus sentimentos foram meus. Talvez os vampiros pudessem fazer isso, mas Katherine certamente não o fizera comigo.

Meu pai riu.

Bem, não o tempo todo. Espera-se que um homem seja forte o bastante para suportar esse tipo de influência. E eu certamente criei meus filhos para serem fortes. Ainda assim, pergunto-me o que pode passar pela cabeça de Damon.

Tenho certeza de que ele está bem — disse eu, nervoso com a idéia de que Damon pudesse ter descoberto o segredo de Katherine. — Acho que ele simplesmente não sabe bem o que quer.

Não me importa o que ele quer! — disse papai. — Ele precisa lembrar que é meu filho e eu não suportarei desobediências. Esses são tempos perigosos, muito mais do que Damon percebe. E ele precisa entender que, se não está conosco, as pessoas podem concluir que sua simpatia está em outro lugar.

Creio que ele apenas não acredita em vampiros — concluí, com certa náusea se formando no alto do estômago.

Shh! — sussurrou meu pai, acenando para que eu me calasse. Os cavalos batiam os cascos pela cidade, passando pelo bar, onde

Jeremiah Black estava praticamente desmaiado na porta, com meia garrafa de uísque aos seus pés.

De algum modo, não pensei que Jeremiah Black estivesse ouvindo ou vendo o que acontecia, mas assenti, satisfeito porque o silêncio me dava a oportunidade de organizar meus pensamentos.

Olhei à direita, onde Pearl e a filha estavam sentadas no banco de ferro em frente à botica, abanando-se. Acenei para elas mas, ao encontrar o olhar de advertência de meu pai, pensei melhor antes de dizer um "olá".

Calei-me até chegarmos à outra extremidade da cidade, onde Jonathan Gilbert morava, em uma mansão dilapidada que pertencera ao seu pai. Meu pai geralmente ria do fato de que a casa estava desmoronando, mas nada disse enquanto abria a porta da carruagem.

— Cordélia — chamou meu pai, tenso, deixando que ela subisse primeiro os degraus vacilantes da mansão Gilbert. Nós a seguimos.

Antes que pudéssemos tocar a campainha, Jonathan abriu a porta.

— É bom ver vocês, Giuseppe, Stefan. E você deve ser Cordé lia. Ouvi muito sobre seu conhecimento sobre ervas nativas — disse ele, estendendo a mão para ela.

Jonathan nos levou por corredores labirínticos até uma porta mínima, ao lado de uma escada grandiosa. Jonathan abriu a porta e gesticulou para que entrássemos. Revezamo-nos ao nos «baixar para passar por um túnel que tinha cerca de 3 metros de extensão, com uma escada frágil na outra extremidade. Em silêncio, subimos a escada e chegamos a um espaço mínimo e sem anelas que imediatamente me deixou claustrofóbico. Duas velas ardiam em castiçais enegrecidos sobre uma mesa caiada e, com olhos adaptando-se à luz fraca, distingui Honoria Fells sentada cautelosamente em uma cadeira de balanço num canto. O prefeito Lockwood e o xerife Forbes dividiam um antigo banco madeira.

— Cavalheiros — disse Honoria, levantando-se e nos receben- como se tivéssemos chegado para tomar um chá. — Receio o termos sido apresentadas, senhora... — Honoria olhou com confiança para Cordélia.

— Cordélia — murmurou ela, olhando de um rosto a outro,

como se esse fosse o último lugar em que quisesse estar.

Meu pai tossiu, pouco à vontade.

— Ela tratou de Stefan durante a crise que teve depois que sua...

— Depois que sua noiva teve a garganta dilacerada? — disse o prefeito Lockwood, rudemente.

— Prefeito! — disse Honoria, levando a mão à boca.

Enquanto Jonathan voltava, se abaixando, ao corredor, acomodei-me em uma cadeira de espaldar reto, o mais distante possível do grupo. Sentia- me deslocado, embora provavelmente não tanto quanto Cordélia, que se sentava desajeitada em uma cadeira de madeira ao lado de Honoria.

— Ora, pois! — disse Jonathan Gilbert, voltando à sala com os braços carregados de instrumentos, papéis e objetos que eu não pude identificar. Ele se sentou em uma poltrona de veludo roída por traças à cabeceira da mesa e olhou em volta. — Vamos começar.

— Fogo — disse meu pai simplesmente.

Um tremor de medo percorreu minha espinha. Foi no fogo que os pais de Katherine haviam perecido. Seria por terem sido vampiros? Katherine foi a única a escapar?

— Fogo? — repetiu o prefeito Lockwood.

Meu pai assentiu.

Foi registrado muitas vezes, na Itália, que o fogo os mata, assim como a decapitação ou uma estaca no coração. E claramente existem ervas que podem nos proteger. — Meu pai assentiu para Cordélia.

— Verbena — confirmou Cordélia.

— Verbena — disse Honoria sonhadoramente. — Que lindo. Cordélia bufou.

— Não passa de mato. Mas se a usar, terá proteção contra o diabo. Dizem que pode tratar os que estiveram perto deles, para que recuperem a saúde. Mas é venenosa para os demônios que são chamados de vampiros.

— Quero um pouco! — disse Honoria com ganância, estendendo a mão ansiosa.

— Não trouxe comigo — disse Cordélia.

— Não trouxe? — Meu pai a olhou incisivamente.

— Tudo que tinha sumiu do jardim. Usei para os remédios do

Sr. Stefan; depois, quando fui colher esta manhã, havia desaparecido. Provavelmente as crianças a pegaram — disse Cordélia indignada, mas olhou para mim. Eu virei o rosto, tranqüilizando-me; se ela soubesse da verdadeira natureza de Katherine, já teria contado ao meu pai.

— Onde conseguiremos mais? — perguntou Honoria.

— Deve estar bem debaixo do seu nariz — disse Cordélia.

— Como? — perguntou Honoria incisivamente, como se houvesse sido ofendida.

— Cresce em toda parte, menos no nosso jardim — disse Cordélia num tom sombrio.

— Bem — disse papai, olhando as duas mulheres e ansioso para dispersar o problema. — Depois dessa reunião, Cordélia acompanhará a Srta. Honoria ao seu jardim para encontrar verbena.

— Espere um minuto... — disse o prefeito Lockwood, dando m murro na mesa com sua mão carnuda. — Fiquei perdido nessa conversa de mulheres... Quer dizer que se eu usar um ramo de lilás, os demônios me deixarão em paz? — bufou ele.

— Verbena, não lilás — explicou Cordélia. — Afasta o mal.

Sim — disse meu pai sensatamente. — E todos na cidade tem que usar. Cuide disso, prefeito Lockwood. Dessa maneira, não apenas nossos cidadãos estarão protegidos, mas quem não a usar estará exposto como vampiro e poderá ser queimado — disse pai com a voz tão tranqüila e categórica que precisei de todo o autocontrole para não me levantar, correr escada abaixo, pegar Katherine e fugir com ela.

Mas se eu fizesse isso, e se Katherine fosse perigosa como pensavam os Fundadores... Eu me sentia como um animal numa armadilha, incapaz de encontrar escapatórias. Estaria eu preso com o inimigo ou ele estava em Veritas? Eu sabia que, por baixo da gola da minha camisa, a ferida no meu pescoço começava a sangrar, e seria uma questão de tempo até que ensopasse o tecido e aparecesse como um lembrete da minha traição.

O prefeito Lockwood se remexeu, inquieto, fazendo a cadeira ranger. Eu estremeci.

— Ora, a erva pode funcionar, mas estamos no meio de uma guerra. Temos muitos oficiais confederados passando por Mystic

Falls a caminho de Richmond e se espalharmos que em vez de auxiliar a causa estamos combatendo criaturas fantásticas com flores... — Ele balançou a cabeça. — Não podemos decretar que todos usem verbena.

— Ah, não? Então como saberemos se o senhor não é um vampiro? — perguntou meu pai.

— Pai! — eu me intrometi. Alguém precisaria ser a voz da razão nessa discussão. — O prefeito Lockwood está certo. Precisamos pensar com calma, racionalmente.

— Seu filho tem uma boa cabeça sobre os ombros — disse o prefeito Lockwood com rancor.

— Uma cabeça melhor do que a sua — murmurou meu pai.

— Bem... Podemos discutir a verbena mais tarde. Honoria ficará encarregada de asseverar que tenhamos um suprimento preparado, e podemos incentivar aqueles que amamos a usá-la. Mas, por enquanto, quero discutir outras maneiras de descobrirmos os vampiros que andam entre nós — disse Jonathan Gilbert, animado, abrindo folhas de papel na mesa. O prefeito Lockwood pôs os bifocais no nariz e espiou os papéis, que tinham desenhos mecânicos complicados.

Isso parece uma bússola — disse o prefeito Lockwood finalmente, apontando um desenho complexo.

— E é! Porém, em vez de apontar o norte, aponta vampiros — disse Jonathan, mal refreando sua empolgação. — Estou trabalhando no protótipo. Precisa apenas de alguns ajustes. Pode detectar sangue. O sangue dos outros — disse ele com eloqüência.

— Posso ver, Sr. Jonathan? — perguntou Cordélia. Jonathan levantou a cabeça, surpreso, mas lhe passou os papéis. Ela balançou a cabeça.

— Não — disse ela. — O protótipo.

— Ah, sim, bem, é muito rudimentar — disse Jonathan, enquanto mexia no bolso de trás e pegava um objeto de metal brilhante que parecia mais uma bugiganga de criança do que um instrumento para localizar vítimas.

Cordélia girou a bússola lentamente nas mãos.

— Funciona?

— Bem... — Jonathan deu de ombros. — Funcionará.

— Eis o que proponho — disse meu pai, recostando-se na cadeira. — Vamos nos armar de verbena. Trabalharemos dia e noite para conseguir que a bússola funcione e elaboraremos um plano. Montaremos um cerco e, no final de um mês, nossa cidade estará limpa. — Meu pai cruzou os braços e se recostou com satisfação. Um por um, cada integrante do grupo, inclusive Cordélia, concordou com um gesto de cabeça.

Remexi-me na cadeira de madeira, mantendo a mão no pescoço. O sótão era quente e úmido, e moscas zumbiam no telhado, como se estivéssemos em julho e não em meados de setembro. Eu precisava desesperadamente de um copo de água e sentia que a ; sala ia desmoronar sobre mim. Precisava ver Katherine, lembrar |k mim mesmo de que ela não era um monstro. Minha respiração f ficou fraca e senti que, se continuasse ali, acabaria por dizer algoque não pretendia.

— Acho que vou desmaiar — ouvi-me dizer, embora as palavras soassem falsas aos meus ouvidos. Meu pai me olhou incisivamente. Eu sabia que ele não acreditava em mim, mas Honoria meditou murmúrios solidários.

Meu pai limpou a garganta.

— Levarei meu filho para fora — anunciou ele à sala antes de me seguir pela escada.

— Stefan — disse meu pai, pegando-me pelo ombro quando eu estava prestes a abrir a porta que me levaria de volta a um mundo que eu compreendia.

Saudei a brisa no rosto e não me incomodei em me virar quando ele começou a falar.

— Lembre-se: nem uma palavra sobre isso a ninguém. Nem mesmo a Damon. Não antes que ele crie juízo; apesar de eu achar que o juízo dele tenha sido destruído por nossa Katherine — murmurou meu pai ao soltar meu braço. Eu fiquei tenso à menção desse nome, mas, quando me virei, vi meu pai entrando na casa.

Voltei andando pela cidade, desejando ter cavalgado Mezzanotte em vez de vir na carruagem. Entrei à esquerda, decidindo buscar um atalho pelo bosque. Simplesmente não conseguiria interagir com outro ser humano naquele dia.

18

Naquela noite, Damon me convidou para jogar cartas com alguns dos seus amigos soldados, acampados em Leestown, a 30 quilômetros de distância.

— Posso não concordar com eles, mas eles sabem jogar e sabem beber! — disse Damon.

Vi-me aceitando o convite, ansioso para evitar papai e quaisquer perguntas sobre vampiros. Quando passou o crepúsculo e não vi sinais de Katherine ou de Emily, desejei não ter concordado em acompanhar Damon. Eu ainda estava confuso e queria uma noite com Katherine para me certificar de que meu desejo me levava na direção certa. Eu a amava, mas meu lado prático e sensato não conseguia desobedecer ao meu pai.

— Pronto? — perguntou Damon, vestindo seu uniforme confederado, quando passou pelo meu quarto ao anoitecer.

Assenti, era tarde demais para dizer não.

— Ótimo — respondeu ele sorrindo e desceu a escada. Olhei, triste, pela janela, para a casa de hóspedes, e depois o segui.

— Vamos ao acampamento — gritou Damon ao passarmos pelo escritório do meu pai.

— Esperem! — Papai saiu do escritório e entrou na sala de estar, trazendo vários ramos compridos de florezinhas roxas parecidas com lilases. Verbena. — Usem isso — ordenou ele, enfiando um ramo no bolso dos nossos casacos.

— Não deveria ter feito isso, pai — disse Damon, sério, enquanto arrancava o ramo da lapela e metia-o no bolso da calça.

Eu lhe dei liberdade, filho, e lhe dei um teto. Só o que peço é que use isso — disse meu pai, batendo o punho na sua palma com tanta força que o vi estremecer. Felizmente Damon, em geral rápido para se aproveitar de qualquer sinal de fraqueza, não percebeu.

— Ótimo, pai. — Damon deu de ombros tranqüilamente e

abriu os braços, como que derrotado. — Eu ficaria honrado em usar sua flor por você.

Os olhos do meu pai palpitaram de raiva, mas ele ficou em silêncio. Simplesmente quebrou outro ramo e colocou-o no bolso do casaco de Damon.

— Obrigado — murmurei ao aceitar um ramo. Meu agradecimento foi menos pela flor e mais por papai demonstrar misericórdia em relação a Damon.

— Tenham cuidado, rapazes — disse ele, antes de voltar ao seu escritório.

Damon revirou os olhos ao sairmos.

Não deveria ser tão duro com ele — murmurei, tremendo no ar noturno. O dia de verão transformara-se numa noite gelada, mas a névoa que estivera em toda parte na noite anterior desaparecera, proporcionando uma visão cristalina da lua.

E por que não? Ele é duro conosco. — Damon bufou ao caminhar na minha frente até o estábulo. Mezzanotte e Jake já estavam preparados e batiam os cascos, impacientes. — Pedi a Alfred que preparasse tudo, pois achei que precisaríamos de uma saída ágil.

Damon montou Jake, galopou pelo caminho de terra e seguiu na direção contrária à da cidade. Cavalgamos em silêncio por ao menos 30 minutos. Com apenas o som dos cascos e a visão da lua. através da densa folhagem, parecia que estávamos num sonho.

Finalmente começamos a ouvir flautas tocando, risos e o ocasional disparo de uma arma de fogo. Damon nos dirigiu por uma colina até uma clareira. Barracas estavam armadas em toda pare um flautista tocava no canto. Homens andavam por ali e havia cães na entrada. Era como se tivéssemos chegado a uma festa misteriosa e oculta.

— Olá, senhor? — Dois soldados confederados vieram até nós, com os rifles apontados. Mezzanotte recuou alguns passos e relinchou, nervosa.

— Soldado Damon Salvatore, senhor! De licença do acampamento do general Groom, em Atlanta.

Imediatamente os dois soldados relaxaram os rifles e levaram uma das mãos ao quepe, saudando-nos.

— Desculpe, soldado. Estamos nos preparando para a batalha e

perdemos nossos homens como moscas antes mesmo de chegarem ao front.

— O soldado mais alto falou, avançando para afagar Jake.

— E não para o tifo — disse o outro soldado, mais baixo e de bigode, obviamente satisfeito por partilhar essa informação conosco.

— Assassinatos? — perguntou Damon, tenso.

— Como sabe? — perguntou o primeiro guarda, alisando o rifle. Olhei o terreno, sem saber como agir. Senti que Damon nos colocava numa situação perigosa, mas não sabia o que fazer.

— Meu irmão e eu viemos de Mystic Falls — disse Damon, apontando para trás com o polegar, como que para provar que era direção de onde vínhamos. — A cidade seguinte, depois do bosque. Nós tivemos alguns problemas; as pessoas dizem que é algum animal.

— Não, a não ser que seja um animal que ataque apenas o pescoço e deixe o resto do corpo intocado — disse o soldado com discernimento, os olhos pequenos dardejando entre e Damon.

— Humm — disse Damon, parecendo repentinamente desinteressado. E mudou de assunto: — Algum jogo de pôquer esta noite?

— Bem ali, naquela clareira, perto dos carvalhos. — O soldado baixo apontou à pouca distância.

— Então tenham uma boa noite. Obrigado pela ajuda — disse Damon com uma polidez exagerada. Cavalgamos na direção apontada pelo soldado até Damon parar abruptamente em um pequeno círculo de homens agrupados em volta de uma fogueira, jogando cartas.

— Olá! Soldado Damon Salvatore de licença dos rapazes do general Groom — disse Damon com confiança ao descer do cavalo e olhar os rostos iluminados pela fogueira. — Esse é meu irmão, Stefan. Podemos jogar?

Um soldado de cabelos avermelhados olhou para um sujeito que parecia um avô, cujo braço estava numa tipoia. Ele deu de ombros e gesticulou para que nos sentássemos em um dos troncos colocados em volta da fogueira.

— Não vejo por que não.

A adrenalina se infiltrava pelas minhas veias enquanto nos acomodávamos e pegávamos nossas cartas. Minha mão era boa: dois

ases e um rei. Tirei algumas notas amassadas do bolso, fazendo minha aposta. Se ganhasse dinheiro, tudo ficaria bem com Katherine. E se não ganhasse... Bem, eu não queria pensar nisso.

— Aposto tudo — disse eu com confiança.

Depois de terminarmos o jogo, não fiquei surpreso em sair vitorioso. Sorri ao pegar a pilha de dinheiro e colocá-lo com cuidado no bolso. Eu ri, aliviado, finalmente sentindo confiança no meu amor por Katherine. Imaginei o que ela diria. Sagaz Stefan, talvez. Sábio Stefan. Ou talvez ela simplesmente risse, mostrando seus dentes brancos e me deixando tomá-la nos braços e girá-la sem parar pelo quarto...

Jogamos várias outras partidas depois, durante as quais perdi todo o dinheiro que ganhei, mas não me importei. A primeira mão fora o teste, e então meu coração e minha cabeça estavam extraordinariamente leves.

— No que está pensando? — perguntou Damon, pegando um frasco no bolso. Estendeu-o para mim e eu tomei um longo gole.

O uísque desceu queimando pela minha garganta, mas eu ainda queria mais. Não parecia que os soldados estavam prontos para outra partida. Os cinco que jogavam conosco se afastaram para mascar tabaco, beber mais um pouco de uísque ou se lamentar sobre as namoradas em suas cidades.

— Vamos, maninho, pode me contar — incitou Damon. Pegou o frasco, bebeu um gole e passou-o a mim.

Tomei outro gole maior e parei. Será que deveria contar? Qualquer hesitação que eu tinha desaparecera. Afinal, ele era meu irmão.

— Bem, eu estava pensando em como Katherine é diferente de qualquer outra moça que eu tenha conhecido... — comecei, evasivo. Eu sabia que pisava em terreno perigoso, mas parte de mim morria de vontade de saber se Damon também conhecia o segredo de Katherine. Bebi outro gole do uísque e tossi.

— Diferente, como? — perguntou Damon, com um sorriso curvando seus lábios.

— Bem, quero dizer que ela não é... — comecei, mais sóbrio, enquanto tentava voltar freneticamente ao que dizia. — Quis dizer que percebi que ela é...

— Que ela é uma vampira? — Damon me interrompeu. Minha respiração ficou presa na garganta e eu pisquei. Olhei em volta, nervoso. As pessoas bebiam, riam, contavam suas conquistas.

Mas Damon simplesmente ficou sentado, com o mesmo sorriso. Eu não entendia por que ele estava sorrindo, mas um novo pensamento, mais sombrio, apareceu na minha mente. Como Damon sabia que Katherine era quem era? Ela contara a ele? E fora da mesma maneira, antes do amanhecer, no escuro, na cama? Estremeci.

— Então ela é uma vampira. E daí? Ainda é Katherine. — Damon se virou para me olhar, a urgência brilhando nos seus olhos castanho-escuros.

— E você não dirá nada a papai. Ele está meio louco com isso — disse Damon, enquanto remexia o chão com a bota.

— Como você descobriu? — Não consegui deixar de perguntar.

De repente, dispararam um tiro.

— Soldado abatido! — gritou um rapaz uniformizado que pa recia ter 14 anos, enquanto disparava de uma barraca a outra. — Soldado abatido! Ataque! No bosque! — gritava ele.

Damon empalideceu.

— Preciso ajudar. Você, maninho, vá para casa.

— Tem certeza? — perguntei, sentindo-me dividido e assustado. Damon assentiu, muito sério.

— Se papai perguntar, eu bebi demais e estou dormindo em algum lugar por aí.

Outro tiro foi disparado e Damon partiu para o bosque, misturando-se ao mar de soldados.

— Vá! — gritou ele. Corri na direção oposta e montei em Mezzanotte, sussurrando nas suas orelhas aveludadas e implorando-a para ir mais rápido.

Mezzanotte trotou pelo bosque mais rápido do que nunca e, depois de atravessar a ponte Wickery, ela se virou, como se soubesse exatamente como chegar em casa. Porém recuou de repente, relinchando. Prendi-a com as coxas e vi uma figura escura, de cabelos castanhos dourados, de braços dados com outra menina.

Enrijeci. Nenhuma mulher deveria sair após o anoitecer sem a companhia de um homem, nem na melhor das circunstâncias, e

definitivamente não naqueles tempos. Não com ataques de vampiros.

O rosto se virou e, no reflexo da água, vi um rosto pálido e afilado. Katherine. Acompanhava a pequena Anna, da botica. Pude ver apenas os cachos escuros de Anna, saltando nos seus ombros.

— Katherine! — gritei do cavalo, com uma força que eu desconhecia. Em vez de abraçá-la, eu queria usar meus braços para reprimi-la, para obrigá-la a parar o ato medonho que estava prestes a cometer. Senti a bile subir na minha garganta enquanto imaginava encontrar um galho irregular e cravá-lo no seu peito.

Katherine não se virou. Segurou os ombros de Anna com mais força e levou-a para o bosque. Chutei Mezzanotte com força nas ancas, o vento batendo no meu rosto enquanto eu tentava alcançá-las desesperadamente.

19

Galopei pelo bosque, chutando Mezzanotte para que saltasse troncos, disparasse por arbustos, tudo para me certificar de que não perderia Katherine e Anna de vista. Como pude confiar em Katherine? Como pude pensar que a amava? Eu devia tê-la matado quando tive a oportunidade. Se não as alcançasse, o sangue de Anna também estaria nas minhas mãos. Como o de Rosalyn.

Chegamos a uma árvore arrancada e Mezzanotte empinou, fazendo-me cair no chão do bosque. Senti uma pontada na têmpora quando bati com a cabeça numa pedra. Perdi o ar e lutei para respirar, sabendo que era uma questão de tempo antes que Katherine pudesse matar Anna e talvez a mim.

Senti mãos gentis e frias como gelo me erguerem e me colocarem sentado.

— Não... — ofeguei. Doía-me o ato de respirar. Minhas calças estavam rasgadas e eu tinha um corte grande no joelho. O sangue escorria fartamente da minha cabeça.

Katherine se ajoelhou ao meu lado, usando a manga do vestido para estancar o sangramento. Percebi que lambia os lábios e depois os unia com firmeza.

Está ferido — disse ela com brandura, continuando a pressionar minha ferida. Tentei me afastar dela, mas Katherine me segurou pelo ombro, mantendo-me no lugar.

Não se preocupe. Lembre-se, você tem meu coração — disse Katherine, sustentando meu olhar. Em silêncio, assenti. Se a morte viesse, eu esperava que fosse rápida. Certamente Katherine já mostrava os dentes e fechei os olhos, esperando pelo êxtase agonizante das suas presas no meu pescoço.

Mas, em vez disso, senti sua pele fria perto da minha boca.

— Beba — ordenou Katherine, e vi um corte mínimo na sua pele branca e delicada. O sangue escorria do corte como água por um regato depois de uma tempestade. Fiquei enojado e tentei virar a

cabeça, mas Katherine me segurou pela nuca. — Confie em mim. Isso ajudará.

Lentamente, temeroso, deixei que meus lábios tocassem o líquido. Imediatamente senti um calor descer pela garganta. Continuei a beber até que Katherine retirou o braço.

— Já basta — murmurou ela, mantendo a palma da mão na ferida. — Como se sente? — Ela se sentou sobre os calcanhares e me avaliou.

Como eu me sentia? Toquei minha perna, minha têmpora. Tudo parecia seco, curado.

— Você fez isso — falei, incrédulo.

— Sim. — Katherine se levantou e limpou as mãos. Percebi que sua ferida também estava completamente curada. — Diga-me por que tive de curar você. O que estava fazendo no bosque? Sabe que não é seguro — disse ela, com a preocupação camuflando o tom de repreensão.

— Você... Anna — murmurei, sentindo-me sonolento, como após um jantar longo e repleto de vinho. Pisquei, olhando ao redor. Mezzanotte estava amarrada a uma árvore; Anna estava sentada num galho, abraçando os joelhos ao peito e nos olhando. Em vez de terror, seu rosto estava cheio de dúvidas enquanto olhava para mim, para Katherine e para mim novamente.

— Stefan, Anna é uma das minhas amigas — disse Katherine simplesmente.

— Stefan... sabe? — perguntou Anna com curiosidade, sussurrando como se não estivéssemos a um metro dela.

— Podemos confiar nele — disse Katherine, assentindo com determinação.

Tossi, limpando a garganta, e as duas olharam para mim.

— O que está fazendo? — perguntei finalmente.

—Uma reunião — disse Katherine, gesticulando para a clareira.

— Stefan Salvatore — disse uma voz rouca. Girei e vi uma terceira figura surgir das sombras. Quase sem pensar, tirei a verbena do meu bolso do casaco e a ergui, mas parecia tão inútil quanto uma margarida presa na minha mão.

— Stefan Salvatore — ouvi novamente. Olhei como um louco

para Anna e Katherine, mas a expressão das duas era intraduzível. Uma coruja piou e apertei o punho na boca para não gritar.

— Está tudo bem, mãe. Ele sabe — disse Anna para as sombras.

Mãe. Então Pearl também era uma vampira. Mas como podia ser? Ela era a boticária, aquela que deveria curar os doentes, e não rasgar pescoços humanos com os dentes. Mas Katherine me curara, e não cortou minha garganta.

Pearl surgiu em meio a três árvores, com o olhar fixo em mim.

Como saberemos se é seguro confiar nele? — perguntou ela, cheia de desconfiança, numa voz que era muito mais sinistra do que o tom educado que usava na sua botica.

— É seguro — disse Katherine, sorrindo com doçura e tocando gentilmente meu braço. Eu tremi, embora o ar de setembro fosse quente. Segurei com força a verbena enquanto as palavras de Cordélia ecoavam no meu cérebro. Essa erva pode deter o diabo. E se tivéssemos entendido tudo errado e vampiros como Katherine não fossem demônios, mas anjos? E então?

— Largue a verbena — disse Katherine. Olhei seus olhos grandes e felinos e larguei a planta no chão do bosque. Imediatamente. Katherine usou a ponta da bota para cobri-la de gravetos e folhas.

— Stefan, parece que você viu um fantasma — disse Katherine rindo e virando-se para mim. Mas seu riso não era cruel, era melodioso, musical e ligeiramente triste. Desabei numa raiz retorcida de árvore. Percebi que minha perna tremia e eu mantinha as mãos firmes no joelho inteiramente liso, como se a queda nunca houvesse acontecido. Katherine entendeu o movimento como um convite para que se acomodasse junto ao meu joelho. Ela se sentou e olhou para mim, passando as mãos nos meus cabelos.

— Ora, Katherine, ele não parece ter visto um fantasma. Ele viu vampiros. Três deles! — Olhei para Pearl como se fosse um menino obediente e ela, minha professora na escola. Ela se sentou em uma pedra próxima e Anna se acomodou ao lado dela, parecendo muito mais nova do que seus 16 anos. Obviamente, se Anna era uma vampira, não tinha apenas 16 anos. Meu cérebro girava e senti uma vertigem momentânea. Katherine afagou minha nuca e comecei a

respirar com mais facilidade.

— Muito bem, Stefan — disse Pearl ao aninhar o queixo nos dedos finos e olhar para mim. — Antes de tudo, preciso que se lembre de que Anna e eu somos suas vizinhas e suas amigas. Pode se lembrar disso?

Assenti, fascinado pelo seu olhar. Pearl abriu um meio sorriso curioso.

— Que bom — disse e soltou um suspiro.

Concordei em silêncio, estupefato demais para pensar, quanto mais para falar.

— Viemos morar na Carolina do Sul logo após a guerra — começou Pearl.

— Após a guerra? — perguntei, antes que pudesse me reprimir. Anna riu e Pearl sorriu.

— A Guerra de Independência — explicou ela brevemente e eu assenti, constrangido. — Tivemos sorte durante a guerra, todos seguros, todos protegidos, todos uma família. — Sua voz ficou presa na garganta e ela fechou os olhos por um momento, antes de continuar: — Meu marido tinha uma pequena botica quando uma epidemia de tuberculose atingiu a cidade. Todos foram vítimas... Meu marido, meus dois filhos, minha filha, ainda bebê. Em uma semana, estavam todos mortos.

Assenti, embora não soubesse o que dizer. Poderia eu dizer que lamentava por algo que acontecera havia tanto tempo?

— Depois Anna começou a tossir, e eu sabia que não poderia perdê-la também. Meu coração se partiria, mas era mais do que isso — disse Pearl, balançando a cabeça como se presa no seu próprio mundo. — Eu sabia que minha alma e meu espírito se partiriam. E então conheci Katherine.

Olhei para Katherine. Ela parecia tão jovem, tão inocente. Virei o rosto antes que ela pudesse olhar para mim.

— Katherine era diferente — disse Pearl. — Chegou misteriosamente, sem parentes, mas logo se integrou à sociedade.

Concordei com a cabeça, perguntando-me quem, então, morrera no incêndio em Atlanta que trouxe Katherine a Mystic Falls. Em silêncio, esperei que Pearl continuasse sua história.

Ela tossiu.

— Ainda assim, havia algo incomum nela. Todas as senhoras e eu falávamos disso. Ela era linda, naturalmente, mas havia algo mais, algo de outro mundo. Alguns a chamavam de anjo. Mas elajamais adoecia durante as estações frias, nem quando a tuberculose chegou à cidade. Havia certas ervas que ela não tocava. Charleston era uma cidade pequena na época, e as pessoas comentavam.

Pearl pegou a mão da filha.

— Anna teria morrido — continuou Pearl. — Foi o que o mé dico disse. Eu estava desesperada à procura de uma cura, destruída pela tristeza e sentindo-me totalmente impotente. Lá estava eu, uma mulher cercada pela medicina, incapaz de ajudar minha filha a viver. — Pearl balançou a cabeça, revoltada.

— E o que aconteceu?

— Um dia, perguntei a Katherine se ela sabia de algo que pudesse ser feito. Assim que perguntei, eu sabia que ela teria a resposta; algo mudou nos seus olhos. Mas ela demorou alguns minutos antes de responder, e então...

— Pearl levou Anna aos meus aposentos numa noite — interferiu Katherine.

— Ela me salvou — disse Anna numa voz branda. — E salvou minha mãe também.

— E foi assim que chegamos aqui. Não ficaríamos em Charleston para sempre, jamais envelheceríamos — explicou Pearl. — E logo tivemos de nos mudar novamente. Assim são as coisas... Somos ciganas, vivendo entre Charleston, Atlanta e todas as cidades, entre uma e outra. E atualmente temos de lidar com outra guerra. Depois de ver tanta história, fica provado que algumas coisas jamais mudam — disse Pearl, sorrindo com melancolia.

— Mas há maneiras piores de passar o tempo.

— Eu gosto daqui — admitiu Anna. — Por isso estou com medo de ser expulsa. — Ela disse a última parte como um sussurro, e algo no seu tom me deixou realmente triste.

Pensei na reunião à qual compareci essa tarde. Se meu pai prosseguisse com seus planos, elas não seriam expulsas: seriam mortas.

— Os ataques? — perguntei finalmente. Essa era a pergunta que me incomodava desde a confissão de Katherine. Porque, se não

foi ela, quem foi... ?

Pearl balançou a cabeça.

— Lembre-se, somos suas vizinhas e amigas. Não fomos nós,nunca nos comportaríamos desse jeito.

— Nunca — repetiu Anna e balançou a cabeça com medo,o se estivesse sendo acusada.

— Mas alguns de nós, sim — disse Pearl sombriamente. Os olhos de Katherine endureceram.

— Mas não somos apenas nós ou outros vampiros que estão causando problemas. É claro que somos a quem todos culpam, mas ninguém parece se lembrar de que há uma guerra, com um banho de sangue inédito. E as pessoas se importam apenas com vampiros. — Ouvir as palavras de Damon na boca de Katherine era como um balde de água fria no meu rosto, um lembrete de que eu não era a única pessoa no universo de Katherine.

— Quem são os outros vampiros? — perguntei grosseiramente.

— É nossa comunidade e vamos cuidar disso — disse Pearl, decidida. Ela se levantou e atravessou a clareira, os pés esmagando o que havia no chão até ela ficar acima de mim. — Stefan, eu lhe contei a história e aqui estão os fatos: precisamos de sangue para viver, mas não precisamos de humanos — disse Pearl, como se explicasse a um dos seus clientes como uma erva age. — Podemos conseguir com animais. Mas, em relação aos humanos, alguns de nós não têm autocontrole e os atacam. Não é tão diferente de um soldado desonesto, é?

Subitamente tive uma imagem de um dos soldados com quem acabáramos de jogar pôquer. Seria algum deles um vampiro também?

— E lembre-se, Stefan, nós só conhecemos alguns. Pode haver mais. Não somos tão raros como você pensa — disse Katherine.

— Por causa desses vampiros que nem conhecemos, estamos sendo caçados — disse Pearl com lágrimas enchendo seus olhos — Por isso nos reunimos esta noite, para discutir o que pensar num plano. Nessa tarde, Honoria levou verbena para a botique... — Pearl parou e ergueu as mãos para o céu, como se numa oração exasperada.

Rapidamente, olhei cada uma das mulheres e percebi que Anna e Pearl estavam com camafeus iguais ao de Katherine.

— O colar? — perguntei, com a mão no pescoço como se eu

também tivesse um pingente azul e misterioso.

— Lápis-lazúli. Permite que caminhemos à luz do dia, o que nossa espécie em geral não pode fazer. Essas pedras nos protegem, permitem que tenhamos uma vida normal e, talvez, que consigamos manter um contato mais íntimo com nosso lado humano — disse Pearl pensativamente. — Não sabe como é, Stefan. — A voz franca de Pearl se dissolveu num choro.

— É bom saber que temos amigos em quem possamos confiar.

Tirei o lenço do bolso e entreguei a ela, sem saber o que mais fazer. Ela enxugou os olhos e balançou a cabeça.

— Desculpe, desculpe por você ter de saber disso, Stefan. Eu sei que a guerra altera tudo, mas nunca pensei... É cedo demais para outra mudança.

— Eu protegerei vocês — ouvi-me dizendo, num tom que não combinava comigo.

— Mas... mas... como? — perguntou Pearl. Longe dali, um galho quebrou e nos sobressaltamos. Pearl olhou em volta. — Como? — disse ela novamente quando tudo voltou ao silêncio. — Meu pai liderará um ataque daqui a algumas semanas. — digo com uma pequena pontada de traição ao dizer isso.

— Giuseppe Salvatore. — Pearl balançou a cabeça, incrédula. — Como ele sabe? — Neguei com a cabeça. — Meu pai, Jonathan Gilbert, o prefeito Lockwood e o xerife descobriram os vampiros através de livros.

— Então ele fará isso. Giuseppe Salvatore não é um homem com opiniões facilmente influenciadas — declarou Pearl.

— Não, senhora. — Percebi que era estranho chamar uma vampira de senhora. Mas quem era eu para dizer o que era normal ou não? Mais uma vez, minha mente vagou por meu irmão, suas palavras e seu riso despreocupado sobre a verdadeira natureza de Katherine. Talvez o problema não fosse a crueldade de Katherine ou seu caráter incomum, mas o fato de o meu pai estar fixado na idéia de erradicar os vampiros.

— Stefan, garanto-lhe que nada do que eu disse é mentira — disse Pearl. — E sei que faremos tudo ao nosso alcance para garantir que nenhum animal ou humano seja morto enquanto estivermos aqui. Mas você deve fazer o que puder! Por nós. Porque Anna e eu

chegamos muito longe e passamos por muitas dificuldades para simplesmente ser mortas por nossos vizinhos.

— Não serão — disse eu, com mais convicção do que nunca. — Ainda não sei o que farei, mas eu as protegerei Prometo. — Eu fazia a promessa às três, mas olhava apenas para Katherine. Ela assentiu, com uma fagulha se acendendo nos olhos.

— Que bom — disse Pearl, estendendo a mão para ajudar uma Anna com olhos sonolentos a se levantar. — Estamos há tempo demais neste bosque, e quanto menos formos vistas juntas, melhor. E, Stefan, confiamos em você — disse ela, com uma mínima sugestão de alerta na voz normalmente forte.

— Claro — confirmei, pegando a mão de Katherine enquanto Anna e Pearl saíam da clareira. Eu não estava preocupado com elas. Como trabalhavam na botica, tinham uma desculpa para sair no meio da noite — podiam dizer a qualquer um que as visse que procuravam por ervas ou cogumelos.

Mas eu tinha medo por Katherine. Suas mãos eram tão pequenas e os olhos pareciam tão assustados. Ela dependia de mim, uma idéia que me encheu igualmente de orgulho e de pavor.

— Ah, Stefan — disse Katherine ao lançar os braços em torno de meu pescoço. — Sei que tudo ficará bem, desde que fiquemos juntos! — Ela pegou minha mão e puxou-me para o chão do bosque. E então, deitado com Katherine entre os gravetos, a terra úmida e o cheiro da sua pele, não tive medo algum.

20

Não vi damon nos dias que se passaram. Meu pai disse que ele estava no acampamento, uma idéia que claramente o enchia de prazer. Ele tinha esperanças de que a presença de Damon ali o levasse a se reintegrar ao exército, embora eu imaginasse que ele passasse suas horas jogando e falando sobre mulheres. Eu, ao menos, fiquei feliz. É claro que sentia falta do meu irmão, mas não poderia passar tanto tempo com Katherine se Damon estivesse aqui.

Verdade seja dita, embora eu me sinta desleal ao afirmar isso, meu pai e eu nos adaptamos bem à ausência de Damon. Começamos a fazer as refeições juntos, jogando cartas amigavelmente após o jantar. Papai partilhava seus pensamentos sobre o dia, sobre a inspeção das terras e seus planos de comprar novos cavalos de uma fazenda em Kentucky. Pela centésima vez, percebi o quanto ele queria que eu assumisse a propriedade e, pela primeira vez, fiquei animado com a possibilidade.

Era por causa de Katherine. Eu passava todas as noites nos seus aposentos, saindo pouco antes de o trabalho começar nos campos. Ela não mostrava suas presas desde a noite no bosque; era como se aquela reunião secreta houvesse mudado tudo. Ela precisava que eu guardasse seu segredo e eu precisava que ela me mantivesse inteiro. No seu quarto pequeno e escuro, tudo era apaixonado e perfeito — parecia que éramos recém- casados.

Obviamente eu me perguntava se daria certo, como seria quando todos nós envelhecêssemos a cada ano enquanto Katherine permaneceria jovem e bonita. Mas essa era uma pergunta a ser feita mais tarde, depois que passasse a perseguição aos vampiros, depois que noivássemos depois que nos acomodássemos em uma vida sem nos esconder.

Sei que está passando seu tempo com a jovem Katherine — disse meu pai numa noite, à mesa do jantar, enquanto Alfred limpava a mesa e trazia o baralho gasto do meu pai para jogarmos.

Sim. — Observei Alfred servir o vinho na taça de meu pai. À luz bruxuleante das velas, o líquido normalmente rosa parecia sangue. Ele estendeu a garrafa para mim, mas recusei com a cabeça.

E também o jovem Damon — observou papai, pegando o baralho nos dedos grossos e passando-o lentamente de uma das mãos à outra.

Suspirei, irritado por Damon mais uma vez se infiltrar numa conversa sobre Katherine.

Ela precisa de um amigo. De amigos — falei.

Precisa mesmo. E fico feliz por você poder lhe proporcionar companhia — disse meu pai. Colocou as cartas viradas para baixo na mesa e olhou pra mim. — Entenda que não sei muito sobre as relações dela em Atlanta. Soube dela por intermédio de um dos meus parceiros de negócios. Muito triste, uma moça, órfã por causa de uma batalha de Sherman, mas não há muitos Pierce que dizem conhecê-la.

Remexi-me, nervoso.

Pierce é um sobrenome comum. E talvez ela não queira ser relacionada com alguns dos parentes que tenha. — Respirei fundo. — Sei que existem outros Salvatore dos quais nunca ouvimos falar.

Bom argumento — disse meu pai, tomando um gole do seu vinho. — Salvatore não é um nome comum, mas é um bom nome. Por isso espero que você e Damon saibam no que estão se metendo.

Olhei para ele incisivamente.

— Brigando pela mesma mulher — disse meu pai simplesmente. — Eu não gostaria que vocês perdessem a relação que têm. Sei que eu nem sempre concordo com seu irmão, mas ele é sua carne e seu sangue.

Eu me retraí diante da expressão familiar subitamente complicada. Mas se meu pai percebeu, não disse nada. Pegou o baralho e olhou-me com expectativa.

— Joguemos, então? — perguntou ele, começando a me passar seis cartas.

Peguei minhas cartas mas, em vez de olhá-las, observei pelo canto do olho para ver se podia distinguir, pela janela, algum movimento na casa de hóspedes.

Alfred entrou na sala.

— Senhor, há uma visita.

Uma visita? — perguntou papai com curiosidade, levantando-se um pouco da mesa. Raras vezes tínhamos visitas à casa, a não ser que houvesse uma festa. Meu pai sempre preferia se encontrar com os conhecidos na cidade ou na taberna.

— Perdoem-me minha intromissão, por favor. — Katherine entrou na sala, os braços finos tomados por um buquê de flores de todos os formatos e tamanhos: rosas, hortênsias, lírios-do-vale. — Emily e eu colhemos as flores perto do lago e pensei que apreciaria um pouco de cor. — Katherine abriu um pequeno sorriso enquanto meu pai estendia a mão automaticamente para ela apertar. Ele mal tivera uma conversa com Katherine desde que ela chegara. Prendi a respiração, ansioso como se apresentasse meu pai à minha noiva.

— Obrigado, Srta. Pierce — disse papai. — E nossa casa é sua. Não pense que precisa pedir permissão para vir nos visitar, por favor. Adoramos tê-la aqui, sempre que quiser ficar conosco.

— Obrigada. Não queria ser uma imposição — disse ela, piscando de uma forma irresistível para qualquer homem.

Sente-se, por gentileza — disse papai, acomodando-se à cabeceira da mesa. — Meu filho e eu estávamos nos preparando para jogar cartas, mas certamente podemos deixá-las para depois.

Katherine olhou nosso jogo.

— Cribbagel? Meu pai e eu sempre jogávamos. Posso me juntar a vocês? — Ela abriu um sorriso ao se sentar na minha cadeira e pegar minha mão. Imediatamente, Katherine franziu a testa e começou a rearrumar as cartas.

Como podia, preocupada com a própria existência, ser tão tranqüila e encantadora?

— Mas é claro, Srta. Pierce. Se quer jogar, ficarei honrado, e sei que meu filho ficaria feliz em ajudá-la.

— Ah, eu conheço o jogo. — Ela pôs uma carta no meio da mesa.

— Que bom — disse papai, colocando uma carta por cima da dela. — E, sabe, eu me preocupo com a senhorita e sua criada, completamente sozinhas na casa de hóspedes. Se quiser se mudar para a casa principal, diga- me e seu desejo será uma ordem. Pensei que gostaria de alguma privacidade, mas da maneira que as coisas estão e com todo o perigo... — meu pai parou.

Katherine balançou a cabeça, uma sombra de preocupação cruzando seu rosto.

— Não estou com medo. Passei por muita coisa em Atlanta — disse ela, colocando um ás na mesa, de face para cima. — Além disso, as dependências dos criados são próximas, e eles me ouviriam se eu gritasse.

Enquanto papai colocava um sete de espadas na mesa, Katherine tocou meu joelho, roçando-o lentamente com uma leve carí-cia. Corei com esse contato quando meu pai estava tão perto, mas não quis que ela parasse.

Katherine colocou um cinco de ouros na pilha de cartas.

— Treze — disse ela. — Acho que pode ser um golpe de sorte, Sr. Salvatore — disse ela, movendo seu pino uma posição no tabuleiro.

Meu pai abriu um sorriso deliciado.

— Você é uma moça e tanto! Stefan nunca compreendeu muito bem as regras desse jogo.

A porta bateu e Damon entrou na sala, com a mochila no ombro. Deixou-a cair no chão e Alfred a pegou. Damon não pareceu perceber.

— Parece que estou perdendo toda a diversão — disse Damon com um tom acusativo, enquanto seu olhar seguia de meu pai a mim.

— Está mesmo — disse papai simplesmente. Depois ele olhou para cima e sorriu para Damon. — A jovem Katherine está provando que não é apenas bonita, mas também tem um cérebro. Uma combinação inebriante, mas de enfurecer — disse papai, percebendo que Katherine avançara mais uma casa no tabuleiro quando ele não estava olhando.

— Obrigada — disse Katherine, desprezando uma carta habilidosamente e pegando uma nova. — Assim me faz corar! Entretanto, devo admitir que penso que seus elogios são apenas um plano para me distrair e o senhor poder vencer — disse Katherine, mal percebendo a presença de Damon.

Fui até Damon. Ficamos juntos à porta, olhando para Katherine e papai.

Damon cruzou os braços.

— O que ela está fazendo aqui?

Jogando cartas. — Dei de ombros.

—,Acha realmente que é sensato? — Damon baixou a voz — Dadas as opiniões dele sobre sua... procedência.

— Não entende? É brilhante! Ela o está seduzindo. Eu não o ouvia rir tanto desde que mamãe morreu. — De repente me senti delirante de felicidade. Isso era melhor do que qualquer coisa que eu tivesse planejado. Em vez de pensar em uma trama complicada para tirar meu pai da perseguição aos vampiros, ele simplesmente veria Katherine como humana. Alguém que tinha emoções e que não fazia mal algum além de arruinar sua seqüência de vitórias no cribbage.

— E daí? — perguntou Damon com frieza. — Ele é um louco à caça. Alguns sorrisos não mudarão isso!

Katherine explodiu em risos enquanto papai colocava uma carta. Baixei a voz.

— Creio que se deixarmos que a conheça, ele mudará de idéia. Ele perceberia que ela não pretende fazer mal algum.

— Você enlouqueceu? — Damon sibilou, segurando meu braço. Seu hálito cheirava a uísque. — Se souber sobre Katherine, papai a matará num instante! Como pode saber se ele já não está planejando algo?

Nesse momento, Katherine soltou uma gargalhada. Meu pai lançou a cabeça para trás, acrescentando seu riso rouco ao dela. Damon e eu ficamos em silêncio enquanto Katherine olhava as cartas. Ela nos viu e piscou.

Como Damon e eu estávamos lado a lado, era impossível saber para quem ela piscara.

21

Na manhã seguinte, Damon partiu com a breve explicação de que ajudaria os soldados no acampamento. Eu não sabia se acreditava na sua desculpa, mas a casa decididamente ficava mais tranqüila na sua ausência. Katherine aparecia todas as noite para jogar cribbage com meu pai. Ocasionalmente, eu me juntava a ela, em partidas de dois contra um.

Enquanto jogava, Katherine contava ao meu pai histórias sobre seu passado: os negócios de transporte marítimo do pai; a mãe italiana; Wheat, o terrier que tivera quando criança. Perguntei-me se algo era verdade ou se era apenas um plano de Katherine agir como uma Sherazade moderna, alongando-se em histórias que um dia convenceriam meu pai a poupá-la.

Katherine sempre voltava para a casa de hóspedes com algum estardalhaço, e era uma agonia esperar pelo momento em que meu pai se recolhia para que eu pudesse segui-la. Comigo, ela jamais falava do passado ou dos seus planos. Não me contava como conseguia se alimentar, e eu não perguntava. Não queria saber. Era muito mais fácil fingir que ela era apenas uma moça normal.

Numa tarde, quando papai estava na cidade com Robert, discutindo negócios com os Cartwright, Katherine e eu decidimos passar o dia juntos, em vez de apenas algumas horas roubadas na escuridão. Era quase outubro, mas ninguém diria, a julgar pelai altas temperaturas e as tempestades diárias no final da tarde. Nau fui nadar em todo o verão e estava ansioso para sentir a água do lago na minha pele — e Katherine nos meus braços à luz do dia. Despi-me e pulei imediatamente.

— Não espirre água! — gritou Katherine. Ela levantou a saia azul e simples até os tornozelos e cuidadosamente colocou um pé na beira do lago. Ela deixara as sandálias de musselina embaixo do salgueiro e eu não conseguia desviar os olhos da pele branca e delicada de seus tornozelos.

— Entre! A água está ótima! — gritei, embora meus dentes estivessem batendo.

Katherine continuou, na ponta dos pés, até a beira do lago, chegando ao trecho lodoso entre a relva e a água.

— É sujo. — Ela torceu o nariz, protegendo os olhos do sol.

— Por isso precisa entrar, para lavar o lodo — falei, usando os dedos para espirrar água nela. Algumas gotas caíram no corpete do vestido e senti o desejo me dominar. Afundei na água para esfriar a cabeça. — Você não tem medo de algumas gotas — continuei enquanto emergia, com os cabelos pingando nos ombros.

— Ou, devo dizer, não tem medo de mim? — Senti-me um pouco ridículo ao dizer isso, pois esses comentários não pareciam tão inteligentes nos meus lábios. Ainda assim, ela me fez o favor de rir. Desviei-me, com cuidado, das pedras no fundo para me aproximar dela e espirrei mais água na sua direção.

— Não! — gritou Katherine, mas não tentou se afastar enquanto eu saía do lago, pegava-a pela cintura e carregava-a para a água.

— Stefan! Pare! — gritava, agarrada ao meu pescoço. — Ao menos me deixe tirar o vestido!

Imediatamente a soltei. Katherine ergueu as mãos acima da cabeça, deixando que eu tirasse seu vestido com facilidade. Ela parada, com sua pequena camisola branca, eu boquiaberto, pasmo. Obviamente eu já vira seu corpo, mas sempre nas sombras e à meia-luz, e ali eu via o sol nos seus ombros e sua barriga se curvando para dentro; soube, pela milionésima vez, que estava apaixonado.

Katherine mergulhou, emergindo ao meu lado.

— Agora, a vingança! — Ela se curvou e jogou água fria em mim, com toda sua força.

— Se você não fosse tão bonita, eu revidaria — falei, puxando-a para mim. Eu a beijei.

— Os vizinhos vão comentar — murmurou Katherine nos meus lábios.

— Que comentem — murmurei. — Quero que todos saibam o quanto eu te amo! — Katherine me beijou com mais intensidade, com mais paixão do que jamais senti. Prendi a respiração, sentindo tanto desejo que recuei.

Eu a amava tanto que quase doía; era mais difícil respirar, mais difícil falar, mais difícil pensar. Era como se meu desejo fosse uma força maior do que eu, que estava ao mesmo tempo assustado e radiante ao segui-lo aonde quer que ele me levasse.

Respirei trêmulo e olhei para cima. Grandes nuvens de tempestade surgiam, cobrindo o céu, que pouco antes era de um azul puro.

— Precisamos ir — avisei, indo para a margem.

Assim que pisamos na terra, um estalo de trovão pôde ser ouvido ao longe.

— A tempestade está chegando rápido — observou Katherine ao torcer seus cachos. Não parecia nada constrangida, embora o vestido branco molhado não deixasse nada a ser imaginado. De algum modo, parecia quase mais ilícito e erótico vê-la pouco vestida do que vê-la nua. — Pode-se pensar que seja quase um sinal de que nossa relação não deveria existir. — Sua voz era brincalhona, mas senti um tremor de medo subir pela minha espinha.

— Não — disse alto, para me tranqüilizar.

— Estou brincando! — Katherine beijou meu rosto antes de li curvar para pegar as roupas. Enquanto ela se vestia atrás do salgueiro, coloquei minhas calças e a camisa.

Katherine saiu de trás da árvore um instante depois, com o vestido de algodão grudando nas suas curvas e os cabelos prendendo-se nas costas. A pele estava um tanto azulada.

Abracei-a e esfreguei seus braços com vigor, tentando aquecê-la, mas eu sabia que era impossível.

— Tenho algo para lhe contar — disse Katherine ao tombar a cabeça para olhar o céu.

— O quê? — perguntei.

— Eu ficaria honrada em ir ao baile dos Fundadores com você — disse ela e então, antes que eu pudesse beijá-la novamente, desvencilhou-se do meu abraço e correu para a casa de hóspedes.

22

A semana do Baile dos Fundadores chegou com uma onda de frio que dominou Mystic Falls e se recusou a partir. As senhoras andavam pela cidade, durante a tarde, com casacos e xales de lã, e, nas noites nubladas, não se viam as estrelas. Nos campos, os trabalhadores preocupavam-se com uma geada precoce. Ainda assim, pessoas de lugares distantes, como Atlanta, vieram para o baile. A hospedaria ficou lotada e toda a cidade tinha um ar de festa nos dias que antecederam o evento.

Damon estava de volta a Veritas, tendo encerrado seu misterioso período com a brigada. Não contei a ele que Katherine e eu iríamos ao baile dos Fundadores, e ele não perguntou. Em vez disso, enterrei-me no trabalho, sentindo um vigor renovado para assumir Veritas. Queria provar ao meu pai que eu levava a propriedade a sério, amadurecia e assumia meu lugar no mundo. Ele me dera mais responsabilidades, permitindo que eu cuidasse dos livros de contabilidade e até me estimulando a ir a Richmond com Robert, para um leilão de gado. Eu podia ver minha vida dez anos à frente. Eu administraria Veritas — e Katherine, a casa —, dando festas e ocasionalmente jogando cartas à noite com meu pai.

Na noite do baile, Alfred bateu à minha porta.

— Senhor? Precisa de ajuda? — perguntou ele enquanto eu abria a porta.

Olhei meu reflexo no espelho. Eu estava vestido com um paletó preto e gravata, meu cabelo penteado para trás. Parecia mais velho, mais confiante.

Alfred seguiu meu olhar.

— Está elegante, senhor — admitiu ele.

— Obrigado. Estou pronto — falei, com o coração palpitando de empolgação. Na noite anterior, Katherine brincou comigo impiedosamente, sem me dar qualquer dica sobre o que vestiria. Eu estava louco para vê-la. Sabia que ela seria a mulher mais bonita do

baile; e o mais importante, ela era minha.

Desci a escada, aliviado por Damon não estar à vista. Perguntei-me se ele iria ao baile com amigos do exército ou talvez com uma das mulheres da cidade. Ele andava distante ultimamente, impossível de ser encontrado pela manhã e passando as noites na taberna.

Em frente à casa, os cavalos batiam os cascos. Entrei na carruagem que me aguardava e partimos para a casa de hóspedes.

Olhei pela janela e percebi Katherine e Emily na porta da frente. Emily usava um vestido de seda preto e simples, mas Katherine...

Tive de pressionar as costas no banco da carruagem para não saltar dela enquanto estava em movimento. Seu vestido era verde-esmeralda, prendendo-se na cintura antes de se abrir nos quadris. O corpete era baixo e apertado, mostrando a pele branca e macia, e os cabelos estavam puxados para trás, no alto da cabeça, expondo o gracioso pescoço de cisne.

No segundo em que Alfred puxou as rédeas dos cavalos, abri a porta da carruagem e saltei, com um largo sorriso, enquanto os olhos de Katherine caíram nos meus.

— Stefan... — sussurrou Katherine, levantando levemente as saias ao descer a escada com suavidade,

— Katherine. — Dei-lhe um beijo gentil no rosto antes de lhe oferecer o braço. Juntos, viramo-nos e fomos até a carruagem, de Alfred mantinha a porta aberta.

A estrada para Mystic Falls estava cheia de carruagens desconhecidas, de todos os formatos e tamanhos, seguindo para a mansão Lockwood, na extremidade da cidade. Senti um arrepio de expectativa. Era a primeira vez que eu acompanhava uma mulher ao baile dos Fundadores; nos anos anteriores, passei a maior parte das noites jogando pôquer com os amigos. Invariavelmente acontecia algum desastre: no ano anterior, Matthew Hartnett ficou bêbado de uísque e acidentalmente desatrelou os cavalos da carruagem dos pais; e dois anos atrás Nathan Layman meteu-se numa troca de socos com Grant Vanderbilt e ambos terminaram com o nariz quebrado.

Seguimos lentamente para a mansão, finalmente chegando à entrada. Alfred parou os cavalos e deixou-nos sair. Entrelacei os

dedos nos de Katherine e passamos pelas portas abertas da mansão, andando até o salão de jantar.

Toda a mobília do alto salão fora retirada e a luz das velas emprestava um brilho quente e misterioso às paredes. A orquestra em um canto tocava cantigas irlandesas e alguns casais já começavam a dançar, embora a noite estivesse começando. Apertei a mão de Katherine e ela sorriu para mim.

— Stefan! — Girei e vi o Sr. e a Sra. Cartwright. Soltei a mão de Katherine imediatamente.

Os olhos da Sra. Cartwright estavam vermelhos e ela estava abatida, comparada à última vez em que eu a vira. Enquanto isso Sr. Cartwright parecia ter envelhecido dez anos. Os cabelos estavam brancos como a neve e ele andava com a ajuda de uma bengala. Ambos traziam os ramos roxos de verbena — um tufo no bolso do paletó do Sr. Cartwright e flores entretecidas no chapéu da sua esposa —, mas, além desse detalhe, estavam inteiramente de preto, ainda de luto.

— Sr. e Sra. Cartwright — cumprimentei-os, com o estorna revirado pela culpa. Na verdade, quase me esquecera de que salyn e eu fôramos noivos. — É um prazer vê-los.

— Poderia ter nos visto antes, se fosse nos visitar — disse enquanto seu olhar caía sobre Katherine. — Mas compreendo que também deve estar em profundo... pesar.

— Irei, agora que sei que estão recebendo visitas — respondi, desajeitado, puxando a gola que subitamente ficara muito apertada no meu pescoço.

— Não é necessário — disse a Sra. Cartwright gelidamente ao tirar um lenço da manga.

Katherine segurou a mão da Sra. Cartwright, que, por sua vez, abaixou a cabeça com uma expressão de choque. Uma onda de apreensão me tomou e reprimi o impulso de me intrometer entre as duas e proteger Katherine da ira do casal.

Mas Katherine sorriu e, incrivelmente, os Cartwright também sorriram.

— Sr. e Sra. Cartwright, lamento muito por sua perda — disse ela calorosamente, sustentando o olhar dos dois. — Perdi meus pais no cerco a Atlanta e sei o quanto é difícil. Não conheci Rosalyn, mas

sei que ela jamais será esquecida.

A Sra. Cartwright assoou o nariz ruidosamente, com os olhos lacrimosos.

— Agradecemos, querida — disse ela, respeitosamente.

O Sr. Cartwright afagou as costas da esposa.

— Sim, nós agradecemos. — Virou-se para mim, com a com paixão substituindo o desprezo que ocupava seus olhos segundos antes. — E cuide de Stefan, por favor. Sei que ele está sofrendo.

Katherine sorriu enquanto o casal se reunia à multidão. Fiquei assombrado.

— Você os influenciou? — perguntei, sentindo o gosto amar-0 da palavra.

— Não! — Katherine colocou a mão no coração. — Foi a boa Velha gentileza. Vamos dançar! — disse ela, puxando-me para o O. Por sorte, a pista era uma confusão de corpos e a luz era clara, sendo quase impossível distinguir as pessoas. Guirlandas flores pendiam do teto e o piso de mármore brilhava, encerado. O ar era quente e enjoativo, tomado por centenas de perfumes concorrentes.

Pus a mão nos ombros de Katherine e tentei relaxar com a valsa, mas ainda me sentia apreensivo. A conversa com os Cartwright agitara minha consciência, fazendo-me sentir uma vaga deslealdade à memória de Rosalyn e a Damon. Será que o traí por não contar a ele que Katherine e eu viríamos ao baile juntos? Era errado que eu ficasse grato pelas suas ausências prolongadas?

A orquestra parou e, enquanto as mulheres ajeitavam os vestidos e pegavam novamente as mãos dos parceiros, fui até a mesa de bebidas em um canto.

— Você está bem, Stefan? — perguntou Katherine, deslizando ao meu lado, com vincos de preocupação na sua testa adorável.

Assenti, mas não parei de andar.

— Só estou com sede — menti.

— Eu também. — Katherine parou com expectativa enquanto eu servia o ponche vermelho-escuro em uma taça de cristal.

Passei-lhe a taça e olhei-a beber profundamente, perguntando-me se era assim que ela ficava quando bebia sangue. Quando colocou a taça na mesa, Katherine tinha um leve vestígio do líquido vermelho em torno da boca. Não consegui evitar: com o indicador, limpei a

gota ao lado da sua boca e levei o dedo à minha. Era doce, com certo amargor.

— Tem certeza de que está bem? — perguntou Katherine.

— Estou preocupado com Damon — confessei ao me servir de uma taça de ponche.

—Por quê? — perguntou ela com uma expressão verdadeiramente confusa.

— Por sua causa — respondi, categórico.

Katherine pegou minha taça e me afastou da mesa de bebidas,

— le é como um irmão para mim — disse ela, tocando minha testa com os dedos gelados. — Sou como a irmã mais nova para ele, você sabe disso.

— Mas todo o tempo em que estive doente... Quando você e ele ficavam juntos? Parecia que...

— Parecia que eu precisava de um amigo — disse Katherine firmemente. — Damon é um sedutor. Não quer se prender a ninguém, nem eu gostaria de me prender a ele. Você é o meu amor e Damon é meu irmão.

À nossa volta, casais giravam na semi-escuridão, seguindo o ritmo da música e rindo alegremente de piadas particulares, aparentemente sem se importar com o mundo. Eles também precisavam se preocupar com os ataques, a guerra e os desgostos, mas ainda riam e dançavam. Por que eu não podia ser assim? Por que sempre tinha de duvidar de mim mesmo? Olhei para Katherine. Um cacho escuro se soltara do seu coque. Coloquei-o atrás da sua orelha, saboreando a sensação sedosa dos fios nos meus dedos. O desejo me dominou e, enquanto eu encarava seus olhos castanhos e profundos, todos os sentimentos de culpa e de inquietude desapareceram.

— Vamos dançar? — perguntou Katherine, pegando minha mão e apertando-a no seu rosto.

Em meio à pista abarrotada, localizei meu pai, o Sr. Cartwright e os demais Fundadores cochichando furiosamente num canto.

— Não — sussurrei apressadamente. — Vamos para casa. Peguei Katherine pelos ombros e giramos pela pista até chegarmos à cozinha, onde os criados estavam ocupados preparando as bebidas. De mãos dadas, disparamos pela cozinha — para grande confusão dos criados — e saímos pelos fundos da casa.

Corremos pela noite, sem nos importar com o ar frio, os risos "tos vindos da mansão e o fato de que acabáramos de fugir do acontecimento social da temporada. A carruagem estava atrelada ao lado do estábulo dos Lockwood. fred certamente estava jogando cartas com outros criados.

— Minha dama primeiro — disse eu, erguendo Katherine pela cintura e colocando-a no banco do passageiro. Subi ao banco do condutor e estalei o chicote, o que levou os cavalos a começarem a galopar na direção de casa.

Sorri para Katherine. Tínhamos uma noite inteira de liberdade pela frente, e isso era inebriante. Não precisaríamos ir furtivamente para a casa de hóspedes, nem evitar os criados. Horas de uma felicidade ininterrupta!

— Eu te amo! — gritei, mas o vento roubou as palavras assim que saíram da minha boca. Imaginei-as viajando com a brisa, flutuando por todo o mundo, até que cada pessoa, em cada cidade,soubesse do meu amor.

Katherine ficou de pé na carruagem, com os cachos batendo furiosamente no rosto.

— Eu também te amo! — gritou ela e depois desabou, entre risos, no banco.

Quando voltamos à casa de hóspedes, estávamos suados e avermelhados. No segundo em que chegamos ao quarto de Katherine, tirei o vestido do seu corpo magro e, tomado de paixão, passei gentilmente os dentes no seu pescoço.

— O que está fazendo? — Ela recuou e olhou-me incisivamente.

— Só estou... — O que eu estava fazendo? Fingindo? Tentando parecer que Katherine e eu éramos iguais? — Acho que quero saber como você se sente quando eu...

Katherine mordeu o lábio.

— Talvez um dia descobrirá, meu singelo e suave Stefan.

Ela se deitou de costas na cama, arrumando os cabelos no travesseiro de penas de ganso. — Mas agora, quero somente você.

Deitei-me ao seu lado, acompanhando a curva do seu queixo com o indicador enquanto colocava minha boca na dela. O beijo foi tão doce e terno que senti sua essência e a minha se combinarem,

criando uma força maior do que nós. Exploramos os corpos um do outro como se fosse a primeira vez. Na luz dos seus aposentos, não sabia onde terminava a realidade e começavam os sonhos. Não havia pudor ou expectativa, apenas paixão, desejo e uma sensação de perigo que era misteriosa, bela e devoradora.

Naquela noite, eu teria permitido que Katherine me consumisse inteiramente e me tivesse em seu poder. Teria oferecido, satisfeito, meu pescoço, se isso significasse que ficaríamos presos naquele abraço por toda a eternidade.

23

Naquela noite, porém, o abraço teve fim e eu caí num sono escuro e sem sonhos. Minha mente e meu corpo despertaram num súbito solavanco quando ouvi um estrondo que parecia reverberar pelas minhas pernas e meus braços.

Assassinos!

Homicidas!

Demônios!

As palavras flutuavam pela janela aberta, como um cântico. Esgueirei- me até a janela e abri um pouco as cortinas. Do outro lado do lago, havia clarões de fogo e ouvi até mesmo o disparo de rifles. Corpos escuros moviam-se em massa, como um enxame de gafanhotos descendo em um campo de algodão.

— Vampiros! Assassinos!

Comecei a distinguir cada vez mais palavras entre o rugido furioso da multidão. Havia ao menos cinqüenta homens. Cinquenta homens bêbados, coléricos, sanguinários. Agarrei Katherine pelos ombros e comecei a sacudi- la com força.

— Acorde! — sussurrei com urgência. Ela se sentou, assustada. O branco dos seus olhos estava imiso e havia sombras sob os globos oculares.

— O que foi? Está tudo bem? — Seus dedos tocaram o colar.

— Não, não está tudo bem — cochichei. — A brigada está fora, procuram por vampiros. Eles estão na estrada principal.Apontei a janela.

A gritaria se aproximava. O fogo ardia na noite, as chamas estendendo- se para o céu noturno como adagas. O medo me dominou. Isso não deveria estar acontecendo, não ainda.

Katherine saiu da cama, envolvendo-se com a colcha branca, e fechou as cortinas com um estrondo.

— Seu pai — disse ela com a voz dura.

Balancei a cabeça. Não podia ser.

O cerco está marcado para a próxima semana, e meu pai não se desvia de um plano já estabelecido.

— Stefan! — disse Katherine incisivamente. — Você prometeu que faria alguma coisa! Precisa impedir isso. Esses homens não sabem o que estão combatendo e não sabem como é perigoso. Se continuarem, haverá feridos.

— Perigoso? — perguntei, esfregando as têmporas; Subitamente eu sentia uma dor de cabeça latejante. A gritaria agora ficara mais baixa; parecia que a turba avançava — ou talvez se dispersasse. Perguntei-me se isto era mais um protesto incitado pelo álcool do que um cerco verdadeiro.

Não vindo de mim, mas daqueles que realizaram os ataques. — Os olhos de Katherine encontraram os meus. — Se as pessoas souberem o que é seguro, o que é melhor para elas, abandonarão a caçada. Deixarão que resolvamos tudo, que nós encontremos a origem dos ataques. Sentei-me na beira da cama e pousei os cotovelos nos joelhos, encarando desanimado as tábuas gastas do chão, como se pudesse encontrar alguma resposta, alguma maneira de impedir o que já estar acontecendo. Katherine pegou meu rosto.

— Estou inteiramente nas suas mãos. Preciso que me proteja, favor, Stefan!

— Eu sei, Katherine! — respondi, um tanto histérico. — Mas, for tarde demais? Eles têm a brigada, têm suas suspeitas, têm a invenção para encontrar vampiros.

— O quê? — Katherine recuou um passo. — Uma invenção? Você não me contou sobre isso — disse ela, a voz assumindo um tom de acusação.

Um incômodo se acomodou no meu peito enquanto eu explicava o dispositivo de Jonathan. Como pude não falar sobre isso com Katherine? Ela me perdoaria?

— Jonathan Gilbert. — A face de Katherine se retorceu, tomada pelo desprezo. — Então esse tolo pensa que pode nos caçar como animais?

Encolhi-me. Nunca ouvira Katherine usar um tom tão ríspido.

— Desculpe — disse ela numa voz mais composta, como se sentisse o medo palpitar no meu coração. — Desculpe, mas... Você não imagina como é ser perseguido.

— As vozes parecem se aquietar. — Espiei pelas venezianas. A turba já começava a se dispersar e as chamas transformavam-se em pontos trêmulos no céu negro da noite. O perigo aparentemente havia passado.

Ao menos por enquanto, mas na próxima semana eles teriam a invenção de Jonathan. Teriam uma lista de vampiros e encontrariam cada um deles.

— Graças a Deus. — Katherine afundou na cama, pálida como eu nunca a vira. Uma única lágrima caía de um dos seus olhos e escorria pelo rosto alvo. Estendi a mão para enxugá-la com o indicador, depois toquei gentilmente a língua no meu dedo, como um eco do que fizera no baile dos Fundadores. Chupei-o, descobrindo que suas lágrimas eram salgadas. Humanas.

Puxei-a para mim, envolvendo-a num abraço apertado. Não sei exatamente quanto tempo ficamos sentados ali, juntos. Quando a luz fraca da manhã começava a entrar pelas janelas, porém, eu me levantei.

— Impedirei isso, Katherine. Eu a protegerei até a morte! Eu juro.

24

25 de setembro de 1864

Dizem que o amor a tudo conquista. Mas pode ele conquistar a voz que diz ao meu pai que Katherine e seus semelhantes são demônios — diabos?

Não exagero quando afirmo que Katherine é um anjo. Ela salvou minha vida — e a de Anna. Meu pai deve saber a verdade. Depois que souber, será incapaz de negar a bondade de Katherine. É meu dever como um Salvatore permanecer fiel às minhas convicções e às daqueles a quem amo.

É hora de ações, não de dúvidas. A confiança corre pelas minhas veias. Farei meu pai entender a verdade — que somos todos iguais. E com essa verdade virá o amor. Meu pai cancelará o cerco.

Eu juro pelo meu nome, por minha vida.

Mas como eu o convenceria disso, quando ele desprezava tão profundamente os demônios? Meu pai era racional, lógico e talvez pudesse saber o que Katherine já me ensinara: que nem todos os vampiros são cruéis. Eles andam entre nós, choram lágrimas humanas, e tudo o que querem é um verdadeiro lar — e ser amados. Finalmente criei coragem e me levantei, fechando o caderno com um som abrupto. Isso não era um dever de casa de estudante e eu não precisava de anotações para falar o que se passava no meu coração. Já conversara com meu pai de homem para homem. Afinal, eu tinha quase 18 anos e ele pretendia que eu herdasse Veritas.

Respirei fundo, desci a escada em espiral, atravessei a sala de estar silenciosa e bati na porta do escritório de meu pai.

— Entre! — disse sua voz abafada. Antes de eu tocar a maçaneta, papai abriu a porta. Vestia um casaco bordado, com um ramo de verbena na lapela, mas percebi que, em vez de estar barbeado, exibia uma barba grisalha por fazer e os olhos estavam injetados e inchados.

— Não o vi ontem à noite no baile — disse papai ao me fazer entrar no seu escritório. — Espero que não tenha feito parte di« quela multidão ruidosa e descuidada!

— Não. — Balancei a cabeça vigorosamente, sentindo uma centelha de esperança. Será que meu pai não planejava mais U ataque?

Ótimo. — Papai se sentou à mesa de carvalho e fechai! livro com capa de couro. Por baixo, pude ver desenhos mas complexos da cidade, com alguns "X" sobre certos pré inclusive a botica. Minha centelha de esperança se extingui mesma hora. Um medo frio e intenso tomou seu lugar.

Meu pai seguiu meu olhar.

— Como pode ver, nossos planos são muito mais polidos do que aquela multidão tola de bêbados e rapazes. O xerife Forbes e sua equipe os impediram e nenhum será bem-vindo no nosso cerco. — Meu pai suspirou e entrelaçou os dedos. — Vivemos tempos perigosos e incertos, e seus atos precisam refletir isso. — Seus olhos escuros se suavizaram por um segundo.

— Quero ter certeza de que suas decisões, no mínimo, sejam prudentes. — Ele não acrescentou "ao contrário daquelas de Damon", mas não precisava. Eu sabia o que ele pensava.

— Então o cerco...

— Acontecerá na próxima semana, como planejado.

— E a bússola? — perguntei, lembrando-me da conversa com Katherine.

Papai sorriu.

— Funciona. Jonathan esteve mexendo nela.

— Ah... — Fui tomado por uma onda de horror. Se funciona, não havia dúvidas de que papai descobriria Katherine. — Como sabe?

Papai sorriu e enrolou a papelada.

— Porque funciona — disse ele simplesmente.

— Posso lhe falar sobre algo? — perguntei, com a esperança de que minha voz não traísse meu nervosismo. A imagem do rosto de Katherine lampejou pela minha mente, dando-me forças para olhar nos olhos do meu pai.

— Claro. Sente-se, Stefan — ordenou meu pai. Obediente,juntei-me na poltrona de couro ao lado da estante. Ele ficou de pé e foi até a garrafa de conhaque na mesa do canto. Serviu um para si, outro para mim.

Peguei o copo e levei-o aos lábios, tomando um gole quase imperceptível da bebida. Depois criei coragem e olhei diretamente para ele.

— Tenho preocupações em relação a seu plano contra os vampiros — Ah, é mesmo? E por quê? — Papai se recostou na cadeira, nervoso, bebi um gole do conhaque.

— Estamos partindo do pressuposto de que eles são tão maus quanto sua descrição, mas e se isso não for verdade? — perguntei,obrigando-me a encará-lo.

Meu pai bufou.

— Tem alguma prova do contrário?

Balancei a cabeça.

— Claro que não, mas por que tomar o que as pessoas dizem como a verdade absoluta? O senhor nos ensinou outra coisa.

Meu pai suspirou e andou até a garrafa, servindo-se de mais conhaque.

— Por quê? Porque essas criaturas pertencem às partes mais sombrias do inferno. Sabem controlar sua mente, seduzir seu espírito. São imortais e precisam ser destruídas!

Olhei o líquido âmbar no meu copo; era tão escuro e turvo quanto meus pensamentos. Papai bateu seu copo no meu.

— Eu não deveria lhe contar, filho, mas aqueles que os apóiam, que trazem vergonha para suas famílias, também serão destruídos.

Um arrepio subiu pela minha coluna, mas sustentei seu olhar.

— Qualquer um que apóie o mal deve ser destruído. Todavia não penso que seja prudente supor que todos os vampiros sejam maus por serem vampiros. Você sempre nos ensinou a ver o bem nas pessoas, a pensar por nós mesmos. A última coisa que essa cidade precisa, quando já tivemos tantas mortes por causa da guerra, é de

mais matanças insensatas — disse eu, lembrando-me da expressão de pavor de Pearl e Anna no bosque. — Os Funda dores precisam repensar o plano. Irei à próxima reunião com o senhor! Sei que não estive envolvido como poderia, mas estou pronto a assumir minhas responsabilidades.

Meu pai afundou na poltrona, encostando a cabeça no encosto. Fechou os olhos e massageou as têmporas; continuou nessa postura por longos momentos.

Esperei, com cada músculo do corpo retesado, pronto para a onda de palavras coléricas que certamente sairiam da sua boca. Olhei, desanimado, meu copo. Eu fracassei. Falhei com Katherine, Pearl e Anna. Não consegui garantir meu próprio futuro feliz.

Finalmente os olhos do meu pai se abriram. Eram do mesmo verde- escuro dos meus. Para minha surpresa, ele assentiu.

— Creio que posso pensar um pouco sobre o assunto.

Um alívio frio banhou meu corpo, como se eu acabasse de saltar no lago em um dia escaldante de verão. Ele pensaria no assunto! Para alguns, poderia não parecer muito, mas partindo do meu pai, um obstinado, significava tudo. Significava que havia uma chance! Uma chance de impedir ações sorrateiras na escuridão. Uma chance para Katherine continuar em segurança, para que ficássemos juntos para sempre.

Meu pai ergueu o copo para mim.

— À família.

— À família — eu lhe respondi. Depois ele bebeu o que restava no copo, compelindo-me a fazer o mesmo.

25

A excitação corria pelas minhas veias quando saí de casa, atravessei o gramado molhado pelo orvalho e fui até a casa de hóspedes. Passei rapidamente por Emily, que mantinha a porta aberta para mim, e subi a escada aos saltos. Não era preciso uma vela para encontrar o caminho até Katherine. No quarto, ela vestia uma camisola de algodão simples e balançava distraidamente um colar de cristal que faiscava ao luar.

— Creio que meu pai poderá ser convencido a cancelar o cerco. Ao menos ele está disposto a pensar... Sei que conseguirei fazê-lo mudar de idéia — exclamei, girando-a pelo quarto.

Eu esperava que ela batesse palmas de alegria, que seu sorriso espelhasse o meu, mas Katherine se desvencilhou do meu abraço e colocou o cristal sobre a mesa de cabeceira.

— Eu sabia que você era o homem para essa tarefa — disse ela sem olhar para mim.

— Melhor do que Damon? — perguntei, incapaz de resistir. Finalmente Katherine sorriu.

— Precisa parar de se comparar com Damon. — Ela se aproximou de mim e roçou a boca no meu queixo. Tremi de prazer enquanto Katherine puxava meu corpo para ela. Abracei-a com força, sentindo suas costas através do tecido fino da camisola.

Ela beijou minha boca e meu queixo, passando os lábios, leves como uma pluma, pela curva do meu pescoço. Gemi e puxei-a para mais perto, precisando sentir toda ela contra mim. Depois ela cravou os dentes no meu pescoço. Soltei um gemido estrangulado de dor e de êxtase ao sentir seus dentes na minha pele, sentir que ela sugava meu sangue. Parecia que mil facas penetravam meu pescoço e, ainda assim, abracei-a com mais força, querendo sentir sua boca na minha pele, desejando me submeter inteiramente à dor que a alimentava.

Com a mesma subtaneidade com que me mordeu, Katherine se afastou, com os olhos escuros em brasa e a agonia gravada no rosto.

Um pequeno fio de sangue escorria do canto dos seus lábios e sua boca se retorceu em uma dor excruciante.

— Verbena — arquejou ela, recuando até desabar de dor na cama. — O que você fez?

— Katherine! — Pus as mãos no seu peito, meus lábios na sua boca, tentando desesperadamente curá-la como fora curado por ela no bosque. Mas ela me empurrou, contorcendo-se na cama, com as mãos presas à boca. Era como se estivesse sendo torturada por mãos invisíveis. Lágrimas de agonia rolavam dos teus olhos.

— Por que fez isso? — Katherine pôs a mão no pescoço e fechos olhos, a respiração se reduzindo a um fôlego selvagem.

A exclamação angustiada de Katherine parecia uma pequena faca em meu coração.

— Não fui eu! Meu pai! — gritei, ao me ocorrerem os acontecimentos vertiginosos daquela noite. O conhaque, meu pai! Ele colocou verbena.

Houve um estrondo no andar inferior e meu pai entrou num pane.

— Vampira! — rugiu ele, erguendo uma estaca rudimentar, Katherine se contorcia de dor no chão, gritando num tom agudo U jamais ouvira.

— Pai! — gritei, erguendo as mãos enquanto ele usava a bota para chutar Katherine. Ela gemeu enquanto seus braços e suas pernas debatiam em direções contrárias.

— Katherine! — Ajoelhei-me e abracei seu corpo. Ela gritou; seus olhos reviravam de tal forma que eu conseguia ver apenas o branco. Uma espuma apareceu no canto dos lábios sujos de sangue, como se ela fosse um animal raivoso. Fiquei boquiaberto de pavor e soltei-a, deixando seu corpo cair no chão com um baque terrível.

Recuei, sentando-me sobre os calcanhares e olhando para o teto como quem reza. Não conseguia encarar Katherine e nem meu pai.

Katherine soltou outro gemido agudo enquanto papai a tocava com a estaca. Ela recuou — espumando pela boca, as presas expostas, os olhos desvairados e cegos — antes de se transformar novamente num monte que se contorcia.

A bile subiu à minha garganta. Quem era esse monstro?

— Levante-se. — Meu pai me ergueu à força. — Não vê, Stefan? Não vê sua verdadeira natureza?

Olhei para Katherine. Seus cachos castanhos estavam colados na testa pelo suor, os olhos escuros eram arregalados e injetados, os dentes estavam cobertos de espuma e todo o seu corpo tremia.

Não reconheci nada nela.

— Procure o xerife Forbes! Diga-lhe que temos uma vampira.

Fiquei parado, imobilizado pelo terror, incapaz de dar um passo em qualquer direção. Minha cabeça latejava; meus pensamentos giravam, confusos. Eu amava Katherine. Eu a amava. Não é verdade? Então por que essa... criatura me repugnava?

— Não criei filhos fracos — rugiu meu pai, metendo um maço de verbena no bolso da minha camisa. — Vá!

Minha respiração era pesada. Subitamente, o calor parecia sufocante, insuportável. Eu não conseguia respirar, não conseguia pensar, não conseguia fazer nada. Eu sabia somente que não poderia ficar parado, naquele quarto, nem por mais um minuto. Sem olhar para meu pai ou para a vampira que se debatia no chão, corri para fora da casa, descendo a escada aos saltos e seguindo para a estrada.

26

Não sei por quanto tempo corri. A noite estava clara e fria, e meu coração parecia bater na garganta, no cérebro, nos pés. Às vezes eu tocava a ferida no pescoço, que ainda sangrava. A área estava quente e eu sentia vertigens sempre que colocava a mão ali.

A cada passo, uma nova imagem aparecia na minha mente: Katherine, a espuma sanguinolenta se acumulando no canto da sua boca; meu pai, acima dela com uma estaca. As lembranças se misturavam; eu não sabia se o monstro de olhos vermelhos que gritava no chão era a mesma pessoa que me atacou com os dentes, que me acariciou no lago, que assombrava meus sonhos e minhas horas de vigília. Tremi incontrolavelmente e perdi o equilíbrio, tropeçando num galho no chão. Caí na terra, sobre minhas mãos e meus joelhos, vomitei várias vezes até o gosto de ferro desaparecer.

Katherine morreria. Meu pai me odiava. Eu não sabia quem eu era, o que deveria fazer. Tudo se invertera e eu estava tonto e fraco, certo de que, independentemente do que fizesse, causaria destruição. Era tudo minha culpa, tudo! Se eu não tivesse mentido para meu pai e guardado o segredo de Katherine...

Obriguei-me a prender a respiração, levantei-me e comecei a correr novamente.

Enquanto corria, o cheiro de verbena no meu bolso encheu minhas narinas. Sua fragrância doce e terrosa vagou pelo meu corpo, parecendo clarear minha mente e dar às minhas pernas e aos meus braços uma energia alerta. Entrei à esquerda na estrada de terra, surpreso com o rumo que escolhia, mas, pela primeira vez em semanas, eu estava certo dos meus atos.

Entrei explosivamente na delegacia, onde o xerife Forbes estava sentado com os pés apoiados na mesa, dormindo. Em uma cela trancada, o bêbado da cidade, Jeremiah Black, roncava alto, obviamente dormindo depois de uma noite ruim no bar. Noah, um jovem policial, também cochilava em uma cadeira de madeira na

frente da cela.

— Vampiros! Há vampiros em Veritasl — gritei, levando o xerife Forbes e Jeremiah a prestar atenção imediatamente.

— Vamos, sigam-me — disse o xerife Forbes, pegando um porrete e uma espingarda. — Noah! — gritou ele. — Pegue a carroça e siga-me com Stefan.

— Sim, senhor — disse Noah, levantando-se num salto. Ele pegou um porrete em um gancho na parede e me entregou. Nesse instante, ouvi um ruído penetrante e percebi que o xerife Forbes soava o alarme na frente da delegacia. O sino tinia ininterruptamente.

Posso ajudar. Por favor? — balbuciou Jeremiah, com as mãos na grade. Noah balançou a cabeça e apressadamente correu pelo prédio, as botas ecoando nas tábuas de madeira. Eu o segui, parando para olhar enquanto ele apressadamente atrelava dois cavalos a uma carroça comprida de ferro.

— Vamos! — chamou Noah, impaciente, brandindo o chicote. Saltei no banco ao lado de Noah e observei-o estalar o chicote, levando os cavalos a galopar numa velocidade vertiginosa colina abaixo, entrando na cidade. As pessoas estavam paradas à frente das suas casas, vestindo roupas de dormir e esfregando os olhos, algumas atrelando cavalos a carroças e carruagens.

— Ataque na propriedade dos Salvatore! — gritava Noah , até que sua voz quase falhou. Eu sabia que deveria e conseguia. Em vez disso, senti o medo tomar meu coração enquanto o vento batia no meu rosto. Ouvi o barulho de cascos de cavalos ao longe e vi portas sendo abertas e outros moradores com roupas de dormir pegando rifles, baionetas e quaisquer armas que pudessem encontrar. Enquanto galopávamos pela cidade, percebi que a botica estava completamente fechada. Anna e Pearl estavam em casa? Se estivessem, eu precisava avisá-las.

Não. A palavra veio tão estranhamente que era como se meu pai a tivesse sussurrado no meu ouvido. Eu precisava fazer o que era certo para mim, para o nome dos Salvatore. As únicas pessoas que me importavam eram meu pai e Damon, e se algo acontecesse com eles...

Ataque à propriedade dos Salvatore! — gritei, minha voz falhando.

Ataque à propriedade dos Salvatore! — repetiu Noah em uma seqüência que parecia um cântico. Olhei o céu. A lua era uma lasca mínima e nuvens cobriam qualquer sinal de estrelas. Mas, de repente, ao subirmos a colina, vi Veritas iluminada como a manhã, com uma multidão que parecia reunir cem pessoas brandindo tochas, gritando na escada da varanda.

O pastor Collins estava de pé no balanço da varanda, apelando aos fiéis enquanto várias pessoas o olhavam, ajoelhadas no chão e rezando. Ao lado dele estava Honoria Fells, gritando a plenos pulmões sobre demônios e arrependimento. O velho Robinson brandia sua tocha e ameaçava incendiar toda a propriedade.

— Stefan! — gritou Honoria enquanto eu saltava da carroça antes que ela parasse. — Para sua proteção — disse ela, estendendo-me um ramo de verbena.

— Com licença — disse eu com a voz rouca, abrindo caminho pela multidão com os cotovelos, correndo à casa de hóspedes e subindo a escada. Ouvi vozes coléricas vindas dos quartos.

— Eu a levarei! Partiremos e o senhor não nos verá novamente! — Era a voz de Damon, baixa e ameaçadora como um trovão próximo.

— Ingrato! — rugiu meu pai, e ouvi um estalo horrível. Subi a escada correndo e vi Damon, caído na soleira da porta, com um fio de sangue escorrendo da cabeça. A porta rachara com o impacto do corpo dele.

— Damon! — gritei, caindo de joelhos ao lado do meu irmão. Damon tentou se levantar; estremeci ao ver o sangue escorrendo da sua cabeça. Quando ele se virou para mim, seus olhos ardiam de raiva.

Meu pai tinha a estaca nas mãos.

— Obrigado por trazer o xerife, Stefan. Você agiu bem. Ao contrário do seu irmão. — Meu pai andou em direção a ele e eu ofeguei, certo de que bateria novamente em Damon, mas ele estendeu a mão. — Levante-se, Damon.

Damon deu um tapa na mão do meu pai. Ergueu-se sozinho, enxugando o sangue na sua cabeça com as costas da mão.

— Damon, escute-me — continuava meu pai, ignorando o olhar de ódio de Damon. — Você foi enfeitiçado pelo demônio... Por

essa Katherine. Mas ela desaparecerá e você deve ficar do lado da razão. Mostrei-lhe misericórdia, mas essa gente... — Ele gesticulou para a janela e para a multidão colérica atrás dela.

— Que eu seja morto, então — sibilou Damon ao sair intempestivamente pela porta. Ele passou por mim, atingindo-me com força com o ombro ao correr pela escada.

Vindo do quarto, ouvi um grito de agonia.

— Xerife? — chamou meu pai, abrindo a porta do quarto de Katherine. Eu arquejei. Ali estava ela, com uma mordaça de couro e os braços e as pernas brancos atados.

— Ela está pronta — disse o xerife com severidade. — Vamos levá-la à carroça e acrescentá-la à lista. Gilbert tem a bússola e está cercando os vampiros da cidade. Ao amanhecer, teremos livrado a cidade desse flagelo.

Katherine fitou-me com os olhos desesperados e suplicantes. O que eu poderia fazer? Ela estava perdida para mim.

Virei-me para a escada e corri.

27

Corri para o gramado. Havia fogo em toda parte e percebi que as dependências dos criados ardiam em chamas. Naquele momento, a casa principal parecia segura, mas quem saberia por quanto tempo? Vislumbrei chamas no bosque e um grande grupo que convergia ao redor da carroça da polícia, mas eu somente me importava em encontrar Damon. Finalmente localizei uma figura de paletó azul, correndo para o lago. Segui-o pelo campo.

— Stefan! — Ouvi meu nome e parei, olhando ao redor como um louco. — Aqui! — Virei-me e vi Jonathan Gilbert, com os olhos desvairados, parado à margem do bosque com um arco e flecha em uma das mãos e a bússola na outra. Jonathan olhava sua invenção quase que com incredulidade. — Há um vampiro no bosque. Minha bússola está apontando, mas preciso de ajuda para confirmar.

— Jonathan! — gritei, ofegante. — Não posso... Tenho que encontrar...

Subitamente vi um clarão branco vindo do bosque. Jonathan virou-se e levou o arco ao ombro. — Quem está aí? — chamou, soando como uma trombeta. Imediatamente ele atirou a flecha e vi seu arco enquanto a flecha partia para a escuridão. Depois ouvi um grito e um baque.

Jonathan correu para o bosque e ouvi um gemido longo e baixo.

— Jonathan — chamei, em desespero, depois parei. Vi-o ajoelhado a uma figura caída. Ele levantou a cabeça para mim, medo nos seus olhos.

— É Pearl — disse ele, revelando o óbvio.

Havia uma flecha cravada sob seu ombro. Ela gemia e os olhos palpitavam sob as pálpebras.

— Pearl! — disse Jonathan, dessa vez colérico, enquanto arrancava rudemente a flecha. Virei-me apavorado, sem querer assistir.

Corri com todas as forças para o lago, na esperança de que

Damon ainda estivesse ali.

— Damon? — chamei, inseguro, contornando as raízes das árvores. Meus sentidos levaram um momento para se adaptar à escuridão e à relativa quietude do bosque. Vi uma figura abaixada junto a um galho caído. — Damon? — chamei em voz baixa.

A figura se virou e ofeguei. O rosto de Damon estava lívido e seus cabelos escuros colados à testa. O corte na cabeça estava cercado por sangue coagulado e o branco dos olhos era leitoso.

— Seu covarde — sibilou ele, tirando a faca do bolso.

— Não. — Ergui as mãos e recuei um passo. — Não me machuque.

— Não me machuque! — zombou numa voz aguda. — Eu sabia que um dia você contaria a papai, apenas não sabia por que Katherine confiara o segredo a você. Porque ela acreditou que você não se voltaria contra ela, porque ela o amava. — Sua voz falhou na palavra amava e ele largou a faca. Seu rosto se retorceu, angustiado, e ele não parecia perigoso nem cheio de ódio; parecia arrasado.

— Damon, não. Não. Não — repeti a palavra enquanto minha mente girava. Katherine me amava? Lembrei-me dos momentos em que ela me fitou, com as mãos nos meus ombros. Você deve me amar, Stefan. Diga-me que ficaremos juntos para sempre. Você tem meu coração. Sempre tive a mesma sensação de embriaguez e de vertigem correndo pelo meu corpo e subindo ao meu cérebro, querendo fazer qualquer coisa por ela. Mas quando pensava na sua verdadeira natureza, somente conseguia tremer. — Ela não me amava — soltei finalmente. Ela me manipulou e me fez magoar todos os quem amo.

Senti o ódio subir das profundezas da minha alma e quis liderar o ataque contra Katherine.

Até olhar para meu irmão.

Damon tinha a cabeça entre as mãos, olhando o chão. Foi quando percebi que ele amava Katherine. Ele a amava apesar do seu lado sombrio, ou por causa dele. Quando vi Katherine prostrada no chão, espumando, senti meu estômago se revirar. O amor de Damon por Katherine era tanto, porém, que ele aceitava sua parte vampira, em vez de fingir que ela não existia. E, para ser verdadeiramente feliz, Damon precisava ficar com ela. Eu entendi, então, que precisava salvar Katherine para salvar Damon.

Ao longe, gemidos e gritos enchiam um ar que cheirava a pólvora.

— Damon, Damon! — repeti seu nome, com uma urgência cada vez maior. Ele levantou a cabeça e vi lágrimas nos seus olhos, ameaçando se derramar. Não via Damon chorar desde a morte de nossa mãe.

— Vou ajudá-lo a salvá-la. Sei que você a ama; eu ajudarei — repeti a palavra "ajudarei" como se fosse uma espécie de encanto. Por favor, pedi mentalmente ao fitar Damon. Fez-se silêncio por um instante e, por fim, Damon assentiu para mim de forma quase imperceptível.

Tudo bem — disse ele numa voz entrecortada, segurando meu pulso e arrastando-me para a margem do bosque.

28

— Precisamos agir logo — disse Damon quando chegamos à linha de árvores ao lado do campo. O chão do bosque estava escorregadio por causa das folhas e não havia barulhos, nem mesmo de animais.

Passei os últimos minutos desesperadamente atormentado, tentando pensar numa maneira de salvar Katherine, mas não conseguia. Nossa única esperança era entrar na luta, fazer uma oração por Pearl e por Anna e nos concentrar em libertar Katherine. Seria incrivelmente perigoso, mas não havia outra maneira.

— Sim — repeti, com uma autoridade que não sentia. — Está pronto?

— Sem esperar por uma resposta, avancei para a margem do bosque, guiado pelo fraco som de gritos furiosos. Podia ver o perfil da casa. Damon esgueirava-se ao meu lado. Vimos uma explosão de chamas na casa de hóspedes. Ofeguei, mas Damon simplesmente me fuzilou com os olhos.

Nesse instante, ouvi a voz estridente de Jonathan Gilbert.

— Encontrei outro!

Avancei furtivamente pela margem do bosque até ter uma visão plena de Jonathan jogando Henry, da taberna, contra a traseira da carroça da polícia. Noah segurava um dos seus braços enquanto outro guarda, a quem não reconheci, segurava o outro, Jonathan estendia a bússola, com a testa franzida.

— Estaca nele! — gritou. O guarda sacou a baioneta e a colocou no centro do peito de Henry. O sangue esguichou enquanto Henry gritava no ar da noite e ele tombou de joelhos, com os olhos arregalados e encarando a baioneta alojada no seu corpo. Virei-me para Damon e percebemos que não havia tempo a perder. Damon mordeu o lábio e eu sabia que estávamos juntos nisso. Embora costumássemos agir de formas diferentes, pensávamos da mesma maneira quando se tratava de algo importante, talvez fosse isso — a

comunicação rápida que tínhamos por sermos irmãos — o que nos salvaria, e salvaria Katherine. Vampiros! — gritei das profundezas do bosque. Achamos um! Ajudem! — gritou Damon. Imediatamente Noah e o outro guarda soltaram Henry e correram ate nós, com as estacas preparadas.

— Por aqui! — ofegava Damon, apontando as profundezas do bosque à aproximação dos dois guardas. — Era um homem. Vimos apenas uma sombra escura, mas ele tentou atacar meu irmão. para üustrar o que afirmava, Damon apontou o sangue pegajoso que se acumulara na minha clavícula, descendo do pescoço. Estendi a mão para o ponto, surpreso. Esquecera-me de que Katherine me mordera, algo que parecia ter acontecido havia uma vida inteira.

Os dois guardas se olharam e assentiram, lacônicos.

— Vocês, rapazes, não deveriam sair desarmados. Temos algumas armas na carroça — disse Noah, antes de partir para o bosque.

— Ótimo — disse Damon, quase a meia-voz. — Vamos! E se me decepcionar, eu o mato — disse ele, partindo para a carroça. Eu o segvü› movido inteiramente pela adrenalina.

Chegamos à carroça desprotegida. Gemidos baixos vinham do seu interior. Damon abriu a traseira da carroça com um chute e saltou para 0 tablado. Eu o segui, sentindo ânsias de vômito ao entrar. O cheiro na carroça era insuportável, uma combinação de sangue, Verbena e fumaça. Corpos contorciam-se nos cantos, mas a carroça era terrivelmente escura e era impossível saber se as figuras ali eram vampiros, humanos ou uma combinação dos dois.

— Katherine! — sibilou Damon, curvando-se e empurrando com brutalidade cada um dos corpos em busca dela.

— Stefan? — Uma voz fraca chamou e obriguei-me a não xingá-la, a não cuspir na sua direção, a não olhar aqueles olhos vis e dizer-lhe que eu esperava que ela recebesse exatamente o que merecia. — Damon? — A voz falhava.

— Katherine estou aqui — sussurrou Damon, indo até o fundo da carroça. Continuei parado, como se preso ao chão. À medida que meus olhos se adaptavam à luz fraca, comecei a ver coisas mais terríveis do que os meus piores pesadelos. No chão da carroça havia quase uma dúzia de corpos, alguns de pessoas que eu reconhecia da

cidade. Henry, alguns fregueses do bar e até o Dr. Janes. Alguns corpos tinham estacas; outros, mordaças, as mãos e os pés atados e as bocas aparentemente paralisadas pelo pavor; outros simplesmente estavam enroscados como se estivessem mortos.

A visão me transformou completamente. Tirei o chapéu e me ajoelhei, humilde, rezando a Deus ou a quem me ouvisse para salvá-los. Lembrei-me dos gritos de Anna, do medo sombrio nos olhos de Pearl. Sim, elas não poderiam viver ali, mas por que meu pai tinha de tolerar esse tratamento brutal? Ninguém merecia morrer daquela forma, nem mesmo monstros. Por que não bastaria simplesmente expulsá-los da cidade?

Damon se ajoelhou e corri para seu lado. Katherine estava deitada de costas, com cordas prendendo seus braços e pernas. As cordas devem ter sido cobertas com verbena, pois havia queimaduras terríveis nos trechos de pele que a tocavam. Uma máscara de couro cobria seu rosto e o cabelo estava colado em sangue seco.

Recuei, sem querer tocá-la ou mesmo olhá-la, enquanto Damon tentava desfazer a mordaça. Quando ela se libertou, simplesmente não pude deixar de perceber seus dentes, suas presas, sua verdadeira natureza, óbvia como eu jamais vira. Mas Damon a olhava como se estivesse em transe. Tirou gentilmente os cabelos do seu rosto e se curvou devagar para lhe dar um beijo nos lábios.

— Obrigada — disse Katherine simplesmente.

Olhando os dois, o modo como os dedos de Katherine afagavam os cabelos de Damon, como Damon chorava no seu colo, entendi que esse era o verdadeiro amor. Enquanto eles se olhavam nos olhos, saquei minha faca do bolso e delicadamente tentei cortar as cordas que a amarravam. Trabalhei lenta e cuidadosamente, sabendo que qualquer contato a mais com as cordas lhe causaria ainda mais dor.

— Rápido! — sussurrou Damon, sentando-se nos calcanhares e vendo meu trabalho.

Libertei um braço, depois outro. Katherine suspirou, trêmula, meneando os ombros como quem quer averiguar se ainda funcionavam.

— Socorro! — exclamou uma mulher pálida e magra a quem não reconheci. Estava agachada no fundo da carroça.

— Nós voltaremos — prometi, mentindo. Não voltaríamos.

Damon e Katherine tinham de fugir e eu precisava... Bem, precisava ajudá-los.

— Stefan? — disse Katherine baixinho enquanto lutava para se levantar. Damon imediatamente correu para seu lado e sustentou seu corpo frágil.

Nesse momento ouvi passos perto da carroça.

— Fuga! — gritou um dos guardas. — Precisamos de apoio! Havia uma brecha na carroça!

— Corram! — exclamei, empurrando Damon e Katherine na direção contrária à do guarda.

— Ninguém fugiu! Tudo calmo! — gritei para o escuro, com a esperança de que aquelas pessoas acreditassem em mim enquanto eu pulava para fora da carroça.

Vi então uma explosão de arma de fogo, antes de ouvir o tiro. Um gemido alto cortou o ar noturno, seguido rapidamente por outra explosão. Com o coração na garganta, contornei a carroça às pressas, sabendo o que encontraria.

— Damon! — gritei. Ele estava deitado no chão e sua barriga vertia sangue. Arrancando a camisa, pus o linho na ferida para estancar o sangramento. Eu sabia que era inútil, mas mantive o tecido pressionando contra o peito dele. — Não feche os olhos, meu irmão. Fique comigo.

— Não... Katherine... Salve-a... — Damon ofegou e sua cabeça tombou no chão molhado. Olhei, atordoado, na direção do bosque. Os dois guardas corriam de volta, com Jonathan Gilbert atrás deles.

Levantei-me, mas meu corpo recebeu o impacto explosivo, penetrante e agonizante de um projétil. Senti o peito explodir e o ar frio da noite dominar meu corpo enquanto eu caía de costas, sobre meu irmão. Abri os olhos e vi a lua, depois tudo escureceu.

29

Quando voltei a abrir os olhos, sabia que estava morto; mas não era a morte dos meus pesadelos, cercado por um vazio negro. Eu sentia o cheiro distante de incêndio, a terra áspera sob meu corpo, minhas mãos pousadas de lado. Não sentia dor, não sentia nada. A escuridão envolvia-me de uma forma quase reconfortante. O que era aquilo? Não era nada parecido com o horror e a desordem da noite passada. Era silencioso e tranqüilo.

Tentei mexer um dos braços, admirado quando minha mão tocou um pouco de palha. Sentei-me, com esforço, surpreso por ainda ter um corpo, surpreso por nada doer. Olhei ao redor e percebi que não estava suspenso no vazio. À minha esquerda havia as tábuas rústicas da parede de uma cabana escura. Se eu forçasse a vista, veria o céu entre as frestas. Eu estava em algum lugar, mas onde? Minha mão tocou meu peito. Lembrei-me do tiro, do seu estrondo, do som do meu corpo batendo no chão, do modo como fui espetado com botas e varas, de como meu coração parou de bater e ouvi um grito antes que tudo ficasse em silêncio. Eu estava morto. Então...

— Olá? — chamei com a voz rouca.

— Stefan — disse uma voz feminina. Senti sua mão nas minhas costas. Percebi que eu usava uma camisa de algodão simples, azul e desbotada, e calças de linho cor de caramelo, roupas que não reconheci como minhas. Embora fossem velhas, estavam limpas. Esforcei-me para me levantar, mas a mão pequena e surpreendentemente forte me reteve pelo ombro. — Você teve uma longa noite.

Eu pisquei e, enquanto meus olhos se adaptavam à luz, percebi que a voz pertencia a Emily.

— Você está viva — percebi, assombrado.

Ela riu, um riso baixo e demorado.

— Devo dizer o mesmo de você. Como se sente? — perguntou ela, trazendo uma caneca de estanho com água aos meus lábios.

Bebi, deixando que o líquido frio escorresse pela garganta. Nunca provei nada tão puro, tão bom. Toquei meu pescoço, onde Katherine me mordera. Estava limpo e liso. Apressadamente abri a camisa, arrancando vários botões. Meu peito estava liso, sem sinal do ferimento a bala.

— Continue bebendo — murmurava Emily, como uma mãe faria com seu filho.

— Damon? — perguntei rudemente.

— Ele está lá fora. — Emily apontou com o queixo para a porta. Segui seu olhar, onde vi uma figura escura sentada à beira da água. — Recupera- se, como você.

— Mas como...

— Olhe seu anel. — Emily tocou a minha mão. Em meu dedo anular havia uma pedra de lápis-lazúli cintilante, engastada em prata. — É um remédio e uma proteção. Katherine ordenou-me que fizesse um para você na noite em que o marcou.

— Me marcou... — repeti estupidamente, mais uma vez tocando o pescoço e deixando que meus dedos caíssem na pedra lisa do anel.

— Marcou-o para ser igual a ela. Você é quase um vampiro, Ste-fan. Está avançado na transformação — disse Emily, como se fosse uma médica diagnosticando a doença terminal de um paciente.

Assenti como se compreendesse o que Emily dizia, embora isso pudesse muito bem ter sido dito numa língua completamente diferente. Transformação?

— Quem me encontrou? — perguntei, começando com a pergunta que menos importava.

— Eu. Depois que atiraram em você e no seu irmão, todos fugiram. A casa se incendiou e morreram várias pessoas. Não apenas vampiros — Emily balançou a cabeça, tendo uma expressão profundamente perturbada no rosto. — Eles levaram todos os vampiros para a igreja e os queimaram ali. Inclusive ela — disse Emily, com um tom impossível de compreender.

— Ela, então, me tornou um vampiro? — perguntei, tocando o pescoço.

— Sim. Mas, para completar a transição, você deve se alimentar. É uma decisão que terá de tomar. Katherine teve o poder

de causar destruição e morte, mas mesmo ela precisou dar às suas vítimas essa escolha.

— Ela matou Rosalyn. — Eu sabia disso como sabia que Damon amava Katherine. Era como se uma nuvem houvesse se erguido, revelando mais trevas.

— Sim, matou — disse Emily, com uma expressão inescrutável. — Mas isso não tem nenhuma relação com o que está acontecendo. Se decidir, poderá se alimentar e completar a transição, ou deixar-se...

— Morrer? Emily assentiu.

Eu não queria me alimentar. Não queria o sangue de Katherine em mim. Queria somente voltar vários meses, antes de ter ouvido o nome Katherine Pierce. Meu coração se contorcia de agonia por tudo o que perdi, mas havia alguém que perdera mais.

Como se lesse meus pensamentos, Emily me ajudou a erguer-me. Ela era pequena, mas forte. Levantei-me e saí, trêmulo.

— Irmão! — chamei. Damon se virou, com os olhos brilhando.

A água refletia o sol nascente e a fumaça subia em ondas através das árvores ao longe, mas a clareira estava sinistramente silenciosa e pacífica, remontando a uma época mais antiga e mais simples.

Damon não respondeu. E antes que eu percebesse o que fazia, andei até a beira da água. Sem me incomodar em tirar as roupas, mergulhei. Emergi para respirar, mas minha mente ainda era escura e suja.

Damon me olhava da margem.

— A igreja foi incendiada. Katherine estava lá — disse ele inexpressivamente.

— Sim. — Não senti satisfação ou tristeza, somente um profundo pesar, muito profundo. Por mim, por Damon, por Rosalyn, por todos os que foram envolvidos nessa teia de destruição. Meu pai tinha razão. Havia demônios que andavam sobre a terra e, se não os combatêssemos, nos tornaríamos um deles.

— Sabe o que somos? — perguntou Damon, amargo.

Nós nos fitamos e percebi que não queria viver como Katherine. Não queria poder ver o sol apenas com a ajuda de um anel no dedo. Não queria ver um pescoço humano como minha próxima

refeição. Não queria viver para sempre.

Mergulhei na água e abri os olhos. O lago era escuro e frio, como a cabana. Se a morte era assim, não era ruim. Era pacífica, silenciosa. Não havia paixão, mas não havia perigo.

Subi à superfície e tirei os cabelos do rosto, as roupas emprestadas pendendo do meu corpo ensopado. Embora soubesse o meu destino, sentia- me extraordinariamente vivo.

— Então morrerei.

Damon assentiu, com os olhos opacos e indiferentes.

— Não existe vida sem Katherine.

Saí da água e abracei meu irmão. Seu corpo era quente, real. Damon retribuiu brevemente meu abraço, mas depois envolveu os joelhos, tendo o olhar fixo em um ponto distante da margem do lago.

— Quero que isso acabe — disse Damon, levantando-se e andando para a pedreira. Eu o vi se retirar, lembrando-me da época em que eu tinha 8 ou 9 anos e meu pai e eu fomos caçar. Foi pouco depois de a minha mãe morrer e, enquanto Damon estava envolvido em farras de estudante como jogos e corridas de cavalos, apeguei-me ao meu pai. Um dia, para me animar, papai me levou ao bosque com nossos rifles.

Passamos uma hora seguindo um animal. Meu pai e eu entrávamos cada vez mais no bosque, observando cada movimento do bicho. Por fim, estávamos num ponto em que o vimos se curvar, alimentando-se de um arbusto de frutas silvestres.

"Atire", murmurou papai, guiando o rifle sobre meu ombro. Eu tremia ao manter a mira no animal e colocar o dedo no gatilho. Porém, no momento em que apertei o gatilho, o filhote disparou pelo campo. O macho fugiu e a bala atingiu a fêmea na barriga. Suas pernas cederam e ela caiu no chão.

Corri para tentar ajudá-la, mas papai me impediu, segurando-me pelo ombro.

"Os animais sabem quando é hora de morrer. Vamos ao menos deixá-la fazer isso em paz", disse meu pai, afastando-me à força. Eu reclamei, mas ele foi implacável. Observando Damon, eu compreendi; ele estava do mesmo jeito.

— Adeus, maninho — sussurrei.

30

Embora Damon quisesse morrer sozinho, eu tinha um assunto inacabado a resolver. Saí da clareira e comecei a voltar à propriedade. O bosque cheirava a fumaça e as folhas começavam a cair. Esfarelavam-se sob as botas gastas que eu tinha nos pés e me faziam lembrar de todas as vezes em que Damon e eu brincamos de esconde-esconde quando crianças. Perguntei-me se ele tinha algum remorso ou se sentia tão vazio quanto eu. Perguntei-me se nos veríamos no Paraíso, sendo como éramos.

Fui até a casa. A casa de hóspedes estava queimada e ainda ardiam algumas chamas, suas vigas expostas como um esqueleto. Várias das estátuas que cercavam o labirinto estavam quebradas, e tochas e escombros se espalhavam pelo gramado antes luxuoso, mas a luz da varanda da casa principal estava acesa e uma carruagem abaixo do pórtico chamou minha atenção.

Aproximei-me e ouvi vozes vindas da varanda. Imediatamente abaixei- me sob os arbustos. Escondido pelas folhas, engatinhei contra a parede até chegar à janela que dava para a varanda. Espiando por ela, distingui a sombra do meu pai. Uma única vela lançava feixes fracos de luz pela sala e percebi que Alfred não estava no seu lugar usual, sentado à porta, pronto para receber os convidados. Perguntei-me se algum dos criados fora morto.

— Mais conhaque, Jonathan? Temperado com verbena. Mas não precisamos nos preocupar mais — disse papai e as palavras flutuaram pela porta.

— Obrigado, Giuseppe. E agradeço por me receber aqui. Sei que tem muito no que pensar — respondeu Jonathan sobriamen-te enquanto aceitava o copo. Vi a preocupação estampada no rosto de Jonathan e meu coração se condoeu por ele, pela verdade terrível que descobrira sobre Pearl.

— Sim, obrigado — disse papai, afugentando o pensamento.

— É importante, porém, que encerremos esse triste capítulo da

história da nossa cidade. É a única coisa que quero fazer por meus filhos. Afinal, não quero que o legado dos Salvatore seja de simpatizantes do demônio. — Meu pai tossiu. — Assim aconteceu a batalha do córrego Willow, quando um grupo de insurgentes da União armou um ataque ao acampamento confederado — começou ele com sua sonora voz de tenor, como se contasse uma história. E Stefan e Damon esconderam-se no bosque para tentar encontrar algum soldado inimigo, e, a certa altura... — continuou Jonathan.

— A certa altura foram tragicamente mortos, como os outros 23 civis que morreram pelo seu país e pelas suas crenças. Foi uma vitória confederada, mas custou a vida de inocentes — disse papai, erguendo a voz como que para se convencer da história que tecia.

— Sim, e falarei com os Hagerty sobre um monumento. Algo para reconhecer esse terrível período da história da nossa cidade — murmurou Jonathan.

Fiquei abaixado, espiando por um canto da janela. Vi meu pai assentir, satisfeito, e o frio tomou minhas veias. Então este era o legado da minha morte: que fui morto por um bando de soldados degenerados. Eu soube, mais do que nunca, que precisava falar com meu pai. Ele precisava ouvir toda a verdade, saber que Damon e eu não éramos simpatizantes, que o problema poderia ter sido solucionado sem um banho de sangue e de violência.

— Mas Giuseppe...? — perguntou Jonathan, bebendo um longo gole do seu copo.

— Sim, Jonathan?

— É um momento de triunfo na nossa história. Os vampiros foram destruídos e seus corpos se transformarão em pó. Livramos a cidade dessa desgraça e, graças ao incêndio da igreja, esse mal nunca mais voltará. Foram decisões difíceis e heróicas, mas vencemos. Esse é nosso legado — disse Jonathan enquanto fechava seu livro com um baque decisivo.

Meu pai assentiu e secou o próprio copo. Depois se levantou.

— Obrigado — disse ele, estendendo a mão. Vi os dois homens trocarem um aperto de mãos e Jonathan desaparecer nas sombras da casa. Um instante depois, ouvi sua carruagem sendo atrelada e os cavalos se afastando. Engatinhei até a beira da varanda. Levantei-me, estalando os joelhos, e passei pela porta, entrando na casa que um dia

fora minha.

31

andei furtivamente pela casa, retraindo-me sempre que meu pé batia em uma tábua solta ou em um canto que rangia. Pela luz no final da casa, eu sabia que meu pai saíra da sala de estar e estava no seu escritório, certamente registrando por escrito o que ele e Jonathan haviam inventado, no seu diário. Fiquei parado na soleira da porta e o olhei por um momento. Seus cabelos eram brancos como a neve e vi manchas senis nas suas mãos. Apesar das mentiras que ouvi, meu coração se condoeu por ele. Era um homem que jamais tivera uma vida fácil e que, depois de enterrar a esposa, teria de enterrar os dois filhos.

Dei um passo na direção dele e a cabeça do meu pai se levantou repentinamente.

— Meu bom Senhor... — disse ele, largando a pena no chão com um ruído.

— Pai — falei, estendendo-lhe as mãos. Ele se levantou, me encarando desvairadamente.

— Está tudo bem — disse eu com gentileza. — Quero conversar com o senhor...

— Você está morto, Stefan — disse papai devagar, ainda boquiaberto.

Balancei a cabeça.

— O que quer que pense sobre Damon e eu, deve saber que não o traímos.

O medo no rosto dele se transformou em fúria.

— Vocês me traíram. Não apenas a mim, mas a toda a cidade. Deveriam estar mortos, depois de como me envergonharam.

Olhei para ele, com a raiva crescendo em mim.

— Mesmo na nossa morte, o que sente é vergonha? — perguntei. Era algo que Damon diria e, de certa forma, senti a presença dele ao meu lado. Eu fazia isso por ele, por nós dois, para que ao menos morrêssemos com a verdade do nosso lado.

Mas meu pai mal me ouvia. Em vez disso, fitava-me.

— Você é um deles agora. Não é verdade, Stefan? — disse papai, afastando-se de mim, devagar, como se eu estivesse prestes a atacá-lo.

— Não. Não. Nunca serei um deles. — Balancei a cabeça, na esperança vã de que meu pai acreditasse em mim.

— Mas você é! Eu o vi sangrar e dar seu último suspiro. Deixei-o para os mortos. E o vejo aqui. Você é um deles — disse papai, de costas para a parede.

— O senhor me viu ser baleado? — perguntei, confuso. Lembrei-me das vozes, do caos. De ouvir "Vampiro" sendo gritado sem parar no escuro, de sentir Noah me puxar de cima de Damon. Tudo então escureceu.

— Eu mesmo apertei o gatilho. Atirei em você e em Damon. E aparentemente não foi o bastante — disse papai. — Preciso concluir o trabalho — disse ele, com a voz fria como gelo.

— O senhor matou os próprios filhos? — perguntei, com a raiva tomando minhas veias.

Meu pai avançou para mim ameaçadoramente e, embora me considerasse um monstro, era eu quem tinha medo.

— Os dois morreram para mim assim que se associaram com vampiros. E você vem até aqui e me pede perdão, como se pudesse ser perdoado com ura "desculpe-me". Não. Não. — Meu pai se afastou da mesa e andou na minha direção, com os olhos ainda disparando para os lados, dessa vez como se fosse o caçador e não a presa. — É uma bênção que sua mãe tenha morrido antes de ver a desgraça que você se tornou.

— Ainda não me tornei, e não quero me tornar. Vim dizer adeus. Vou morrer, pai. O senhor fez o que deveria fazer... Matou-me — falei. As lágrimas brotaram dos meus olhos. — Não precisava ser assim, pai. É o que o senhor e Jonathan Gilbert deveriam escrever na sua história falsa: que não precisava ser desse modo.

— Era "desse modo" que tinha de ser — disse papai, avançando para uma bengala que mantinha num vaso grande, no canto da sala. Rapidamente, ele a quebrou em duas no chão e estendeu a ponta irregular e longa para mim.

Sem pensar, desviei-me dele e torci seu braço livre, fazendo-o

cair contra a parede.

Meu pai gritou, angustiado, ao bater no chão. Depois eu vi. A estaca se projetava da sua barriga, jorrando sangue por todos os lados. Empalideci, sentindo o estômago subir ao peito e a bile encher minha garganta.

— Pai! — Corri para ele e abaixei-me. — Não pretendia fazer isso. Pai...

— Eu ofegava. Peguei a estaca e a puxei do seu abdome. Meu pai gritou e logo o sangue jorrou da ferida como um gêiser. Fiquei olhando, apavorado, mas também em transe. O sangue era tão vermelho, tão doce, tão bonito. Era como se me chamasse. Parecia que eu morreria naquele segundo se não bebesse o sangue. E assim, involuntariamente, movi a mão para a ferida e a trouxe em concha aos lábios, provando o líquido que tocava minhas gengivas, a língua e a garganta.

— Afaste-se de mim! — sussurrava meu pai asperamente, empurrando- se contra a parede. Ele arranhou minha mão numa tentativa de afastar-me da ferida e depois tombou com os olhos se fechando.

— Eu... — comecei, mas senti uma pontada de dor perfurar minha boca. Era pior do que quando levei um tiro. Era uma sensação de compressão, seguida por um milhão de agulhas penetrando minha carne.

— Afaste-se... — Meu pai ofegava, cobrindo o rosto com as mãos ao lutar por um pouco de ar. Tirei as mãos da boca e passei os dedos nos dentes, que haviam se tornado afiados e pontiagudos. Percebi que realmente era um deles.

— Pai, beba meu sangue. Posso salvá-lo! — disse eu, com urgência, abaixando-me e colocando-o sentado, encostado na parede. Levei meu pulso à boca, deixando que os novos dentes, afiados como uma faca, rasgassem facilmente a pele. Encolhi-me e estendi o ferimento para meu pai, que recuou; o sangue continuava a jorrar da sua ferida.

— Posso curá-lo. Se beber esse sangue, a ferida será curada. Por favor?

— pedi, fitando-o.

— Prefiro morrer — declarou ele. Um instante depois, seus

olhos se fecharam e ele escorregou para o chão, com uma poça de sangue se formando ao redor do corpo. Coloquei a mão no seu coração, sentindo seu ritmo diminuir até parar.

32

Dei as costas para a casa e comecei a andar, depois a correr, pela estrada de terra, seguindo para a cidade. De algum modo, sentia que meus pés mal tocavam o chão. Eu corria cada vez mais rápido, mas minha respiração não se alterava. Senti que poderia correr dessa forma para sempre e queria isso, pois a cada passo me distanciava mais dos horrores que testemunhara.

Procurei não pensar, bloquear as lembranças da minha mente. Concentrei-me no toque leve da terra enquanto rapidamente colocava um pé adiante do outro. Percebi que mesmo no escuro eu enxergava a névoa brilhar nas poucas folhas que ainda estavam presas às árvores. Podia ouvir a respiração dos esquilos e dos coelhos que corriam pelo bosque. E sentia cheiro de ferro em toda parte.

A estrada de terra tornou-se de pedras enquanto eu entrava na cidade. Parece que não levei tempo algum para chegar ali, embora normalmente não percorresse a mesma distância em menos de uma hora. Reduzi o passo e parei. Meus olhos ardiam enquanto eu me virava lentamente da esquerda para a direita. A praça da cidade parecia de algum modo diferente. Insetos andavam na terra, entre as pedras do calçamento. A tinta descascava das paredes da mansão Lockwood, embora houvesse sido construída havia apenas alguns anos. Havia ruína e decadência em tudo.

Mais invasivo era o cheiro de verbena. Estava em toda parte. Mas, em vez de ser vagamente agradável, o odor era devorador e me deixava tonto e nauseado. A única coisa que combatia esse cheiro era o aroma inebriante de ferro.

Respirei fundo, sabendo que o único remédio contra a fraqueza induzida pela verbena era aquele cheiro. Cada fibra do meu corpo gritava que eu precisava encontrar sua origem, precisava me nutrir. Olhei em volta, faminto, rapidamente percorrendo a paisagem entre o bar no final da rua e o mercado na extremidade do quarteirão: nada.

Inspirei novamente e percebi que o aroma — o cheiro glorioso,

terrível e maldito — estava mais próximo. Girei o corpo e respirei fundo ao ver Alice, a bonita e jovem garçonete da taberna, andando pela rua. Cantarolava consigo mesma e andava tranqüilamente, sem dúvida por ter provado um pouco do uísque que servira durante toda a noite. Os cabelos eram uma chama vermelha contra a pele clara. Seu cheiro era quente e doce, como ferro, fumaça de madeira e tabaco.

Ela era o remédio.

Meti-me na sombra das árvores que cercavam a rua. Impressionei-me com quanto barulho ela fazia. Seu cantarolar, a respiração, cada passo descuidado, tudo era registrado no meu ouvido e eu não conseguia deixar de me perguntar por que ela não acordava toda a cidade.

Finalmente ela passou, suas curvas perto o bastante para que eu tocasse. Estendi a mão, pegando-a pelos quadris. Ela ofegou.

— Alice — falei, minha voz ecoando oca nos meus ouvidos. — É Stefan.

— Stefan Salvatore? — disse ela, sua confusão rapidamente se transformando em medo. — Mas... Mas você está morto.

Senti o cheiro do uísque no seu hálito; pude ver seu pescoço branco e as veias azuis correndo por baixo da pele, e praticamente desfaleci. Mas não a toquei com os dentes, ainda não. Saboreei a sensação de tê-la nos braços, o alívio doce por saber que aquilo por que eu ansiava incontrolavelmente alguns segundos antes estava nas minhas mãos.

— Shh... — murmurei. — Ficará tudo bem.

Deixei que meus lábios roçassem na sua pele, maravilhando-me com sua doçura e sua fragrância. A expectativa era intensa. Em seguida, quando não consegui mais me reprimir, abri os lábios e cravei meus dentes no seu pescoço. O sangue corria contra meus dentes, minhas gengivas, entrando no meu corpo, trazendo calor, força e vida. Suguei ansiosamente, parando apenas quando Alice ficou mole nos meus braços e seu batimento cardíaco se reduziu a um baque surdo. Enxuguei a boca e olhei seu corpo inconsciente, admirando minha obra: duas perfurações perfeitas no pescoço, de apenas alguns centímetros de diâmetro.

Ela ainda não estava morta, mas eu sabia que morreria em breve.

Coloquei Alice sobre meu ombro, mal sentindo seu peso e meus pés no chão ao correr pela cidade, entrar no bosque e voltar à clareira.

33

A pálida luz da lua dançava nos cabelos brilhantes de Alice enquanto eu corria para a clareira. Passei a língua pelas minhas presas ainda pontudas, revivendo a sensação dos meus dentes no seu pescoço dócil e submisso.

"Você é um monstro", sussurrou uma voz de algum lugar na minha mente. Mas, no manto da escuridão, com o sangue de Alice correndo pelas minhas veias, as palavras não tinham significado nem eram acompanhadas de culpa alguma.

Entrei, num rompante, na cabana. Estava silenciosa, mas o fogo fora alimentado e ardia vivo. Olhei as chamas, momentaneamente em transe com os tons de violeta, preto, azul e até verde que nela vi. Depois ouvi uma respiração fraca em um canto da sala.

— Damon? — chamei, minha voz ecoando tão alto nas vigas rústicas que estremeci. Eu ainda pensava como se estivesse caçando.

— Maninho?

Distingui uma figura recurvada sob um cobertor. Observei Damon de longe, como se fosse um estranho. Seus cabelos escuros estavam colados no pescoço e ele tinha manchas de sujeira pelo rosto. Os lábios estavam rachados, os olhos injetados. O ar à sua volta tinha um cheiro insuportável — o cheiro de morte.

— Levante-se! — disse eu rudemente, largando Alice no chão. Seu corpo quase sem vida caiu com um baque. Os cabelos ruivos estavam cobertos de sangue e os olhos parcialmente fechados. O sangue se acumulava em volta dos dois buracos onde eu a mordera. Lambi os lábios, mas me obriguei a deixar o resto dela para Damon.

— O quê? O que você...? — O olhar de Damon vagou de Alice para mim, voltando a ela. — Você se alimentou? — perguntou ele, encolhendo- se ainda mais no canto e cobrindo os olhos, como se de algum modo pudesse apagar aquela imagem.

— Trouxe-a para você. Damon, precisa beber — insisti, ajoelhando-me ao lado dele.

Damon balançou a cabeça.

— Não. Não — disse ele, rouco, com a respiração difícil de quem se aproxima da morte.

— Basta colocar sua boca do pescoço dela. É fácil — tentei persuadi-lo.

— Não faria isso, maninho. Leve-a daqui — disse ele, encostando-se na parede e fechando os olhos.

Balancei a cabeça, sentindo a fome roer o estômago.

— Damon, ouça-me. Katherine se foi, mas você está vivo. Olhe para mim, veja como é simples — disse eu enquanto encontrava, com cuidado, a ferida original que fizera no pescoço de Alice. Afundei os dentes novamente nas perfurações e bebi. O sangue estava frio, mas ainda me saciou. Olhei para Damon, sem me incomodar em limpar o sangue da boca. — Beba — insisti, empurrando o corpo de Alice pelo chão, para que ficasse ao lado de Damon. Peguei-o pelas costas e o forcei na direção do corpo. Ele começou a lutar, depois parou, os olhos fixos na ferida. Eu sorri, sabendo o quanto ele queria, o quanto sentia o cheiro dominador do desejo.

— Não controle esse desejo. — Empurrei as costas dele para que seus lábios estivessem a centímetros do sangue e o segurei. Senti-o respirar fundo e sabia que ele recuperava as forças ao ver a fartura vermelha, a possibilidade do sangue. — Somos apenas nós. Para sempre. Irmãos. Outras Katherines surgirão, para sempre, pela eternidade. Podemos enfrentar o mundo como somos, — Parei, seguindo o olhar de Damon até o pescoço de Alice. E ele mordeu-a e bebeu longa e profundamente seu sangue.

34

Olhei com satisfação Damon beber vigorosamente, seus goles inseguros tornando-se grandes goladas à medida que mantinha o rosto no pescoço de Alice. Enquanto seu corpo quase sem vida ficava lívido, um rubor saudável surgia no rosto de Damon.

Damon bebia as últimas gotas do sangue de Alice e dei alguns passos para fora da cabana. Olhei em volta, assombrado. Na noite anterior, a área parecera desolada, mas eu percebia, ali, que era cheia de vida — o cheiro de animais no bosque, o bater das asas dos pássaros, o som do coração de Damon e do meu. Esse lugar — o mundo todo — estava cheio de possibilidades.

Meu anel cintilava ao luar e levei-o aos lábios. Katherine me dera a vida eterna. Meu pai sempre nos disse para encontrarmos nosso Poder, achar nosso lugar no mundo. E eu encontrara, embora ele não pudesse aceitar minha escolha.

Respirei fundo e o cheiro acobreado de sangue encheu minhas narinas. Virei-me enquanto Damon saía da cabana. Parecia mais alto e mais forte do que momentos atrás. Notei que tinha um anel idêntico no dedo médio.

— Como se sente? — perguntei, esperando que ele visse tudo o que eu via.

Damon se afastou de mim e foi até a água. Ajoelhou-se e levou o líquido à boca, na mão em concha, lavando os restos de sangue dos lábios.

Agachei-me ao lado dele, na beira do lago.

— Não é maravilhoso? — perguntei. — Todo um mundo novo, e é nosso! Para sempre! — concluí, frivolamente. Damon e eu jamais envelheceríamos. Não teríamos de morrer.

— Tem razão — disse Damon devagar, como se falasse numa língua desconhecida.

— Vamos explorá-lo juntos. Pense bem: podemos ir à Europa, conhecer o mundo, deixar a Virgínia e as lembranças para trás... —

Toquei seu ombro.

Damon se virou para mim, com os olhos arregalados. Eu recuei, temeroso. Havia algo diferente nele, algo desconhecido nos seus olhos escuros.

— Está feliz agora, maninho? — Damon bufou com desprezo. Aproximei-me dele e disse.

— Preferia estar morto a ter todo o mundo à sua disposição? Devia agradecer a mim!

A fúria lampejou nos seus olhos.

— Agradecer a você? Eu jamais lhe pedi para fazer da minha vida um inferno do qual não posso escapar — disse ele, cuspindo cada palavra. Subitamente ele me puxou num abraço com tal força que ofeguei. — Mas escute isto, irmãozinho — sibilou ele no meu ouvido. — Ficaremos juntos pela eternidade, mas cuidarei para que ela seja de sofrimento para você. — Ele me soltou e correu para o bosque escuro.

Enquanto sua forma desaparecia nas sombras negras das árvores, um único corvo subiu da mata. Soltou um ruído lamentoso e se foi.

Repentinamente, num mundo que minutos atrás era repleto de possibilidades, eu estava inteiramente sozinho.

Epílogo

Outubro, 1864

Quando tento reconstituir o momento em que sucumbi ao meu Poder e destruí minha relação com Damon, imagino uma fração de segundo de silêncio. Naquele segundo, Damon se virou, nossos olhos se encontraram e fizemos as pazes.

Mas não houve silêncio, nem haverá novamente. Ouço constantemente o farfalhar de animais no bosque, a respiração acelerada que sobrevém quando um ser sabe que o perigo está próximo, o bate-bate-para de um coração em pânico. Também ouço meus pensamentos, tombando e se chocando como ondas no mar.

Se eu não houvesse sido fraco quando Katherine me olhou nos olhos, se eu não tivesse voltado para ver meu pai, se não tivesse feito Damon beber.

Mas foi o que fiz. O fruto dessas decisões é um manto que se torna mais escuro e mais nublado com o tempo. Devo viver com as conseqüências dos meus pecados para sempre.

Fim

Este *ePub* foi criado em Fevereiro de 2014 por
LeYtor
Tendo como base a tradução em *Pdf* de
Shadow Hunters